



Um amor para
Recomeçar

ERIKA MARTINS

DESTINADOS A AMAR - 2



Um amor para
Recomeçar

ERIKA MARTINS

Copyright © 2018 ÉRIKA MARTINS

Produção Editorial: Murillo Magalhães – Fênix Produções Editoriais

Capa: Michaelly Amorim – Fênix Produções Editoriais

Revisão: Morgana Brunner

Diagramação: Denilia Carneiro – Fênix Produções Editoriais

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

UM AMOR PARA RECOMEÇAR

Destinados a Amar – 2

1ª Edição

2018

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Querido leitor,](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo Bônus](#)

[Agradecimentos](#)

Querido leitor,

Em primeiro lugar gostaria de agradecer por ter dado uma oportunidade para conhecer a história de Guilherme e Letícia. No entanto, também gostaria de citar alguns pontos antes de mergulhar neste romance cheio de bom humor.

Em *Um amor para recomeçar* não é citada uma cidade específica onde desenrola a história. Deixe sua imaginação livre para encontrar o lugar perfeito para ela, nenhum local real é citado no meu livro, qualquer semelhança a realidade é mera coincidência.

O intuito do livro é mostrar um relacionamento verdadeiro, realista, sem a adição desnecessária de brigas, acidentes ou crimes.

Aproveite o máximo a leveza desse livro e se apaixone.

Boa leitura!

Com carinho, Erika Martins.

*Para o meu amigo Cleiton, assim marcaremos esse século
juntos.*



*Para todos aqueles que encontraram sua outra metade, sua alma
gêmea.*





Prólogo

Já se sentiu como uma peça de quebra-cabeça pedida?

Não? Bom.

Não é algo aconselhável a sentir.

Era um sentimento estranho, sem ter quase ninguém por perto para lhe apoiar. Ou uma simples pessoa que se adeque perfeitamente a você. Que se molde a sua personalidade com a certeza de que aquele era o único lugar onde poderia se encaixar.

A vida era assim.

Um grande jogo de quebra-cabeça onde muitos se encontravam e outros se perdiam. No entanto, a procura pela peça certa era longa e cansativa. Longa demais para ser mais exato. Às vezes, nem sempre você tem tanta sorte em encontrar seu par perfeito. Dizia a si mesmo, geralmente com muita insistência, de que não precisava ser perfeito, mas que pelo menos se encaixasse.

Pura ingenuidade.

Ainda se lembrava com clareza da ansiedade que tomava sua barriga, enquanto aguardava naquele restaurante. Tinha se apaixonado por um homem incrível e acreditado que enfim havia encontrado alguém que se encaixava a ela. Que mesmo com todas as imperfeições de sua personalidade, era sua peça. Ele seria a sua metade e completaria o vazio de sua alma.

Foram os vinte minutos mais tensos de sua vida, Eduardo tinha chegado em seu terno perfeito e andar calmo. Letícia ansiou pelo momento em que ele a pedisse em casamento, em que tiraria uma pequena caixa aveludada de suas roupas caras e um anel se mostrasse, implorando por um compromisso sério.

Afinal, qual outro motivo teria para marcar um encontro no lugar conhecido pelo mais romântico da cidade?

Entretanto, o que ganhou foi um sorriso cafajeste e uma despedida provando que nem tudo o que diziam sobre o restaurante era verdade. Em vez de encontrar sua peça, ela foi perdida, ou melhor, deixada para trás.

— Sinto muito, *Leth* — disse calmamente como se não tivesse destruído seu mundo colorido. — Não posso continuar o que há entre nós dois, não estou pronto para compromissos sérios.

E foi isto.

Simples assim, ele a deixou.

Não derramou uma única lágrima aquele dia, somente se sentia em choque. Caminhou em passos lentos para fora do restaurante e acenou para um táxi. No caminho de volta para a segurança de sua casa, sentiu que poderia ter se apaixonado, mas aquilo não era um amor de verdade. Ainda que um sentimento de pesar encheu seu coração, Letícia manteve sua cabeça erguida. Tinha se esgotado de homens que não a valorizavam. Chegou em casa cheia de força e determinação. Beijou seu avô, sua única família, que tomava uma caneca de leite na cozinha e foi para seu quarto sem dizer uma única palavra.

Semanas depois se encontrou na frente de uma clínica especializada em fertilização *in vitro*, com o coração acelerado e as mãos suando frio. Aquele era o seu *Plano B*. Sonhava em ser mãe desde que se entendia por gente. Não iria mais procurar por aquela peça que se encaixava a ela, iria construir uma família sem ele. O medo de ficar sozinha remoía suas entranhas e deixava-a em pânico. Seu avô não seria eterno e seu peito doía em pensar perdê-lo, mas tinha que ser realista, a vida não era para sempre. E o maior sonho dele era ver Letícia carregando uma criança, compartilhavam dos mesmos sonhos.

Um sonho que se tornou muito mais importante do que procurar pelo homem que estava destinado a ela.

Não foi um processo fácil.

Foi longo e até mesmo um pouco incômodo. O primeiro passo tinha sido os inúmeros exames para ter a certeza de que seu corpo estava saudável para gerar uma vida. Então, começou o processo de indução da ovulação com medicamentos para a fertilidade. O que levou a mais exames para acompanhar a evolução do desenvolvimento da criação de óvulos, ultrassom e testes de urina e sangue.

A fase mais difícil foi escolher o doador. Folheou uma imensa pasta com as características de possíveis doadores e procurou por um homem que tivesse cabelos cor de mel e olhos verdes, como os dela. Queria que seu bebê se parecesse muito com ela. Que quando olhasse para a pequena vida que criou, se visse e tivesse a certeza que fez aquilo sozinha, mas que foi a melhor decisão que tomou nos últimos tempos.

Depois de algumas páginas, achou o que procurava.

E veio o segundo passo, recolher seus óvulos através de um pequeno procedimento cirúrgico minimamente invasivo. Uma agulha coletora foi guiada até seus ovários, depois da sedação, através de um processo de aspiração

folicular, os colheu.

Foi levada para um quarto assim que acabou e encontrou seu avô a aguardando com ansiedade.

— Como se sente, querida? — perguntou levemente preocupado.

— Estou bem — afirmou e aguardou o tempo necessário exigido por sua médica.

Sentiu cólicas, mas não foi nada assustador. No dia seguinte já estava melhor e pronta para o próximo passo.

O que não demorou muito.

Seus óvulos foram fecundados e esperavam por ela para a transferência dos embriões para seu útero.

Logo estava lá novamente, deitada sobre aquela cama com as pernas apoiadas nos estribos. Constrangedor, mas que valeria a pena cada segundo que suas bochechas coraram.

Suas mãos suavam frio. Seu coração batia descompassado e inúmeras borboletas reviravam seu estômago, enchendo-a de ansiedade.

Olhou para o teto branco daquela sala estéril e aguardou. Mordeu os lábios tentando acalmar seu nervosismo e respirou fundo. Seu *Plano B* estava quase concluído e não via a hora de realizar seus sonhos. Valeria a pena ter perdido mais da metade de sua poupança para gerar uma vida.

Quando acabou, chorou de emoção.

Dois meses depois estava com uma barriga levemente arredondada de gêmeos. O processo tinha grandes chances para uma gravidez gemelar. E por sorte conseguiu na primeira tentativa, algumas mulheres precisavam de mais tempo para realizar o sonho da gravidez.

Sentia-se como a mulher mais abençoada dos últimos tempos, em vez de um bebê, teria dois. Sua procura pela peça certa tinha se encerrado há muito tempo e agora sua única preocupação era cuidar com muito amor os pequenos que gerava.

No entanto, a vida não era assim tão simples.

Um domingo à tarde, dirigia tranquilamente pela rodovia e percebeu que não conseguia frear seu carro. Um arrepio passou por sua espinha, tentou manter a calma e desacelerar o carro sem pânico.

Não obteve sucesso, segurou com força o volante como se fosse capaz de parar o carro com as próprias mãos.

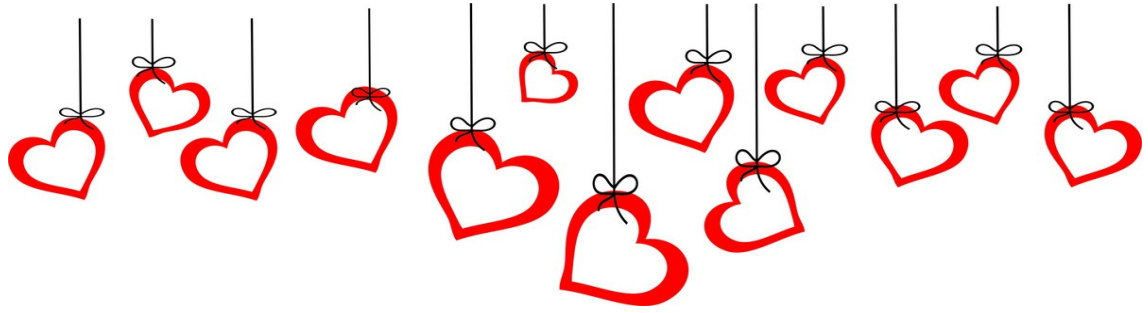
Um pequeno trevo a sua frente fez com que prendesse o ar. Medo a atravessou com força. Medo por tudo aquilo que seria tirado dela, de seus filhos. Deixaria seu avô sozinho se acabasse em um trágico acidente e não perdeu a ironia da situação.

Tentou frear e não conseguiu.

— Deus, me ajude — implorou.

Desviou de um carro e para seu imenso terror não conseguiu se afastar do outro, empurrou o volante tentando não matar nenhum inocente. O impacto foi forte, mostrando o quanto a velocidade de seu carro estava alta.

Não conseguiu saber o que aconteceu depois daquilo, borrões passaram por seus olhos. Sua testa doeu e seu braço inflamou em uma dor perturbadora. Ouviu sirenes, vozes e se perdeu na escuridão que tomou seu olhos.



Capítulo Um

Um baixo gemido saiu dos lábios de Letícia, sentia uma dor muscular que nunca experimentou antes. Suas memórias estavam tão pesadas que não conseguia abrir os olhos.

— Letícia? Consegue me ouvir? Sou o doutor Sales e vou cuidar de você.
— A voz firme disse bem perto do seu rosto.

Ela tentou responder, mas não conseguia mover os lábios. Sentia-se tão cansada que gostaria de dormir um pouco, deixar seu corpo relaxar e esperar a dor passar.

Entretanto, algo fez seus olhos estarem abertos. Percebeu que a voz em questão disse ser um doutor, lembranças de não conseguir controlar seu carro encheram sua mente, assim como o medo que sentiu pelas vidas que carregava.

— Letícia? — chamou-a novamente.

— Filhos — sussurrou sem entender o motivo de sua garganta estar tão dolorida.

— Você disse filhos? — questionou querendo a ter certeza do que disse.

— Filhos — sussurrou novamente.

— Você está grávida de gêmeos? — O médico perguntou em um tom calmo.

— Sim — sussurrou. — Filhos.

— Vou cuidar de vocês — prometeu. — Agora acompanhe a luz.

A luz em seus olhos foi incômoda.

— Consegue me dizer onde dói? — questionou.

— Braço.

— Você teve uma pequena fratura no punho direito e seu ombro deslocou no acidente — informou.

Letícia ficou tensa.

— Machuquei mais alguém? — perguntou sentindo-se tonta.

— Diga-me onde mais dói? — desviou do assunto.

— Minha cabeça — respondeu. — Alguém se machucou? Eu não tive a intenção... não consegui frear... por que eu não consegui?

— Fique calma, tudo bem? — olhou para ela com compaixão. — Primeiro vamos cuidar de seus machucados e de seus filhos, depois vemos o resto.

— Não foi minha intenção machucar alguém — sussurrou confusa.

— Eu sei que não, fique calma, ok? — questionou. — Vamos levá-la para alguns exames, não estou gostando da forma como continua desorientada. — O médico disse a enfermeira. — Traga a obstetra.



Com os olhos pesados, Letícia tentou abri-los para ver quem a tocava. Dedos delicados traçavam a linha do seu rosto com carinho. Sentia-se tão cansada e dolorida, mas lutava contra o sono que tentava envolvê-la.

— Me deixou preocupado. — Seu avô Berillo disse assim que abriu seus olhos. — Quase morri de aflição quando me ligaram para informar que sofreu um acidente — desabafou. — Como se sente?

— Cansada — murmurou.

— Isadora está na lanchonete — informou. — Descanse um pouco mais.

— Meus filhos? — perguntou preocupada, lutando contra o sono.

— Vocês três estão bem — afirmou e sorriu de leve para ela. — Durma, doçura, vou estar bem aqui quando acordar.

Letícia acenou sentindo o alívio espalhar por seu corpo, seus bebês estavam bem. Fechou os olhos e o sono a embalou para um descanso profundo.

Pelo início da manhã recebeu a visita do médico que a atendeu na emergência. *Doutor bonito Sales*, pensou ela. Ele explicou que machucou o braço e punho direito assim como também teve um entorse no pé direito, enquanto tentava frear o carro. Sua testa precisou de cinco pontos e teve um leve traumatismo craniano. Ficaria em observação por setenta e duas horas e depois estaria liberada, claro que teria que esperar pela avaliação de sua obstetra pessoal. Mas se ela a liberasse também, logo estaria em casa.

— Eu machuquei alguém? — Letícia voltou a perguntar.

Sua única amiga Isadora olhou para o médico e depois para o seu avô, vendo a hesitação deles em contar.

— Ela precisa da verdade. — Isadora afirmou.

— Não quero que fique nervosa. — Berillo disse preocupado.

— Eu machuquei uma pessoa. — Letícia afirmou tensa. — Somente machuquei, não matei — calou-se aflita.

— Seu carro bateu contra a de um rapaz. — Berillo disse.

— E como ele está? — questionou.

— Lutando para ficar vivo. — O doutor Sales contou. — Ele vai ficar bem, não se preocupe.

— Deus. — Letícia murmurou sentindo o peso da culpa em seus ombros.

Eles tentaram fazê-la se sentir melhor, mas não tiveram muito sucesso. Ela tinha machucado gravemente alguém. Uma pessoa que não conhecia e que provavelmente tinha familiares preocupados com ele.

Ficou tão nervosa que começou a chorar, sua amiga Isadora a abraçou prometendo que tudo ia ficar bem. Letícia só conseguia murmurar desculpas, afirmando que não tinha a intenção de machucar uma pessoa. Todos acreditavam nela, jamais colocaria a vida de seus filhos em risco. Mas ela percebeu que não era bem assim, nem todos acreditavam em suas palavras, quando um policial fardado, com uma expressão fechada e carrancuda, pediu licença para entrar em seu quarto.

O homem foi rude em suas perguntas e pareceu não acreditar quando ela afirmou que não conseguia frear o carro. Que tentou desviar de todos, mas não foi possível. O policial estava tenso e deixou Letícia ainda mais tensa quando ele a olhou em desafio.

— Vamos aguardar o tenente Soares acordar para nos relatar a versão dele dos fatos — disse virando-se e saiu sem dizer mais nada.

— Tenente? — Isadora questionou com os olhos arregalados. — Isto explica o monte de homens no corredor.

— Isto não importa agora. — Doutor Sales disse. — Você precisa descansar e ficar calma.

— Levar um dia de cada vez, doçura. — Berillo disse. — Esse tenente vai ficar bem, não se preocupe.

O médico a avaliou novamente antes de sair do quarto com a promessa que logo voltaria. Letícia implorou para que seu avô fosse para casa descansar e também teve que fazer promessas, iria manter a calma e ficar de repouso. Prometeu para tranquilizá-lo. E sua amiga Isadora, precisava ir abrir a loja em que eram sócias. Sua pequena Butique não poderia ficar fechada esperando que recuperasse.

— Assim que eu voltar, vou tentar descobrir como está o policial do final do corredor — prometeu Isadora.

— Obrigada. — Letícia murmurou sonolenta.

Seu médico tinha lhe dado alguns medicamentos que aumentavam seu sono, sentiu o beijo que sua amiga lhe deu nos cabelos e ouviu a porta bater.

Quando seus olhos voltaram a abrir, já era quase onze da manhã. Uma enfermeira estava no quarto e sorriu gentilmente. Avaliou sua bolsa de soro, trocou por outra e saiu dizendo que o almoço viria meio dia e meio.

Assim que a porta se fechou, Letícia se sentou devagar na cama. Pegou o hobby de cetim azul escuro que Isadora tinha deixado para ela vestir. Foi um esforço enorme passar por seu único braço bom, o outro ficou preso debaixo do hobby. Tentou dar um nó na corda da cintura, mas só conseguiu uma bagunça embolada.

Escorregou para fora da cama devagar e desligou a máquina de monitoramento cardíaco antes de retirar o aparelho e seus fios de seu corpo. Segurou o suporte do soro que enviava preguiçosamente medicamentos para a intravenosa em seu braço. Deu um passo vacilante para frente e todo seu corpo doeu. Seu pé direito estava com uma bota imobilizadora por causa do entorse.

Empurrou o suporte do soro para frente e deu mais um passo. Gemeu de dor, mas não parou. Continuou fazendo a mesma coisa até chegar a porta. Abriu devagar e saiu para o corredor sem encontrar nenhuma enfermeira ou médico. No final do corredor, como sua amiga tinha dito, havia muitos homens na frente da última porta. Todos estavam tensos e preocupados.

Letícia deu um passo de cada vez, até que ficou a mais ou menos um metro e meio daquelas pessoas. Um jovem de aparentemente quinze anos a olhou, seu rosto estava cheio de preocupação e seus olhos vermelhos de choro. Ele estreitou os olhos para ela e reconhecimento passou por seu rosto.

— Foi você. — Se ergueu mostrando o quanto era alto. — Você bateu no carro do meu pai — acusou duramente. — O que faz aqui? SAIA!

Ela tremeu diante da fúria que brilhos nos olhos do garoto. Todos os olhares se voltaram para ela. Não conseguiu contar quantas pessoas tinham, mas eram muitos. Alguns ainda vestidos de calça militar e camisa de malha preta marcada com letras garrafais, TATICO FORCE.

— Sinto muito — sussurrou. — Gostaria de saber como ele está — pediu.

— Não bastou tentar matá-lo? — Um homem questionou.

— Pedro, se acalme. — Um senhor de olhos vermelhos pediu.

O coração de Letícia bateu descompassado, aquele era o pai do rapaz em que ela quase tirou a vida.

— Não me peça isto, pai, ela quase o matou! — exclamou.

— Eu sinto muito — sussurrou Letícia.

— Sentir muito não muda nada. — Outro homem disse.

— Vinicius, mantenha a calma, por favor. — Uma senhora se levantou olhando para o rapaz. — Sem mais confusões.

— Você não deveria estar aqui. — Um homem ao lado disse. — Não é um bom momento para se desculpar.

A raiva na voz dele fez Letícia tremer instável.

— Vitor, por favor. — A mulher ao seu lado segurou sua mão.

— Deveria voltar para seu quarto, senhora. — O tom polido do policial que deu dois passos em sua direção a irritou.

— Deveria dirigir com cuidado! — Outro exclamou com raiva. — Ter cuidado com a vida dos outros! — bradou furioso.

— Daniel, se acalme. — O senhor pediu novamente.

— Não quero me acalmar, quero meu amigo inteiro e vivo — bradou.

— Isto não é justo, porra! — Vinicius disse. — Como você pode fazer isto com o Guilherme? — perguntou furioso.

E quando menos Letícia esperava, uma barreira de cinco homens se formou em sua frente junto com o garoto. Todos a encaram com raiva e ela pode notar que três deles pareciam irmãos. Aquela era uma família grande, pensou cheia de culpa. Uma família que sofria por um dos seus.

Sua mente estava cheia de força para lutar contra eles para saberem que não fez de propósito. Mas seu corpo não tinha a mesma resistência. Cansada e machucada, oscilou em seus pés. Se sentiu um pouco tonta e grossas lágrimas desceram por sua bochecha.

O que diria a eles? Se perguntou aflita.

Quantos pedidos de desculpas seriam necessários para que a perdoassem?

Seu coração se encheu de tristeza. Não desejava que morressem no lugar de outra pessoa, tinha seus filhos para se preocupar agora, mas ao olhar para aquela família unida desejou que tivesse se machucado mais, em vez do tenente. Ele era inocente e não tinha culpa de que os freios de seu carro não funcionaram.

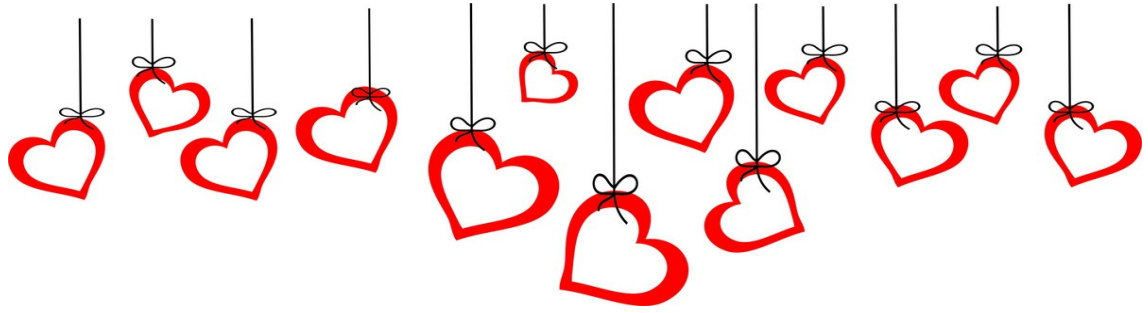
Olhou para aquelas pessoas através de todas as lágrimas que enchiam seus olhos. Guilherme, tinha uma grande família e ela só tinha seu avô e seus bebês. Mais uma vez a vida provava o quanto o destino era injusto.

Ela soluçou incapaz de se segurar, enquanto sua mente tentava achar as palavras certas de explicar que tentou controlar seu veículo. De que se pudesse

voltar atrás teria tentado com mais empenho ser a única a se machucar.

No entanto, eles acreditariam nela?

Acreditariam em sua sinceridade?



Capítulo Dois

Uma mão gentil tocou os dedos de Letícia, ela olhou para a senhora de olhos avermelhados pelo choro.

— Acho que precisa se sentar um pouco. — Ela disse gentilmente.

— Eu sinto muito — murmurou. — Gostaria de ter... me machucado no... lugar dele. — Sua voz falhou.

— Não diga isto, acredito que já tenha muitos machucados. — A pequena senhora disse calmamente.

— Nunca machucaria ninguém. — Letícia jurou soluçando. — Muito menos meus bebês, mas não me importaria de estar no lugar dele se não machucasse mais ninguém.

— Filhos? — Vitor perguntou confuso. — Ninguém me disse que tinha crianças no acidente.

— Eles estão bem? — A senhora perguntou.

— Estamos bem. — Letícia disse e choramingou. — Sinto muito, estamos bem.

Ninguém a entendeu naquele momento, mas ela continuou chorando e pedindo desculpas. Alguém a guiou para uma cadeira e ela se sentou aos prantos.

— Sinto muito por estarmos bem — chorou mais alto.

— Não diga isto. — Pedro disse a ela agora mais calmo, no entanto, preocupado.

— Sinto muito ... não consegui frear... eu não consegui... sinto muito... deveria estar no lugar dele ...

— Moça se acalme. — Luan, filho de Guilherme, pediu.

Letícia esfregou o rosto com sua mão boa, mas que também estava inchada. Sua cabeça doía e seus olhos estavam nublados.

— Ele está bem? — sussurrou. — Meu médico não quis contar.

— Está em cirurgia. — A senhora ao seu lado disse. — Teve uma hemorragia em seu cérebro, não sei explicar, mas precisaram correr com ele para a sala de operação. — Ela se calou engasgada com o choro.

— Sinto muito — sussurrou cheia de culpa.

— Letícia?

Ela ergueu o olhar ao reconhecer a voz.

— Posso saber o motivo de estar fora de sua cama? — perguntou bravo.

— Precisava saber como ele estava, doutor Sales — murmurou cansada.

— Podia ter as informações de sua cama. — A repreendeu sério.

— Você não me disse nada. — O acusou baixo.

— Vamos levá-la de volta para o quarto — afirmou. — Preciso ter a certeza de que vocês três estejam bem, sou seu médico e recomendei repouso.

— Três? — Vinicius perguntou confuso.

— Sim, Letícia está grávida de gêmeos e não pode se alterar — suspirou.

Ela olhou para a família de Guilherme, que agora a encaravam preocupados. Seu olhar dizia muito de como se sentia culpada, o quanto preferia que fosse ela na sala de cirurgia do que uma pessoa inocente. Não entendia o porquê seu carro perdeu o freio, mas era o seu carro, sua responsabilidade.

— Eu sinto muito, mesmo — murmurou. — Por favor, me perdoem... ficaria no lugar dele se pudesse.

— Não diga isto. — Doutor Sales a repreendeu. — Foi um acidente e agora você tem dois bebês para se preocupar.

— Sinto muito — disse encarando os pais de Guilherme que a olhavam em choque.

Quando foi se levantar o médico a interrompeu.

— Como chegou até aqui? — perguntou estreitando os olhos.

— Caminhando — resmungou levemente emburrada.

— Devo acrescentar que também teve um traumatismo craniano, que mesmo que seja leve, ainda assim requer cuidados? — questionou em tom de repreensão.

— Precisava vim me desculpar, mesmo que pedidos de desculpas não sejam suficientes — disse firme e se levantou devagar.

— Vou buscar uma cadeira de rodas, fique quieta. — O médico ordenou.

— Não precisa, vou caminhando — protestou.

Deu um passo à frente e um rapaz deu dois passos na sua direção, era o único que não tinha jogado sua raiva e frustração sobre ela. Sem dizer nada a ergueu em seus braços e caminhou de volta para o quarto, de onde ela não deveria ter saído. O médico levou o suporte de seu soro e abriu a porta para que

ele a colocasse na cama.

— Não saia daí até que se sinta melhor.

— Como se chama? — perguntou em um suspiro.

— Gustavo.

— Obrigada por me trazer. — O olhou nos olhos. — O tenente é seu irmão?

— Não, mas o considero como um. — Gustavo suspirou preocupado. — Guilherme é o melhor irmão que uma pessoa pode ter.

— Sinto muito — sussurrou cheia de culpa.

Doutor Sales a ligou ao suporte de monitoramento novamente.

— Não saia desta cama até que eu libere — ordenou em um tom cheio de compaixão. — Sua obstetra está quase chegando.

— Tudo bem. — Letícia acenou.

O médico olhou para Gustavo por um segundo, como se decidisse se poderia deixá-lo com Letícia. Ele acenou concordando e saiu do quarto. Letícia viu uma moça entrando no quarto, ela também tinha olhos vermelhos e gentis.

— Acho que não me apresentei, sou Sofia — disse.

— Oi, Sofia, eu sinto muito pelo...

— Não diga mais isto, Letícia — sorriu para ela. — Gui é forte, vai sair desta — segurou sua mão boa e apertou de leve. — Eu acredito em você, não precisa ficar se desculpando.

— Deveria ter tentado mais fortemente frear o carro, ou jogá-lo em qualquer lugar onde não causa-se danos a ninguém — soluçou. — Tentei frear, só queria proteger meus bebês.

— Como qualquer boa mãe faria. — Gustavo disse a ela. — Peço desculpas por todas as palavras rudes que ouviu. Uma pessoa que se oferece para ficar no lugar de outra, não merece ser tratada desta forma.

— Ficaria no lugar dele se pudesse — disse e estremeceu.

Levou sua mão a barriga levemente arredondada e acariciou.

— E o que seria de seus filhos? — Sofia perguntou.

— Não sei, mas aquele carro era minha responsabilidade. Não deveria machucar ninguém — murmurou aflita.

— Isto inclui você também. — Sofia garantiu.

— Descanse. — Gustavo disse. — Vamos estar lá fora, mas se precisar de alguma coisa é só nos chamar.

— Seu marido não deveria estar aqui? — Sofia perguntou franzindo a testa.

— Não tenho marido. — Letícia disse.

— Está sozinha? — Gustavo perguntou tenso.

— Meu avô foi em casa para descansar e minha amiga precisou ir trabalhar — explicou. — Poderiam me manter informada sobre ele? Estou tão preocupada.

— Vamos fazer isto, não se preocupe. — Sofia garantiu.

Letícia acenou e agradeceu a ambos pelo apoio e ajuda. Eles se despediram e ela se aconchegou em sua cama, lágrimas voltaram a descer por suas bochechas. Pouco tempo depois sua médica chegou e a avaliou. Uma obstetra do hospital tinha a atendido muito bem desde que deu entrada na emergência, mas a clínica de fertilização oferecia todo o apoio para as suas gestantes.

A doutora Jussara fez alguns exames e deu as mesmas recomendações de que o Doutor Sales. Setenta e duas horas de observação e muito repouso. Nada de estresse ou de se aventurar pelos corredores. Precisava descansar e manter a calma.

Os bebês estavam bem, mas eles dependiam da mãe para continuar assim.



Sofia abraçou Vitor, ele segurou sua cintura e descansou a cabeça em seu pescoço. Estava encostado na frente da porta do quarto onde Guilherme deveria estar, nenhum deles deveriam estar naquele corredor. Mas os amigos de Guilherme conseguiram permissão.

— Como ela está? — Elis, sua sogra, perguntou.

Sofia sorriu tristemente ao se lembrar de Letícia.

— Parece em choque — disse conseguindo a atenção de todos. — Continuou murmurando que sente muito.

— Fomos grosseiros com ela. — Vitor resmungou e coçou os cabelos da nuca.

— Ninguém pode culpá-los por isto, amor. — Sofia o confortou. — Todos estão nervosos e preocupados.

— Mas ela disse que se pudesse ficaria no lugar do meu pai. — Luan disse e estremeceu. — E ela está grávida — balançou a cabeça negativamente. — Não deveria ter gritado com ela.

Gustavo esfregou os cabelos de Luan e sorriu para ele.

— Não vamos pensar nisto agora — disse ao garoto. — Vamos pedir a Deus para que seu pai fique bom logo.

Luan acenou pensativo.

— E que ela não se sinta tão culpada. — Ele murmurou. — Acredito na sinceridade dela.

— De quem?

Ele ergueu o olhar e encontrou sua mãe se aproximando.

— Da moça que bateu no carro do meu pai, ela disse que tentou frear e não conseguiu — explicou.

— Ela teve a audácia de vim aqui? — Bruna disse fechando a expressão.

— Acredito nela. — Luan voltou a falar.

Sua mãe somente suspirou sabendo que não adiantaria discutir depois de ver o olhar teimoso de Luan. Algo que ele herdou de Guilherme. Ela olhou ao redor e percebeu o mesmo olhar teimoso nos irmãos e amigos do pai de seu filho.

Somente acenou e ficou em silêncio com a mesma apreensão que todos, pedindo a Deus que ele ficasse bem.

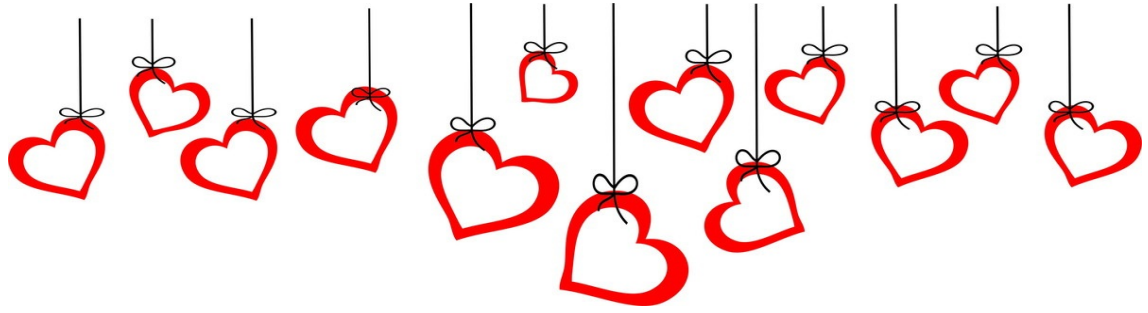
Meia hora depois o médico apareceu.

— Ele vai ficar bem — foram suas primeiras palavras.

Todos suspiraram aliviados.

— Apesar do susto, a hemorragia foi controlada e ele ficará em observação. Quero ter a certeza de que nada irá atrapalhar sua recuperação. Deve acordar em dois ou três dias, muita medicação cobra seu preço. Agora, só podemos esperar para ver como ele irá reagir.

Respondeu a todas as dúvidas e mandou todos embora do corredor. Guilherme teria direito a um único acompanhante e os outros teriam que obedecer as regras de visitas.



Capítulo Três

Guilherme demorou dois dias para acordar, estava atordoado quando abriu os olhos e encontrou sua mãe o encarando com lágrimas nos olhos. O tubo em sua boca o fez se sentir como se afogasse em ar. O médico logo apareceu e o ajudou. Avaliou seus machucados e fez exames rápidos, indicou que descansasse e não tivesse nenhum estresse. Além do traumatismo craniano, feriu a perna e quebrou o tornozelo. Seu braço foi ferido pela lata do carro, mas por sorte não quebrou.

— Mãe. — Sua voz saiu em um sussurro cansado.

— Que bom que acordou. — Elis segurou a mão dele com carinho. — Fico tão feliz de ver seus olhos abertos novamente — soluçou baixo.

— Estou bem — esforçou a dizer. — O que aconteceu?

— Não se lembra de nada?

— Não — resmungou baixo.

— Esteve em um acidente de carro — contou. — Infelizmente, uma moça não conseguiu frear o carro no trevo e bateu em você.

— Mais alguém se machucou? — perguntou tenso.

— Somente ela — suspirou. — Não fique com raiva dela, querido. Ela veio até nós implorar por perdão, disse que não entende o porquê não conseguiu frear e em vez de parar, o carro acelerou mais batendo em você.

— Não gosto de pessoas imprudentes — disse com a voz rouca.

— Ela não é uma pessoa imprudente — afirmou Elis.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou baixo.

— Uma mãe de verdade nunca colocaria seus filhos em perigo — disse e sorriu ao ver o olhar preocupado de seu filho.

— Tinha crianças no carro dela? — arregalou os olhos.

— Bem, sim — disse. — Mas no caso, seria mais apropriado dizer que tem dois bebês crescendo no ventre dela. No entanto, ela disse que gostaria de ter se machucado em seu lugar. Mesmo querendo proteger os filhos, ela não desejava que se ferisse.

Guilherme ficou calado em choque.

— Vou ligar para nossa tropa e dizer que acordou — beijou a bochecha dele antes de se afastar.

Ele fechou os olhos com a mente perturbada pelo que ouviu. Suspirou cansado e logo estava sendo pego pelo sono novamente.

Tinha passado maior parte do dia dormindo, acordou no horário de visitas, mas ainda assim foi difícil manter os olhos abertos.

Sorriu de leve para o garoto que estava deitado em seu peito. Tinha pedido para sua família deixá-los um pouco sozinhos depois de ver o medo nos olhos de seu filho. Uma paz se instalou em seu coração quando se lembrou das vezes que o fez dormir daquele mesmo jeito. Deitado sobre seu peito, ouvindo seu coração bater, sempre o acalmava.

E parecia que ainda que com quinze anos, cheio de hormônios e grande demais para abraços e beijos, tinha o mesmo efeito. Com os braços doloridos, Guilherme o envolveu devagar, tomando cuidado para não piorar seus machucados.

— Não morra, pai — pediu em um sussurro aflito.

— Não vou, filho — engoliu em seco a emoção que se prendeu em sua garganta.

— Fiquei com tanto medo de que tivesse morrido. — Luan resmungou.

— Já passou, estou bem — garantiu. — Como foi o encontro? Lembro que estava indo te ver antes do acidente para saber se beijou a garota — mudou o assunto para fazê-lo se sentir melhor.

Luan se levantou rindo.

— Você está todo machucado e quer falar sobre o meu encontro? — perguntou ao pai.

— Claro, quero saber como foi isto — riu para ele. — Mate minha curiosidade logo.

— Foi legal — deu de ombros.

Guilherme estreitou os olhos para Luan.

— O que você não está me contando? A beijou, não é? — questionou com seu olhar avaliador.

— Beije — riu e deitou na borda da cama do pai.

Guilherme era um homem grande e forte, mas a cama era imensa e cabia seu filho confortavelmente ao seu lado.

— Diga mais, garoto — pediu rindo.

— Ela estava linda — riu. — Mas, pai, eu não quero magoá-la.

— Então, não magoe — disse como se fosse simples.

— Mas eu quero ficar livre, beijar outras meninas, coisas assim — deu de ombros envergonhado.

Guilherme gemeu frustrado.

— Você tinha que puxar seu tio Vinicius — disse frustrado.

— Nem vem, que eu sei que o senhor não foi nenhum santo — riu. — Só quero curtir.

Guilherme riu e o cansaço se mostrou em seus olhos, porém, ele se esforçava para dar atenção ao filho.

— Qualquer coisa que tenham dito sobre mim, é mentira — afirmou. — E você pode curtir o quanto quiser, desde que não magoe ninguém e use camisinha.

— Pai! — exclamou envergonhado.

— O quê?

— Não vamos começar de novo com o assunto “*camisinha*” — protestou fazendo o pai rir.

— Só digo verdades, você já é capaz de fazer filhos — revirou os olhos. — Sou eu é que não estou pronto para ser avô aos trinta e dois anos.

— Sem essa, pai, sou muito novo.

— Eu também era, quinze anos atrás — riu. — Seu avô quase sofreu um treco.

— Mas você tinha dezessete anos.

— Como você mesmo disse, novo demais — murmurou.

— Não se preocupe com isto, camisinha sempre — prometeu rindo.

— Bom. — Guilherme disse baixo.

— Vou te deixar descansar, volto amanhã — garantiu.

Guilherme o segurou antes de se afastar e Luan abaixou o rosto para que o pai beijasse sua testa.

— Amo você, garoto.

— Também te amo, velho.

— Me respeite — resmungou sonolento.

Luan riu e saiu do quarto para que seu pai descansasse.



Letícia abriu a porta do quarto devagar depois de acenar para a enfermeira e a mãe de Guilherme, Elis. Elas a ajudaram fugir do seu quarto para ficar um pouco com o rapaz que sem querer acabou ferindo gravemente. Elis precisava de uma pausa para jantar e andar um pouco.

O homem adormecido na cama fez seu coração inchar de culpa. Uma perna estava imobilizada e um dos braços enfaixado. Sua cabeça tinha um curativo e um lado do seu rosto estava levemente inchado. Mancou até o lado dele, ainda estava tomando medicações pelo soro, os médicos não a liberaram por sua pressão estar alta e pela dor de cabeça que sentiu no dia anterior.

Se sentou na ponta da poltrona ao lado da cama e segurou a mão de Guilherme. Sua pele estava quente e Letícia observou como era grande perto da sua. Observou como ele aparentava ser alto e musculoso, mesmo naquela cama de hospital, parecia intimidador.

Suspirou cansada de toda aquela situação.

— Olá, Guilherme — disse baixo. — Espero que esteja melhor.

Ela se calou quando um par de olhos chocolates a encararam. Prendeu de leve o ar, com medo de que ele gritasse com ela e se alterasse.

— Sei que não deveria estar aqui, mas sua mãe precisava de uma pausa — disse e soltou o ar.

— Foi você. — A acusação na voz rouca lhe trouxe arrepios.

Seu lábio inferior tremeu e ela o mordeu tentando acalmar o nervosismo. Seus olhos encheram de lágrimas, Letícia segurou a vontade de chorar, mas não desviou o olhar.

— Sinto muito — murmurou e soltou a mão dele rapidamente quando percebeu que ainda o segurava.

— Pelo que você sente muito? — perguntou.

— Por bater em seu carro — disse pesarosa. — Deveria estar em seu lugar, nesta cama — sussurrou cheia de culpa.

Sua mão automaticamente foi para a barriga como se quisesse protegê-los. Suas palavras eram sinceras, mas o medo de perder os filhos atravessou por sua espinha. Fugou percebendo que lágrimas molhavam suas bochechas. Um grande nó se formou em sua garganta, sem saber se deveria implorar por perdão.

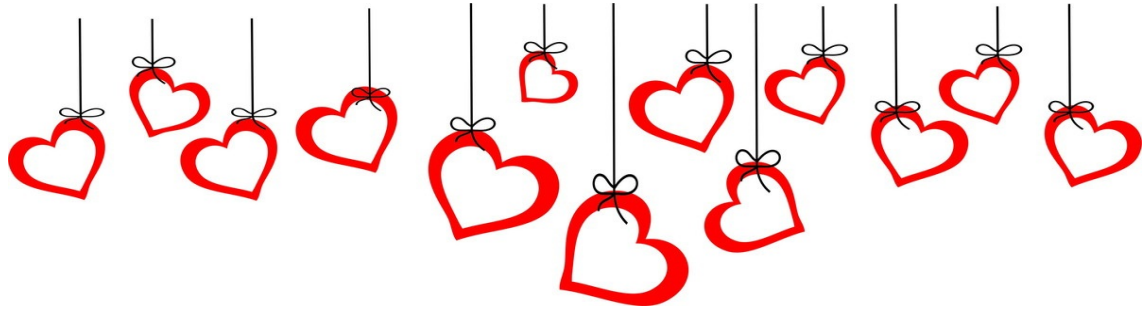
Talvez não seja possível ser perdoada, pensou.

Aqueles pequenos seres que cresciam em seu ventre foram tão desejados e esperados, eram tão amados por ela. Sua pequena família, seu pequeno mundinho que tinha se tornado colorido novamente.

E agora tinha perdido levemente a cor, desbotado com os últimos acontecimentos.

Tinha medo de ser presa pelo acidente, mesmo sem saber se era possível. Se isto acontecesse o que seria dela? Como daria a luz para seus filhos em uma cela? Ou como viveria sem eles? Quem cuidaria deles? Já que seu avô era muito velho para tal coisa.

Desviou o olhar e encarou o chão preocupada com os novos medos que se instalavam dentro dela.



Capítulo Quatro

Guilherme continuou encarando a bonita moça a sua frente. Mesmo alguns curativos e machucados, não escondiam a beleza dela. Seus olhos eram expressivos e não sabiam esconder o que sentia.

Medo brilhava nos olhos verdes alagados de lágrimas. Protegia a barriga reta com a mão boa, seu outro braço estava escondido debaixo do hobby azul escuro que usava.

Seu coração doeu quando lágrimas mancharam suas bochechas e ela olhou para o chão preocupada. Entendeu o porquê sua mãe a defendeu, ela era uma mãe protetora, mas nunca teve a intensão de dirigir de forma imprudente. O que aconteceu realmente tinha sido um acidente que marcou a vida dos dois, mas foi somente um acidente.

— Ei, olhe para mim, moça bonita — pediu gentilmente.

Ela limpou o rosto antes de erguer o olhar.

— Sinto muito mesmo — sussurrou.

Guilherme acenou mostrando que acreditava em suas palavras.

— Acho que estou em desvantagem, você sabe meu nome, mas eu não sei o seu. — Guilherme disse e sorriu de leve para ela.

O olhar surpreso dela mostrou que não esperava por tal coisa dele. Ela demorou um minuto para se recuperar e sorrir para ele.

— Sou Letícia — ofereceu o nome com um sorriso maior.

— Bom te conhecer, Letícia, sou Guilherme, como sabe — sorriu para ela.

Ele estendeu um pouco a mão que ela segurava minutos atrás e Letícia pegou com emoção.

— Preferia te conhecer de outra forma, mas estou feliz em vê-lo bem. — Uma lágrima desceu por sua bochecha.

— Eu também. — Guilherme disse sem acusá-la.

— Perdoe-me, de todo meu coração, Guilherme — suspirou. — Não sei o que aconteceu, mas não consegui frear meu carro.

— Não precisa pedir perdão — apertou a mão dela de leve. — Vamos descobrir o que aconteceu com seu carro pra te mostrar que não teve culpa.

— Obrigada — disse e mordeu o lábio inferior quando tremeu pelo choro contido.

— Você não deveria estar em sua cama descansado? — perguntou Guilherme.

— Talvez — deu de ombros. — Doutor Sales é o meu carrasco particular, que ele não me ache — contou.

Guilherme riu e acariciou a mão dela com o polegar sem perceber o que fazia.

— Se machucou muito? — perguntou observando-a.

— Nada que eu não possa aguentar — suspirou.

— E seus bebês? — questionou.

Ela arregalou os olhos, mais uma vez surpresa.

— Minha mãe me disse que está grávida — explicou.

— Estão bem — afirmou.

— Bom, talvez você devesse ir — disse baixo. — Seu marido deve estar te procurando.

Letícia riu baixo.

— Não tenho um marido e nem namorado, antes que pergunte. — Ela disse rindo.

— O pai dos bebês então, acredito que ele deve estar preocupado. Eu ficaria, se algo assim tivesse acontecido com a mãe do meu filho — falou a observando.

O semblante de Letícia se fechou aos poucos até que seu sorriso morresse.

— Eu disse algo errado? — Guilherme perguntou confuso.

— Hm, não — suspirou. — Meus bebês não tem pai, ou melhor, um que eu conheça — arregalou os olhos. — Quero dizer eu não conheço — praguejou. — Estou fazendo uma confusão, sou solteira e fiz inseminação artificial.

Guilherme não conseguiu se segurar e riu alto.

— Não ria de mim — protestou. — Não me arrependo de ter feito.

— Estou rindo pela forma como se embolou nas palavras — explicou ainda rindo. — Acho uma atitude muito corajosa fazer um processo assim sozinha, passar por tudo isto sem uma pessoa que te apoie.

— Tenho meu avô e minha amiga — deu de ombros.

— Como disse, corajoso.

— Melhor decisão que já tomei na vida. — Letícia disse emocionada.

— Imagino que sim, também tenho um filho, mas não foi nada planejado — contou. — Meu pai quase me matou quando eu disse que ia ter um filho aos dezessete anos.

— Eu teria te dado uma surra — brincou.

— Ah, a surra de palavras que ele me deu sobre responsabilidade doeu mais do que tivesse me socado — riu. — Mas aquele garoto é minha vida, não mudaria nada.

Ela soltou a mão dele e pôs sobre o ventre.

— Esses pequenos aqui também são minha vida agora — disse com um sorriso bobo nos lábios.

Guilherme abriu a boca para falar, mas fechou quando a porta se abriu e um médico apareceu. Letícia gemeu frustrada e ele soube de quem se tratava.

— Vou amarrá-la na cama, juro. — Doutor Sales afirmou.

— Não aguentava mais passar o dia naquele quarto. — Ela protestou. — Vou me tornar parte de um móvel daquele lugar!

— Como você é teimosa! — exclamou e olhou para Guilherme. — Que bom que acordou, tenente.

— Obrigado — disse. — Somente Guilherme, por favor.

O médico tirou o estetoscópio do pescoço e foi em direção a Guilherme.

— Como se sente? Alguma dor de cabeça ou no peito? — questionou.

— Responda, assim eu me livro dele. — Letícia resmungou.

— Não vai se livrar de mim, Letícia. — O médico disse rindo. — Nunca vi uma paciente tão teimosa igual ela.

— Estou bem, apesar da dor no braço e perna. — Guilherme afirmou rindo. — A cabeça dói somente onde foi a cirurgia.

O médico ouviu seus pulmões e coração, colocou o estetoscópio no pescoço e anotou algumas coisas no prontuário.

— Qualquer coisa é só chamar — disse a Guilherme.

— Obrigado — acenou.

— Agora vou levar essa teimosa para a cama dela — disse olhando Letícia.

— Mas já? — choramingou. — Não fiquei nem quarenta minutos fora.

— Tempo suficiente para passear. — Ele retrucou.

— Num disse que era o meu carrasco nesse hospital. — Letícia disse para

Guilherme que riu.

— Anda me chamando de carrasco? — fez uma expressão de ultraje. — Sou o médico mais bonzinho desse lugar!

— Só se você tratasse somente criminosos. — Ela o provocou.

— Língua afiada é sinal de melhora. — Ele retrucou. — Ou talvez precise de mais alguns dias aqui.

— Não se atreva. — Ela se levantou devagar.

Guilherme viu que ela também tinha o pé machucado.

— Deveria estar descansando. — Guilherme disse a ela. — Vai demorar muito para Letícia ter alta? — perguntou com curiosidade para o médico.

— Mais um dia e ela vai estar livre de mim — respondeu. — Teve dor de cabeça e a pressão estava elevada ontem de manhã.

— Eu só estava nervosa. — Letícia protestou. — E agora já estou bem — deu um passo à frente.

— Volte para a poltrona — ordenou sério. — Vou buscar uma cadeira de rodas e não se atreva a sair caminhando.

— Eu posso andar — resmungou.

— Mas não vai no meu plantão — afirmou.

— É um tirano — disse se sentando novamente.

— Para manter meus pacientes vivos, sou mesmo — riu e saiu do quarto.

Guilherme riu da expressão de Letícia, parecia uma criança que foi negada seu doce e colocada de castigo. Mas a entendia, ele também queria ir embora daquele lugar o mais rápido possível.

— Posso perguntar o porquê estava nervosa? — questionou.

Ela o olhou por um segundo como se tentasse se decidir se contava ou não.

— Estava com medo de que não acordasse — suspirou. — Fiquei em pânico de que tivesse o matado ou o condenado ao coma.

Ele não respondeu de imediato, também sentiu aquele medo quando ouviu as palavras dela.

— Estou bem, Letícia — afirmou. — Não se martirize com isto.

Ela balançou a cabeça e parecia aflita.

— Não sei como isso pode acontecer comigo, conosco — suspirou. — Meu carro é sempre revisado, nunca descuidei. Não entendo o porquê do freio não funcionar.

— Vamos descobrir o que aconteceu — prometeu a ela.

— Obrigada, você nem me conhece e...

— E nada, agora isto me envolve também — falou firme. — Quero saber o que aconteceu.

— Você vai — afirmou.

Diria a ele tudo o que descobrisse, porque não fazia sentido perder o controle do carro daquela forma. Letícia revirou os olhos quando viu o médico entrar empurrando uma cadeira.

— Se cuida. — Guilherme disse a ela.

— Eu vou — murmurou e olhou feio para o médico antes de se sentar na cadeira.

— Estou fingindo não ver a careta que está fazendo pra mim. — A provocou. — Vamos levá-los para descansar, espero que esses bebês sejam tão teimosos quanto você.

— Acho que vai provar do próprio veneno. — Guilherme a provocou.

— Eu e meus bebês somos anjinhos comportados — deu de ombros fazendo-os rir. — Vou voltar para te visitar, Guilherme — prometeu.

— Vou estar esperando. — Ele afirmou.

— Não a incentive, tenente. — O médico disse rindo. — Daqui uns dias eu vou ter outro paciente teimoso, pelo visto.

Letícia riu sabendo que Guilherme não ia aguentar ficar quieto por muito tempo. Assim que recuperasse suas forças, estaria louco para ir embora.

Guilherme fechou os olhos se sentindo relaxado apesar do cansaço e a dor. Respirou devagar e pensou sobre o fato de Letícia não ter conseguido frear o carro. Alguém tentou matá-la, pensou. Sua mente logo trabalhou em inúmeras possibilidades, mas não teve resposta para nenhuma delas. Não conhecia Letícia suficiente para saber.

A porta se abriu e ele abriu os olhos, Bruna fechava a porta devagar e sorria para ele.

— Bom ver seus olhos abertos — disse.

— Obrigado, como entrou? — perguntou curioso.

— Sua mãe me pediu para que ficasse com você para que ela fosse em casa — explicou.

— Não precisa fazer isto, nem mesmo minha mãe — resmungou mal-

humorado. — Luan? — questionou.

— Saiu com os tios.

— Isto é preocupante — brincou, sabendo que seus irmãos cuidariam muito bem do garoto.

Era uma boa distração para seu filho.

Observou Bruna se aproximar, continuava tão bonita como anos atrás quando ainda eram jovens. No entanto, um brilho na mão direita dela chamou sua atenção. Sua expressa se fechou, apesar de estarem separados desde que Luan tinha cinco anos, tinha sentimentos por ela.

— Vai se casar com ele — afirmou.

— Gui.

— Me chame de Guilherme — pediu rudemente. — E você vai se casar com ele! — exclamou.

— Fique calmo.

— Eu não vou ficar calmo! — disse alto. — Você aceitou se casar com um homem que conhece há pouco tempo e não aceitou quando eu te pedi anos atrás!

— Guilherme, por favor. — Ela implorou.

— Pode me explicar isto? Eu sou o pai do seu filho e você vai se casar com um homem que mal conhece!

— Você só é o pai do meu filho! — exclamou. — E eu amo o Marcos!

O ar ficou preso em seu peito, sua cabeça doeu enquanto encarava Bruna com raiva.

— Guilherme, respire! — Ela ordenou. — Seu monitor está disparando, pelo amor de Deus!

— O que está acontecendo aqui? — Doutor Sales entrou apressado ao ouvir os apitos fortes da máquina de monitoramento cardíaco de Guilherme.

— Tire... ela. — Sua voz falou. — Daqui — arfou.

O médico franziu a testa levemente e olhou para Bruna.

— Senhora, saia — ordenou e correu para o lado de Guilherme. — Precisa se acalmar ou eu vou medicar você. Respire fundo — instruiu. — Se continuar desta forma pode piorar o seu caso!

— Saia. — Guilherme disse em um ofego para Bruna.

Ela estava com os olhos arregalados e assustada.

— Saia agora! — Sales ordenou.

Bruna pulou assustada e correu para fora.

— Ela já saiu, se acalme. — O médico pediu.

Mas o coração de Guilherme estava muito acelerado e precisou ser dopado para que se acalmasse.

Às vezes, quando se tira um curativo você percebe que nem sempre a ferida cicatrizou. Uma relação que não dá certo, mesmo que ambos aceitem, deixa suas marcas, suas mágoas. Talvez, aquele curativo não passava de um pequeno e simples *band-aid* que ajudou somente no primeiro momento, mas que não lhe protegeu e lhe deixou em exposição.

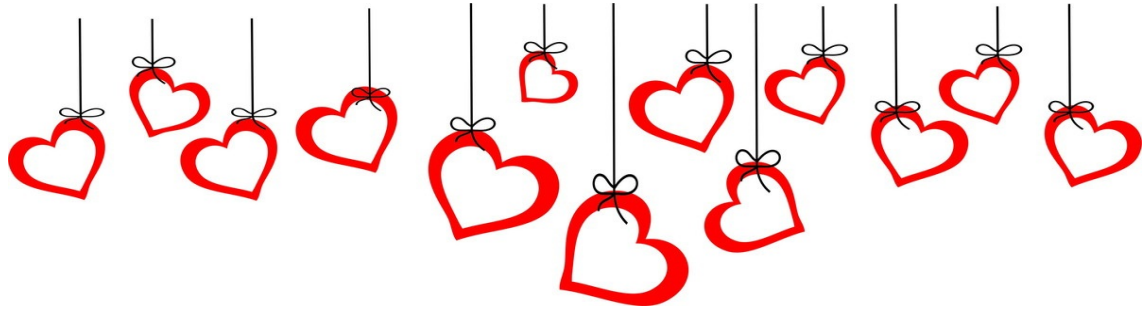
Uma exposição que te fere novamente sem que nem mesmo perceba. E, às vezes, a exposição é tão grave que a única forma de melhorar é arrancar fora tudo aquilo que te machuca e tentar de novo. Rasgar a pele, danificar a carne saudável para expor toda a lesão em busca de dissipar a dor. Parece cruel, mas indispensável. No entanto, pode dar certo, que consiga a cura para aquela agonia.

Não seria fácil, não vai ser fácil, mas totalmente necessário. Precisaria ser forte para aguentar, porque aquela não era a peça certa. Ela não era para você e você se tornava mais uma, entre as inúmeras peças perdidas em busca daquela que se encaixe.

O único problema, é quando você não quer mais procurar por causa da decepção sofrida.

Esse, foi o último pensamento de Guilherme antes de fechar os olhos. Estava cansado demais de lutar contra o destino, não encontraria seu par.

Sentia-se destinado a isto.



Capítulo Cinco

— Posso me esconder aqui? — Letícia disse da porta.

Guilherme olhou na direção dela e acenou com a cabeça. Seu irmão Vitor tinha acabado de sair para trabalhar, depois que expulsou Bruna de seu quarto, ele veio lhe fazer companhia durante a noite, para que sua mãe descansasse.

— Só não prometo poder manter o doutor Sales fora quando ele te achar — resmungou.

Apesar do mau humor, estranhamente, sentia-se bem em vê-la. Ela sorriu e caminhou devagar para dentro do quarto. Usando uma bota imobilizadora e hoje sem o soro, o que mostrava que ela estava melhor.

— Como pode ver, estou sem meu fiel companheiro — brincou referindo-se ao soro.

— Sente-se melhor? — perguntou gentilmente.

— Sim — sorriu. — Enfim, vou me livrar daquele carrasco.

Sentou na frente de Guilherme e o observou calmamente.

— Parece mal-humorado — disse simplesmente. — Está se sentindo bem?

— Sim, estou bem — afirmou.

Letícia acenou e não rendeu o assunto, não o conhecia suficiente para insistir. Foi até seu quarto com a intenção de fazer companhia a ele e não aborrecê-lo com coisas que ele não gostaria de conversar.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal? — Guilherme perguntou.

— Claro, mas não prometo responder — disse e piscou para ele.

— Justo — sorriu de leve. — Por que decidiu fazer uma inseminação sem ter — calou-se procurando por palavras.

— Sem ter um homem ao meu lado? — questionou.

— Sim, desculpe, não queria ser rude.

— Não foi — afirmou. — Sabe quando você se cansa de procurar por algo que parece que nunca vai achar?

— Mais ou menos — sorriu.

— É assim que me sinto quando o assunto é romance — confessou. — Acredito que minha outra metade está perdida demais para ser achada.

— E por que acha isto? — Guilherme perguntou curioso.

— Porque só encontrei homens idiotas — deu de ombros. — Cansei de ser usada, de não ser valorizada.

— Mas gerar e criar filhos sozinhos ainda é uma decisão difícil. — Guilherme insistiu.

Letícia suspirou.

— Cansei de me sentir sozinha e fiquei com medo de ficar ainda mais sozinha — confessou. — Meu avô não vai durar pra sempre e quando ele se for, vou estar sozinha.

— E decidi ter filhos — completou.

— Decidi realizar o meu sonho sem depender de um homem que não me valorizaria — deu de ombros.

— E criar uma família, corajoso — sorriu.

— Ansiosa para senti-los mexer. — Letícia confessou.

— E o que mais? — Ele perguntou gentilmente.

— Tê-los em meus braços — sorriu imaginando.

— Já pensou em nomes? — perguntou curioso.

— Não — riu. — Tenho medo de escolher um nome errado e os traumatize na adolescência quando os amigos rirem do nome louco que eu der a eles.

— Acho que meu filho não está traumatizado — riu. — Luan é um bom nome.

— Combina com ele, li em uma revista que significa justo, protetor, guerreiro e positivo — contou. — Ele pareceu bem protetor.

Guilherme ergueu uma sobrancelha.

— Sei que isto o define bem, mas o que você quer dizer? — perguntou confuso.

— Quando fugi da minha cama, pela primeira vez, e apareci na porta do seu quarto, talvez ele possa ter gritado comigo — deu de ombros.

— Ele gritou com você? — perguntou surpreso.

— Estava nervoso e com medo, ninguém poderia culpá-lo — disse defendendo Luan.

— Ele gritou com você? — Guilherme repetiu a pergunta de olhos arregalados.

— Pelo jeito não deveria ter te contado. — Letícia suspirou. — Não brigue

com o garoto por isto, como disse, estava nervoso e com medo.

— Nunca imaginei que ele faria algo assim, estou um pouco bravo, mas acho que o entendo. — Guilherme disse lembrando de como Luan parecia com medo quando o visitou.

— Esqueça isto, Guilherme — pediu.

— Ele não te ofendeu, não é? — questionou.

— Não, ninguém me ofendeu — disse tranquila. — Acredita que vou ter que aguardar o doutor Sales aparecer para me dar alta? — perguntou mudando de assunto.

— Ele vai te deixar de castigo por um tempo. — Guilherme riu. — Você deu a ele muito trabalho.

— Não tenho culpa se ele não tem bom humor. — Se defendeu.

— Vai sentir falta dele. — Guilherme brincou.

— Deus me livre, o homem não tem um pinga de sensibilidade — riu. — Não me liberou pra comer um hambúrguer, isto não se faz com uma mulher grávida.

— Quanta maldade. — Ele riu e depois a encarou sério. — Assim que sair daqui, não abuse, hein.

Letícia gemeu cheia de frustração.

— Eu sei — resmungou. — Mas já estou sentindo meus hormônios me enlouquecer e eu só tenho dois meses de gestação.

— Vão ser longos meses — riu para provocá-la.

— Que Deus me ajude. — Letícia disse olhando para o teto.

Conversaram por mais meia hora, até que Vinicius chegou para ficar com Guilherme.

— Moça bonita fugindo da cama novamente? — perguntou a ela.

— Talvez — deu de ombros. — Mas vou deixá-los, meu avô deve estar chegando.

Ela se levantou devagar, acenou uma despedida para os dois e saiu devagar. Vinicius esperou a porta se fechar para se jogar na poltrona em que Letícia estava sentada. Guilherme o olhou com atenção, tentando descobrir o que estava o incomodando.

— Diga de uma vez, você não sabe ficar em silêncio por muito tempo. — Guilherme disse ao irmão.

— Como tem tanta certeza de que quero falar algo? — perguntou rindo.

— Te conheço mais do que imagina — respondeu com impaciência.

Ficar naquela cama estava começando a corroer sua paciência.

— O que aconteceu ontem à noite com a Bruna? — perguntou.

Guilherme o encarou por um momento e depois desviou o olhar. Não queria falar sobre o assunto, mas sabia que Vinicius era o mais insistente de todos. Bufou sabendo que esse era o único motivo dele ter vindo mais cedo, em vez do horário de visitas.

— Não quero falar sobre isto — resmungou.

— Não vou sair até que me conte — deu de ombros. — E vou ficar falando na sua cabeça até que tenha um acesso de raiva e me diga logo.

Guilherme bufou.

Sabia que ele realmente faria aquilo somente para ter o que queria.

— Deveria estar preocupado com minha saúde e não tentando me fazer sofrer um ataque — acusou.

Vinicius deu de ombros.

— Você tem uma carcaça forte — disse olhando as unhas. — E caso tenha um ataque, os médicos vão correr aqui para te ajudar como na noite anterior. Então eu vou falar e falar, até que me responda o que a Bruna fez com você ontem.

— Sabe o significado da palavra privacidade? — questionou sabendo a resposta.

— Sei e não me importo. — Vinicius ergueu o olhar para o irmão. — Não vou contar a ninguém, mas quero que converse comigo.

Guilherme ergueu uma sobrancelha para ele.

— Tudo bem, talvez eu conte para Vitor e Pedro, mas não vamos dizer a mais ninguém — confessou.

— Ela vai se casar com Marcos — contou e suspirou. — Amei aquela mulher por tantos anos e a única coisa que ela me deu foi um filho, que nem planejado foi.

— Não sabia. — Vinicius disse pensativo.

Os últimos dias tinha sido tão turbulento que não percebeu os pequenos detalhes ao seu redor.

— Mas essa foi a última vez que discuti com ela. — Guilherme disse baixo.

— Estou cansado disto, não a quero mais, doa a quem doer. Fui um idiota em esperar por ela tanto tempo, passou.

Nesses quinze anos, Guilherme e Bruna tiveram muitas idas e voltas. Criaram Luan juntos mesmo quando estavam separados, mas ela nunca quis nada com ele que não fosse um caso por alguns meses.

Ele aceitou tudo muito bem acreditando que ela só precisava de um tempo, mas dois anos atrás, Bruna conheceu Marcos e se apaixonou. Realmente se apaixonou, algo que nunca sentiu por Guilherme. Ela tentou amá-lo, mas o que existia entre eles era somente uma grande paixão carnal. Paixão essa que se esfriou por completo quando ela conheceu outro homem.

Ninguém poderia culpá-la por isto, o amor era assim. Guilherme não era a sua peça certa, não se encaixava a ela, mas Marcos sim. Ele era o amor de sua vida e não existia mais volta para o que tinha com o pai de seu filho.

O peito de Guilherme doía em pensar nisto, era difícil aceitar, mas se considerava um homem forte, capaz de enfrentar qualquer coisa. Aquela batalha tinha se encerrado, e agora, ele precisava curar as feridas de guerra. Manter as pernas firmes e seguir em frente sem olhar para trás.

Por mais que doesse, era necessário para que todos encontrassem a melhor forma de ser feliz. Mesmo que o destino reservasse a solidão para ele.



Letícia esperou até as seis da tarde pelo médico, resmungou e bufou a cada hora em que ele não aparecia. Seu avô ficou ao seu lado lendo o jornal do dia pacientemente, sem se afetar com o jeito inquieto da neta.

— Se não aparecesse nos próximos minutos, juro que cometeria um assassinato! — Letícia exclamou assim que doutor Sales entrou em seu quarto.

— No caso, seria o meu? — questionou erguendo uma sobrancelha.

— Tem alguma dúvida? — perguntou.

— Doutor, essa menina nunca foi de ficar quieta. — Berillo disse rindo. — Não vai ser agora que vamos conseguir essa proeza.

— Senhor Berillo, como aguenta? — O médico perguntou.

— Anos de prática — respondeu dobrando o jornal.

— Eu ainda estou aqui, presa nesta cama — disse em tom de acusação para o médico.

— Apesar da sua teimosia, estou assinando sua alta, Letícia.

— Graças a Deus — resmungou.

— Desculpe a demora, tive uma cirurgia de última hora, mas queria vim pessoalmente ter a certeza de que está bem — informou tranquilamente.

— Estou bem. — Ela afirmou.

Sales riu com a impaciência de Letícia e se aproximou mais de seu monitor.

— Seus sinais vitais estão bons, assim como os dos bebês. Pressão normalizou, o que significa que não deve se alterar novamente. Sua pressão mostrou ser sensível quando está nervosa ou estressada. Mantenha a calma e respire fundo sempre — instruiu. — Não preciso nem dizer da dieta que sua obstetra me disse que já te passou — riu da expressão fechada de Letícia. — Você pode comer um pouquinho de tudo, sei que os desejos vão começar em breve, mas seja consciente — disse sabendo que não era especialista naquela área, mas viu que Letícia tinha uma teimosia nata e era bom reforçar. — Volte daqui quinze dias, como sou o médico que te atendeu, quero acompanhar todo o processo com o seu ortopedista.

— Acha que vou ficar muito tempo com essa bota? — Ela perguntou.

— Não, sua entorse não foi tão grave. Quinze dias e bastante repouso é tudo o que precisa para se livrar da bota e talvez a tipoia grande.

Letícia enrugou o nariz.

— Seu pulso ficará no gesso por um tempo, quatro a seis semanas, o osso vai colar rapidinho — disse para tranquilizá-la. — Não vai se livrar da fisioterapia e nem da tala imobilizadora, depois de tirar o gesso.

— Vou garantir que ela se cuide. — Berillo prometeu.

— Não deixe de fazer fisioterapia, seu ombro, pulso e tornozelo vão precisar — disse sério. — Não negue ao seu corpo a ajuda necessária.

— Vou fazer isto. — Letícia prometeu.

— Então, está liberada.

Ela sorriu animada e com a ajuda do médico desceu da cama e se sentou na cadeira de rodas. Sales insistiu em levá-la, em vez do enfermeiro que veio auxiliar.

Quando passaram na porta do quarto de Guilherme, ela insistiu que deixasse se despedir do tenente.

— Você tem dez minutos. — Sales disse a ela.

Bateu na porta devagar e abriu, dentro do quarto encontraram o amigo, Daniel, sentado na poltrona. Letícia torceu os dedos nervosa, ele não tinha sido

muito gentil com ela no dia em que se conheceram.

— Posso entrar? — Ela perguntou baixo, já que Guilherme dormia.

O rapaz acenou e Letícia se levantou da cadeira sobre os protestos do médico. Prometeu que seria rapidinho e ele a deixou entrar caminhando, fechou a porta devagar e se aproximou da cama.

— Vai pra casa? — Daniel perguntou baixo.

— Sim — respondeu envergonhada.

Algo dentro dela esperava por gritos vindo do amigo de Guilherme. Não o julgaria caso ainda a odiasse, mas não negava o medo que sentia se isto acontecesse. Suspirando, ela tomou coragem e mancou até o lado da cama. Daniel se levantou e ofereceu a poltrona.

— Não precisa, não vou demorar — disse ela.

— Insisto.

— Não, eu...

— Sente-se Letícia — ordenou baixo para não acordar o amigo. — Vou deixá-la ter um tempo com ele.

Indecisa, ela acenou concordando e se sentou devagar.

— Obrigada.

— Letícia?

Ela ergueu o olhar receosa e entrou os olhos verdes de Daniel.

— Sinto muito — disse ele. — Por ter sido tão rude com você aquele dia.

— Tudo bem...

— Nada justifica minhas atitudes, assim como dos outros. — A interrompeu. — Não temos o direito de julgar você, ainda mais sem ouvi-la antes.

— Tudo bem, eu entendo e já é passado. — Letícia disse e lágrimas brilharam em seus olhos. — Não bati no carro dele de propósito, jamais seria tão imprudente assim.

— Acredito em você. — A voz rouca de Guilherme os assustou. — Não deveria ter sido rude com uma mulher machucada, seu idiota — disse baixo para seu amigo.

— Eu sei e sinto muito, espero que me desculpe. — Daniel disse para Letícia.

— Não precisa se desculpar, mas mesmo assim, eu o desculpo. — Ela o

respondeu.

Daniel sorriu agradecido e beijou a bochecha dela.

— Vou deixá-los — disse já caminhando para a porta.

Assim que ficaram sozinhos, Guilherme a olhou com atenção. Vestia camiseta preta, um casaco fino jogado sobre os ombros. Um short jeans escuro cobria muito pouco de suas pernas, em um pé usava uma sapatilha e no outro uma bota ortopédica.

— Gostou? — Ela perguntou rindo. — A mais nova moda que estou lançando, usando somente uma sapatilha e uma bota preta.

— Não é o estilo mais bonito que eu tenha visto, mas fica bem em você — respondeu.

Observou o curativo em sua testa e seus cabelos jogados para o lado.

— Desculpe por qualquer coisa rude que meus amigos e família tenham dito a você — pediu sabendo que Daniel não foi o único a tentar descarregar a raiva que sentia sobre ela.

— Não se preocupe com isto. — Letícia deu de ombros. — A notícia boa é que, enfim, estou livre do doutor tirano Sales.

— Isto que é uma boa notícia — riu. — Melhor?

— Estou bem — afirmou. — E você?

— Vou ficar melhor com o tempo, mas estou bem, apesar da comida horrível que servem aqui.

— Mais uma vez, me perdoe por isto — pediu e suspirou cheia de culpa.

— Já disse para não se preocupar, acidentes acontecem — estendeu a mão para ela. — Vamos descobrir o que aconteceu com seu carro, vai ver que não teve culpa.

— Obrigada — apertou a mão de Guilherme de leve. — Prometo vim te visitar sempre, vou dar um jeito de trazer comida decente pra você.

— Por favor — implorou rindo. — Ou vou morrer de inanição aqui.

— Juro que não vou deixar — prometeu rindo.

Letícia viu um celular próximo a mão de Guilherme.

— É seu? — perguntou.

— Sim.

— Posso gravar meu número? — perguntou. — Você pode me chamar quando precisar.

— Não precisa ser tão prestativa assim. — Guilherme disse. — Você não precisa cuidar de mim, por achar que me deve algo.

Ela arregalou os olhos.

— Não vou mentir em dizer que não me sinto responsável, mas ofereci meu número só por querer ajudar — disse séria.

— Não é só por culpa? — questionou Guilherme.

— Não — afirmou firme. — Gosto de conversar com você, Guilherme, mas se não quer, tudo bem.

Ele a encarou como se buscasse ter certeza de sua sinceridade. Largou a pequena mão de Letícia e pegou o celular, liberou a tela com sua digital e entregou a ela.

Letícia sorriu e salvou seu número depois de mandar uma mensagem para o próprio celular.

Uma batida na porta deixou os dois tensos.

— Eu preciso ir, o carrasco está me esperando com uma cadeira de rodas para ter a certeza de que não vou fugir — contou rindo.

— Tudo bem, se cuide. — Guilherme disse a ela.

Letícia se levantou devagar e se inclinou sobre Guilherme, seus lábios tocaram delicadamente a bochecha dele. Sorriu quando se ergueu sobre o olhar atento dele.

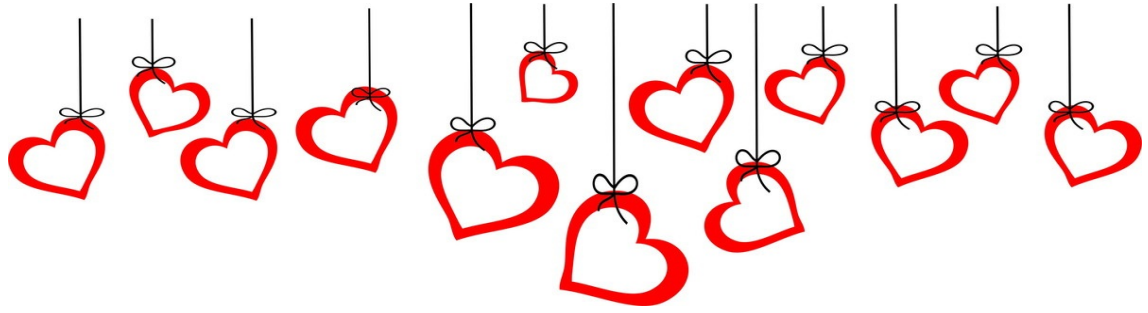
— Vou voltar com alguma comida gostosa — prometeu.

— Vou estar te esperando.

Ela piscou para ele e se afastou devagar, colocou a mão sobre a maçaneta da porta e olhou para trás.

— Até mais, Guilherme.

— Até mais, Letícia.



Capítulo Seis

Guilherme bufou irritado. Queria conseguir respirar fundo e se acalmar, mas tudo o que desejava fazer era levantar daquela cama e socar a cara de algumas pessoas, ou pelo menos um saco de pancadas da academia de polícia.

— Não adianta me olhar com essa cara. — Pedro jogou um monte de amendoim na boca.

— Odeio você — resmungou. — O que custa me trazer um sanduíche decente? — perguntou irritado.

— Custa minhas orelhas, mãe ameaçou arrancá-las caso eu o tirasse de sua dieta — deu de ombros.

— Estou nessa merda de hospital há um mês! — exclamou furioso.

— Vinte e seis dias para ser mais exato. — Pedro disse e jogou mais amendoins na boca. — Deixa de ser um bebê resmungão.

Guilherme fechou os olhos por um segundo, quando os abriu, deu de cara com o pequeno pote de gelatina de limão. A enfermeira tinha deixado ali para ele a alguns minutos, segurou o pote e sentiu o cheiro de longe. Pedro continuava comendo amendoins tranquilamente, como se estivesse no sofá da casa de seus pais, sem a menor preocupação.

Testou o peso do potinho, ergueu o braço e o arremessou no peito do irmão. Assistiu quase que em câmera lenta quando a gelatina se quebrou em muitas partículas na camisa de Pedro. Seu irmão pulou assustado e praguejou inúmeras vezes, enquanto Guilherme o observava com plena satisfação.

— Porra, Guilherme!

— Pare de comer na minha frente, seu idiota — xingou. — Eu sou seu irmão mais velho! Deveria estar contrabandeando comida pra mim! Não me obrigue levantar daqui e socar sua cara — ameaçou.

— Você está com um humor do cão, cara — resmungou.

— Não aguento mais ficar nesta cama! — bradou.

— E lá vamos nós para essa conversa novamente. — Pedro disse revirando os olhos.

Guilherme o olhou com raiva e a próxima coisa que jogou foi o travesseiro.

— Vou resmungar sobre isto quantas vezes quiser, porque sou o único

enfiado nesta cama! — bradou. — E eu estou morto de vontade de comer algo bom, que não tenha o gosto desse maldito hospital.

— Parece uma mulher de TPM — brincou tentando aliviar o humor do irmão.

— Vá embora — ordenou furioso.

— Não — deu de ombros.

— Vá buscar meu filho — mandou.

— Ele ainda está na escola e mora a mais de quarenta minutos daqui — sorriu provocando o irmão.

— E o que está fazendo aqui ainda? — questionou com impaciência. — Vá logo e vai conseguir pegá-lo assim que sair do curso.

— Você está um porre hoje. — Pedro disse e alguém bateu na porta.

— Entre. — Guilherme disse e sorriu quando reconheceu a pessoa que apareceu.

— Consegui entrar com a ajuda de Naira. — Letícia disse.

Usava uma tipoia menor e não precisava mais da bota ortopédica. Jeans apertado e camisa de botões fazia ela parecer tão jovem e confortável, que Guilherme sentiu inveja. Segurou para não bufar inconformado, mas a olhou cheio de esperança de que na sacola em que segurava com a mão esquerda tivesse algo de comer.

Sim, era decadente, admitiu, mas Guilherme tinha recebido várias visitas de Letícia nas semanas anteriores e ela sempre salvava o dia com comida.

— Alguém para me salvar desse calvário. — Pedro disse se levantando ainda tirando a gelatina de limão da camisa. — O homem está com um humor dos diabos.

— E você quer jogar essa bomba pra mim? — questionou brincando.

— Estou correndo pra fora antes que desista da visita. — Pedro deu um beijo no rosto de Letícia e se afastou.

Ela sorriu, os irmãos e amigos de Guilherme não a olhavam mais como culpada pelo acidente. Aceitaram logo o fato de que não foi intencional a batida, muito menos causado por imprudência.

Infelizmente, foi chamada na delegacia para um depoimento alguns dias depois de ganhar alta do hospital, tremeu dos pés à cabeça e sua pressão subiu por causa do seu nervosismo. Assustou-se ainda mais quando o investigador disse que os freios de seu carro foram cortados, por isto perdeu o controle total.

Naquele dia, foi levada de volta para o hospital por sua amiga Isadora e seu avô. Ficou o dia inteiro sobre o olhar avaliador da obstetra do hospital e logo depois sua médica, doutora Jussara, chegou e lhe deu mais algumas horas em observação.

Claro que o doutor Sales descobriu sobre sua visita e foi perturbá-la. O que Letícia não imaginava, que o tirano, era um grande fofoqueiro. Logo Guilherme e sua família ficaram sabendo do ocorrido e não demorou mais do que alguns minutos para aparecerem preocupados, como se ela fosse parte daquela família.

A trataram como se não tivesse causado o acidente que quase matou Guilherme. Ainda se lembrava da emoção que travou em sua garganta como uma bola de beisebol entalada. Se lembrava com clareza quando Sofia, namorada de Vitor, a ajudou se levantar e dar dois passos até a cadeira de rodas que ele segurava.

Dali, Vitor a empurrou para o quarto de Guilherme. Seu irmão estava preocupado com sua saúde e insistiu que a levassem até ele. Quando entrou em seu quarto, Guilherme estava sentado em uma posição confortável e seu rosto fechado em uma carranca assustadora.

— Essa cara assustaria muitas criancinhas — disse a ele.

Um leve sorriso se formou em seus lábios e ela caminhou até Guilherme. Seu irmão, Vitor, tinha ficado na porta deixando-os sozinhos.

— Como se sente? — Guilherme perguntou tentando esconder a preocupação que sentia.

— Estou melhor — garantiu.

— E por que ficou nervosa? — questionou sem desviar os olhos.

Letícia se lembrava do nervosismo da dúvida que sentiu se deveria ou não contar o que realmente a tinha deixado nervosa. Seu coração tinha batido forte no peito e seu lábio inferior tremido pelo choro contido.

— Sabotaram seu carro. — Guilherme afirmou sem que ela precisasse dizer uma única palavra.

Ela somente acenou concordando e soluçou cheia de preocupações. Agora tinha duas crianças para cuidar e proteger, mas alguém tinha tentado machucá-los, matá-los.

Naquele dia, Letícia sentou na poltrona ao lado de Guilherme e ele segurou sua mão até que se acalmasse. Um tempo depois, doutor Sales, o tirano, apareceu e mediu sua pressão, apesar de não ser obstetra. Cuidou dela com atenção para a doutora Jussara e só a deixou em paz quando teve certeza de que

ficaria bem.

— Vai ficar aí me encarando por quanto tempo mais? — Guilherme perguntou lhe tirando de seus devaneios.

Letícia arregalou os olhos percebendo que tinha passado muito tempo parada encarando o nada.

— Desculpe, minha mente está distraída hoje — disse indo se sentar onde Pedro estava alguns minutos atrás.

— Sêrio, se não tivesse falado, eu não teria percebido — zombou.

Ela estreitou os olhos percebendo o humor irritadiço de Guilherme. Sorriu para ele entendendo o motivo de Pedro ter corrido pra fora do quarto tão rápido, como se demônios o perseguissem.

— O que devemos a honra desse humor tão delicado? — Letícia perguntou sem se afetar.

Guilherme a ignorou.

— Está bem? — perguntou ele.

— Você é o único hospitalizado aqui. — Letícia apontou. — Mas respondendo sua pergunta, estamos muito bem.

— Hm, fico feliz em ouvir isto, mas...

Ela o interrompeu.

— Se eu não tenho nada de bom nesta sacola pra você? — completou rindo em um tom de provocação.

Guilherme gemeu com ansiedade.

— Diga-me, por favor, que tem algo saboroso escondido nesta sacola — implorou.

Letícia riu da expressão ansiosa e ao mesmo tempo emburrada de Guilherme.

— Talvez eu tenha algo — deu de ombros.

— Pagaria um milhão de dólares por um lanche com muito bacon e queijo — implorou.

— Não vou cobrar tanto por isto — apoiou a sacola nas pernas e tirou um grande sanduíche de dentro. — Não é muita coisa, mas meu hambúrguer não é tão mal assim.

— Você foi para cozinha? Com uma mão machucada? — perguntou estreitando os olhos.

— Não vai querer? — questionou erguendo o lanche. — Posso levar embora.

— Não se atreva — disse e pegou o lanche. — Morro se não comer algo decente nesse momento.

Letícia riu e entregou a ele uma garrafa de suco. Sabia que ele preferia refrigerante, mas não era saudável e nem recomendável para o momento.

— O cheiro está maravilhoso. — Guilherme disse como se estivesse com água na boca. — Parece que não como a dois meses — riu. — Minha mãe não me deixa sair da dieta do hospital, como se eu tivesse dez anos novamente e ela pudesse controlar cada refeição minha.

Ela pressionou os lábios tentando segurar a risada que ameaçava explodir de sua garganta.

— Não se — disse de boca cheia. — Atreva a rir — engoliu e suspirou. — O melhor lanche de todos — deu outra mordida grande. — Salvou o meu dia.

— Deu pra perceber pela forma que come, homem das cavernas — brincou.

Guilherme segurou para não rir de boca cheia, seu mau humor tinha ido embora completamente. Comer algo bom e ter a presença de Letícia ajudou a melhorar seu dia. Gostava do seu humor afiado e estava começando a ansiar por suas visitas.

Engoliu e a olhou com atenção.

— Lembro que me disse que teria uma consulta, ou melhor, teve — corrigiu. — Foi na terça?

— Quarta.

Ficou calado esperando que ela dissesse mais alguma coisa.

— E? — insistiu.

— E eu os ouvi — contou com um sorriso bobo. — O som mais lindo que já ouvi na vida — suspirou. — Valeu a pena cada manhã que passei abraçada a privada — riu.

— Muitos enjoos? — perguntou ainda de boca cheia.

— Mais do que me deixa feliz — respondeu. — Doutora Jussara me disse que agora irá reduzir um pouco, no terceiro mês de gravidez.

— Vai sentir falta de tudo isto. — Guilherme disse.

— Dos enjoos? Claro que não — respondeu. — Não fiquei doida ainda.

— Ainda não? — questionou brincando.

— Não mesmo — afirmou.

Riram juntos.

Letícia o observou comer com pressa, como se a qualquer momento ela fosse arrancar o lanche de suas mãos. Mesmo com um braço enfaixado, podia notar que ele se virava muito bem sozinho.

— Agora, poderia me contar o porquê estava tão estressado? — Letícia perguntou assim que ele terminou de comer.

Guilherme a encarou e depois desviou o olhar. Juntou devagar os restos e colocou no saco de papel. Limpou a boca com o guardanapo, enquanto pensava no que dizer a ela.

— Estou cansado de ficar neste hospital — murmurou. — Sei que só falta mais alguns dias para ser liberado.

— Mas não aguenta mais ficar preso neste quarto — completou rindo. — Anda dando trabalho para o tirano?

Riram.

— Meus irmãos me levam para caminhar nos corredores com ajuda das muletas e penso que vou sofrer um ataque — disse impaciente. — Quero que os meses passem logo.

— Sinto muito por te fazer passar por isto, Guilherme. — Letícia falou com sinceridade. — Apesar de saber que meu carro foi sabotado, não consigo deixar de me sentir culpada.

— Não. — Ele a interrompeu. — Nada de culpa, já falamos sobre isto.

Letícia acenou concordando e esfregou o rosto preocupada.

— Quem poderia querer me machucar? — Se perguntou.

— Não sei, mas vamos descobrir. — Guilherme respondeu.

Letícia o olhou sentindo-se cansada.

— Antes eu estava com medo de que fosse presa por quase te matar. — Letícia confessou. — Fiquei tão preocupada de que passaria a gestação em uma cela, que acredito que levou minha pressão nas alturas.

Guilherme a olhou com atenção. Podia ver as linhas de preocupações que se formavam em sua testa, Letícia o encarava, mas seus pensamentos estavam longes, distantes de qualquer realidade.

— Agora — suspirou. — Toda vez que deito a cabeça no meu travesseiro, a única coisa que consigo pensar é em como vou proteger meus bebês, que só tem três meses de vida — fungou baixinho. — Três meses que eu os carrego dentro

de mim, mas eu já os amo muito mais do que acreditei ser possível.

Ele estendeu a mão para ela.

Letícia o encarou, seu rosto estava marcado por aflição. Ela desviou o olhar tentando esconder o que sentia.

Sua mão pequena e macia tocou a forte de Guilherme, ele fechou os dedos sobre os dela. Sem dizer uma única palavra passou para Letícia toda segurança que precisava naquele momento.

Às vezes, não precisava de palavras para se sentir seguro.

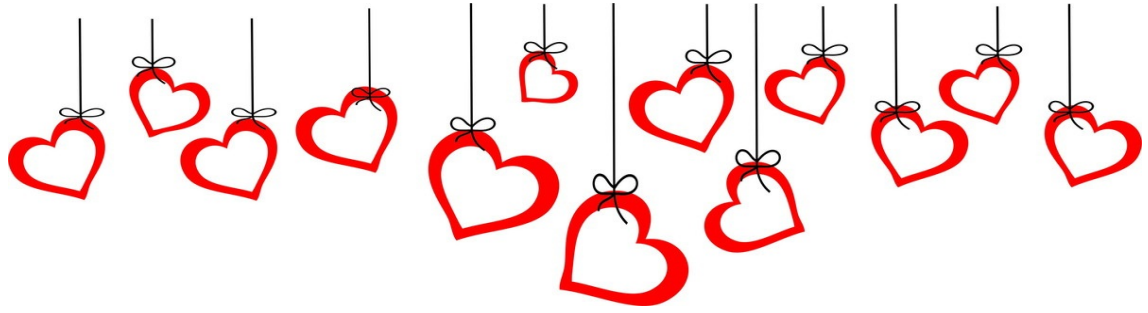
Não necessitava da pressa, o coração só precisava se acalmar, respirar devagar e esperar para que tudo dê certo.

Apertou mais forte a mão dela até que erguesse o olhar para encontrar o dele. Seus olhos chocolate encontraram os verdes dela. Um mês. Esse foi o tempo em que se conheceram. Não foi em um bom momento. Se conheceram em um acidente que poderia ter resultado em uma tragédia. Deveriam se odiar, ele deveria odiá-la por quase matá-lo, mas toda vez que Guilherme conversava com Letícia, ele tinha certeza de que não poderia nutrir nenhum sentimento ruim por ela. Seus olhos expressivos, não deixavam dúvidas sobre sua sinceridade.

Mas nenhum deles queria entender o porquê de tudo aquilo. O porquê algo tão grave os colocou frente a frente e mostrou que nem tudo era o que parecia ser. Que um acidente, às vezes, não passa de obra do destino. Algo, ou melhor, o destino, cruzou seus caminhos e estranhamente gostavam de como aquilo aconteceu. Guilherme decidiu que não mudaria nada, mesmo que tenha sido machucado no caminho, não mudaria suas ações. Ações essas, que colocou Letícia em sua vida de uma forma inesperada.

Ele sorriu para ela, sabia que estava com medo e com razão, mas desejava acalmá-la. Letícia tinha se tornado uma amiga e Guilherme pretendia fazer de tudo para protegê-la.

Quando Letícia sorriu de volta, ele soube que só poderia ser obra do destino conhecer uma pessoa igual a ela.



Capítulo Sete

— Já deixou de ser um velho rabugento? — Lurdes perguntou a Guilherme.

Ele estava aguardando seu médico lhe dar alta, mas sabia que esperaria pelo dia inteiro. Não ligou, o importante mesmo era que estava voltando para casa.

— Queria ver se fosse você no meu lugar. — A provocou. — Presa nesse quarto comendo a merda de uma gelatina de limão.

— Gelatina de limão? — Ela questionou pensativa.

— A pior de todas, uma coisa sem gosto e grudenta — contou.

— Teria deixado todos de cabelos em pé — respondeu rindo. — Fico feliz que esteja indo para casa.

— Não mais feliz do que eu. — Guilherme garantiu. — Morto de saudades da minha casa.

Suspirou aliviado.

Guilherme tinha ganhado a briga com sua mãe, ela queria que ele fosse para sua casa. Mas Guilherme não aceitaria nada menos do que ir para a *própria* casa. Queria sua cama, seu chuveiro, seu sofá, *sua casa*. Sabia que sempre teria companhia, além de Luan que estava de férias da escola e ficaria com ele. Em duas semanas estaria livre do gesso no pé e a ferida em seu braço estava cicatrizando como esperado. Teria alguns meses de fisioterapia pela frente, mas logo se recuperaria por completo.

— Está pensando na bela gravidinha? — Lurdes perguntou fazendo Guilherme se concentrar.

— Quem? — franziu a testa confuso.

— Não se faça de besta pra mim, garoto! — Ela exclamou impaciente.

— Garoto? Gostei de como isto soa — brincou.

— Está me enrolando que eu sei — acusou. — Anda pensando nela?

— Letícia? — perguntou se fazendo de bobo.

— Em quem mais poderia ser? — Lurdes questionou. — É uma bela mulher — aconselhou.

— Aonde quer chegar com essa conversa? — Guilherme perguntou atento.

— Deixa de besteiras! — moveu as mãos com desdém. — Quero saber

quando vai chamá-la pra sair.

— Tomou seu remédio hoje? — Guilherme brincou. — Ficou doida de vez.

— Pra sua informação, primeiro, não preciso de remédio — pontuou brava. — Segundo, não sou doida e, terceiro, você deveria chamá-la pra sair — estreitou os olhos para ele. — Uns beijos vai tirar esse seu mau humor.

— E como você chegou a essa conclusão? De que devo levar Letícia para sair e beijá-la — questionou erguendo uma sobrancelha.

— Meus anos de experiência — disse como se explicasse tudo. — Deixa de ser um bundão e vai ser feliz.

Guilherme acabou rindo, era impossível se segurar perto da avó de Sofia.

— Não ria! — exclamou brava. — É sério!

— Você é uma figura, Lurdes — riu.

— Não sou um pedaço de papel insignificante — protestou. — Sou muito mais que isto! — exclamou. — E você precisa convidar Letícia pra sair.

— Não vou fazer isto — negou com a cabeça. — Somos somente amigos.

— Você é cego? Porque não tem outra explicação — implicou. — Você e ela nasceram um para o outro — declarou.

Guilherme balançou a cabeça negando.

— Totalmente cego — afirmou impaciente. — Tudo o que precisa é de uma mulher forte e independente, e ela é isto.

— Não preciso de uma mulher — afirmou.

— Precisa sim, se quer mais do que uma noite de sexo. — O olhou com impaciência.

— Se não percebeu, estou em um hospital e a última coisa que vou fazer é sexo. — Guilherme retrucou tentando desarmá-la.

— E por acaso esse acidente fez com que seu corpo não funcione mais? — questionou impaciente. — Não fica mais duro por uma mulher bonita?

— Você conhece a palavra limites? — perguntou rindo.

— Nem sei o que é. — Lurdes respondeu rindo.

— Deveria aprender. — Guilherme apontou.

— Só se for pra me provar que mulheres e sexo está fora dos limites para você — deu de ombros sabendo que ganhou aquela discussão.

— Como chegamos a essa conversa? — Guilherme perguntou rindo. — Só para saber, eu estou sempre duro — tentou constrangê-la.

— Ótimo, assim não vai decepcionar a grávida lindinha — respondeu sem se afetar.

— Você não tem jeito — acusou.

— Vá pra casa e recupere as forças, porque mulheres grávidas não são facilmente saciadas — disse se levantando. — Preciso ir ver minhas flores, se comporte — beijou a testa de Guilherme. — Talvez não deva se comportar — riu com malícia. — Chame Letícia pra sair — ordenou se afastando.

Ele não disse nada, sua mente tinha tomado uma direção que não esperava. Lurdes tinha conseguido implantar a sementinha do desejo sobre ele. Fechou os olhos tentando não pensar em Letícia, mas somente ouviu a voz de Lurdes: *“Mulheres grávidas não são facilmente saciadas.”*

— Velha maldita — resmungou cheio de frustrações.

Um leve arrepio passou por sua pele ao pensar em sexo, pior, em sexo com Letícia. Balançou a cabeça negando, sua vida estava muito bagunçada para pensar em um relacionamento. No entanto, a vontade tinha se instalado em sua mente e parecia que não iria embora tão cedo.

— Ei, velho.

Guilherme abriu os olhos ao ouvir a voz de Luan.

— Velho é a — calou quando seu filho riu. — Me respeita que eu ainda sou seu pai. — Se corrigiu.

— Pronto para ir pra casa? — Se jogou na poltrona.

— Mais do que imagina — resmungou. — Muito velho para ganhar um beijo do pai? — questionou com a expressão fechada.

— Jovem demais, talvez. — Luan respondeu rindo. — Mas como você está parecendo um velho carrancudo — deu de ombros e se levantou.

Guilherme beijou a testa do filho e bagunçou os cabelos dele como castigo por chamá-lo de velho carrancudo. Luan reclamou e se afastou do pai.

— Não está feliz em voltar para casa? — Luan questionou observando as expressões do pai.

— Estou, por que a pergunta?

— Está com um olhar irritado — contou.

Guilherme respirou devagar e tentou suavizar seu olhar. Estava irritado com Lurdes, que o fez pensar em algo que considerava inapropriado. Letícia não precisava de um homem, ela mesma tinha afirmado isto. Decidiu ser mãe solteira sozinha, estava bem daquela forma.

Sem nenhum idiota tentando magoá-la, pensou emburrado.

— Não conseguiu por muito tempo. — Luan observou. — Parece pronto para explodir.

— Só estou cansado de ficar aqui, quero ir embora e esse maldito médico não aparece — justificou tentando distrair Luan de fazer mais perguntas.

— Vai aparecer em breve. — deu de ombros despreocupado. — Meus avós mandaram dizer que vão chegar em meia hora, mas a tropa vai estar em sua casa.

Guilherme gemeu cheio de frustrações, queria sossego e sabia que não teria até que estivesse completamente bem.

— Não tem como fugir? — perguntou ao filho.

— Não, pai. — Luan riu quando seu pai bufou inconformado.

— Vou colocar todos pra fora — disse decidido.

— Continua com um humor do cão, como tio Pedro disse. — Luan o provocou.

— Não deve ouvir as coisas que esses idiotas falam de mim — disse bravo. — Veio com quem?

— Minha mãe, ela disse que iria passar na lanchonete e depois ir embora — informou.

Guilherme acenou fechando a expressão novamente.

— Sei que estão brigados. — Luan disse observando o pai.

— Não estamos brigados — afirmou.

— Então, você precisou ser sedado aquele dia foi à toa? — disse o empurrando a contar.

— Quem te contou que fui sedado? — perguntou curioso.

— Ouvi vó conversando preocupada com Sofia — deu de ombros.

Guilherme esfregou o rosto com a mão boa, estava cansado da falta de privacidade daquele lugar. E só piorou quando seu filho foi envolvido na conversa, algo que nunca tinha acontecido antes. Ele e Bruna mantinham toda discussão fora do alcance dos ouvidos de Luan. Apesar de separados, seu filho nunca tinha sofrido com as brigas entre eles. Se esforçavam para falar de suas diferenças longe de Luan e ver que ele soube de algo estressou Guilherme.

— Pai. — O tom preocupado de Luan o fez respirar fundo.

— Estou bem — garantiu. — Eu somente me alterei quando não podia — explicou. — Sua mãe não me fez nada, assim como eu não fiz nada com ela. Só

que acordar em uma cama de hospital não é a melhor sensação do mundo, acabei descontando minhas frustrações nela, sinto muito.

Luan sorriu.

— Não tem que pedir desculpas pra mim, sabe disto — disse. — Eu entendo que esses dias não tenham sido os melhores para você, não se preocupe com o que eu vou pensar sobre você e minha mãe.

— Não deveria ter gritado com ela. — Guilherme disse para Luan.

— Não, mas quem pode culpá-lo? — Luan questionou.

Guilherme acenou e ficou em silêncio aguardando o médico. Não queria falar sobre aquele assunto, muito menos com seu filho. Era só mais uma coisa para perturbar sua cabeça, a frustração com Bruna e o recém interesse em Letícia. Fechou os olhos tentando não pensar, não precisava de mais problemas, talvez um cochilo o ajudasse.



Não tinha sensação melhor do que a de sentar em seu próprio sofá, pensou Guilherme.

Sua casa estava limpa, obra de Elis, e ele grato pelo ar puro que sentia ali. Na TV passava qualquer coisa que não prestava atenção. Estava tão focado no alívio que sentia que ouviu o relatório de sua mãe sem nem mesmo reclamar, o que já era um progresso, pois seu humor não era um dos melhores desde que acordou no hospital.

— Posso dizer que o vestido daquele cara é realmente bonito. — Vitor disse.

Guilherme franziu a testa e olhou confuso para o irmão, o único que ainda estava ali, além de Luan.

— Ah, então, está me ouvindo — brincou. — Estou falando com você a meia hora, ou melhor, falando para as paredes.

— Desculpe.

— Cansado? — questionou.

— Um pouco.

— Vou embora e deixá-lo ter seu momento de paz. — Vitor se levantou.

— Não vai ficar? — questionou.

— Quer que eu fique como mãe ordenou? — Vitor devolveu a pergunta.

— Não — riu baixo.

— Eu sei, Gui. — Vitor segurou seu ombro de leve. — Sei o que está sentindo, o alívio de estar em casa e a vontade de ficar sozinho, passei por isto também.

— Nunca me esqueceria do que já passou. — Guilherme garantiu.

— Por isto que estou indo embora. — Vitor afirmou rindo. — Você só precisa ficar sozinho, um pouco de tranquilidade não faz mal para ninguém. Mas qualquer coisa que precisar, me ligue, que eu venho correndo — prometeu.

— Não vou precisar de nada — disse ao irmão. — Mas prometo ligar se for preciso.

— Bom — acenou. — Tchau, garoto, pare de crescer — disse para Luan. — Me sinto velho cada vez que te vejo — brincou.

— Não posso fazer nada a respeito — zombou. — Isto aí são fios brancos?

— Vou embora. — Vitor resmungou.

Guilherme e Luan gargalharam.

— Precisa de alguma coisa pai? — perguntou assim que ficaram sozinhos.

— Um banho — suspirou. — Me ajude a cobrir esse gesso e eu posso me virar sozinho depois.

Levantou devagar e segurou uma muleta, já que seu outro braço estava machucado. Caminhou lentamente para o quarto, sua pele repuxou em seus machucados e Guilherme segurou para não deixar transparecer. Agradeceu por seu banheiro ser grande, Vitor tinha deixado uma cadeira e um banco de plástico no box. Encostou a muleta e suspirou enquanto tentava tirar a roupa sem piorar sua dor, se livrar da camisa foi o mais difícil, mas conseguiu.

A tiraria nem que tivesse que rasgá-la ao meio, pensou mal-humorado.

Sentou na cadeira e jogou uma toalha no colo, ergueu a perna para o banco de plástico que ficaria fora do chuveiro. Luan entrou alguns minutos depois e protegeu o ferimento do braço com um curativo impermeável e embrulhou o gesso do pé como o médico tinha instruído.

Guilherme ficou debaixo da água morna por tanto tempo que preocupou seu filho. Ele estava tão cansado, que se sentou ali e se desligou de tudo. Um tempo depois deitou na cama, nu, e dormiu rapidamente.



Luan roeu o canto das unhas com ansiedade. Seu pai tinha demorado muito no banheiro, o fazendo se questionar se ele estava realmente bem. Abriu a porta

devagar e o encontrou deitado na cama em sono profundo. Suspirou aliviado sabendo que ele só estava cansado.

O edredom cobria sua cintura e seu pé machucado estava do lado de fora sobre um travesseiro. Percebeu que ele esqueceu de ligar o ar condicionado do quarto, a noite estava muito quente e Guilherme não dormia bem quando sentia calor. Luan pegou o controle e ligou na temperatura que o pai gostava.

Saiu do quarto e foi para o seu. Deitou na cama e digitou uma mensagem para seu tio Vitor.

Luan: Ele está dormindo.

Vitor não demorou a responder, deu a privacidade que o irmão precisava, mas estava preocupado.

Vitor: Foi tranquilo o banho?

Luan: Ele demorou muito, mas acho que só queria relaxar um pouco.

Vitor: Tenho certeza que sim, me ligue se tiver algum problema.

Luan: Ok, obrigado, tio.

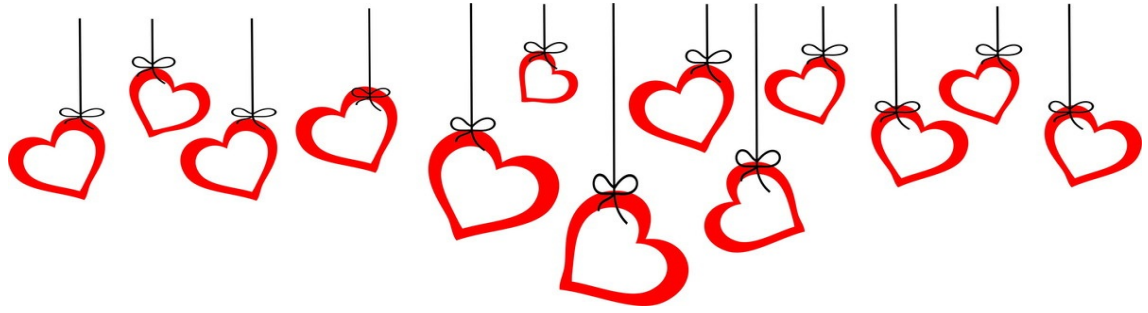
Dobrou os braços atrás do pescoço e ficou olhando o teto, na escuridão, do seu quarto. Voltou a se lembrar da conversa que teve com Guilherme no hospital, sobre ele e sua mãe estarem brigados. Sabia que o motivo era porque ela decidiu se casar com Marcos, todos sabiam. Mesmo que ninguém tenha dito a ele, Luan já tinha imaginado que Guilherme não ficaria muito feliz. Seu pai sempre demonstrou muito carinho com Bruna, mas Luan nunca soube se era amor. Como policial, Guilherme não era fácil de ler. Porém, no hospital, suas barreiras não estavam erguidas e foi fácil saber o porquê tinha se alterado com Bruna.

Não culpava sua mãe também, sabia que ela amava Marcos. Só era difícil ver que sua mãe estava tão feliz por casar e seu pai tão infeliz pela escolha de Bruna. Piorava tudo, que logo agora, Guilherme estivesse se recuperando de um acidente que quase o matou.

Um arrepio de medo passou por sua espinha, ainda se lembrava do medo que sentiu quando soube que ele tinha uma hemorragia e precisava de cirurgia urgente, seu caso era delicado. Mas tudo tinha se ajeitado novamente. Seu pai era um homem forte e logo estaria totalmente recuperado.

Luan fechou os olhos sentindo uma paz se instalar em seu coração.

Dormiu com a certeza de que tudo ficaria bem.



Capítulo Oito

A maior certeza do mundo era que nada de bom vinha de mão beijada. Ter aquilo que tanto almeja, sem a necessidade de oferecer nada em troca era o sonho para muitos. Mas para uma recuperação completa não era tão diferente do ditado popular. Bons desafios sempre viam acompanhados de boas recompensas.

Assim que se deveria lidar com a vida, no geral.

Como o ditado mesmo dizia, nada vinha facilmente ou de graça, e quando acontecia era motivo para desconfiar.

Afinal, foi fácil demais para ser verdade, não é mesmo?

No entanto, o que aprende com isto é que a prática leva a perfeição. Guilherme sabia muito bem disto quando se deitou em sua cama naquela noite. Havia retirado o gesso há quinze dias e agora precisava se manter firme a fisioterapia.

Naquela noite, sentia-se exausto, tanto fisicamente quando mentalmente. Gael, o mesmo fisioterapeuta de Vitor, o fez sofrer com a mais leve sessão que pôde. Não forçavam muito ainda, mas Guilherme sentia dor como se tivesse corrido a maior maratona do mundo. Seu tornozelo doeu como imaginou que seria, mas não contou que se sentiria tão desgastado.

Fechou os olhos e dormiu por duas horas diretas, mas acordou quando sentiu seu celular vibrar. Não queria atender imaginando que poderia ser alguém de sua família, curioso olhou a tela e a imagem dela brilhava sorrindo.

— Letícia — murmurou olhando a foto que ela tinha lhe enviado para colocar em seu número.

Levou o aparelho em seu ouvido e ouviu a voz dela.

— Desculpe se te acordei. — Letícia disse de imediato.

— Tudo bem — respondeu se acomodando no travesseiro. — Ainda ansiosa?

Eles conversavam quase todos os dias e era o melhor momento do dia para os dois. Guilherme sabia que ela estava aflita esperando pela conclusão da investigação, ainda não tinham achado o responsável pelo acidente e isto deixava ambos preocupados.

— Não é isto — disse parecendo nervosa. — Eu precisava falar com

alguém, mas meu avô está dormindo e Isa dorme muito pouco por causa dos filhos dela — hesitou. — Não quero incomodar.

— Me conte, converse comigo — sorriu imaginando o olhar ansioso dela.

— Eles se mexeram, não é incrível? — riu do outro lado.

— Você quer dizer que. — Se calou surpreso.

— Sim! — exclamou. — Meus bebês se mexeram.

— Uau! Parabéns, Letícia! — riu. — Conte-me como foi — pediu.

— Estava dormindo e senti algo estranho, pensei que estava passando mal — contou animada. — Até quis ir ao hospital, mas me acalmei e percebi as leves ondulações na minha barriga — riu animada. — Foi incrível! E eles não tem nem quatro meses ainda.

— Está gerando pessoinhas bagunceiras — brincou. — Começaram rapidinho.

— Vou pagar pelos meus pecados — riu. — Mas com muito prazer, isto mostra que eles estão crescendo bem.

— E saudáveis. — Guilherme completou.

A risada feliz de Letícia fez o seu coração perder o compasso de suas batidas. Algo novo, que o deixava feliz por vê-la tão realizada. Era quase a mesma coisa que sentia quando via Luan, seu filho, feliz.

— Quero que se mexem sempre. — Letícia disse.

— E eu quero ouvir você dizendo isto quando estiver com seis ou sete meses e não conseguir dormir por causa de sua barriga gigante. — Guilherme a provocou.

— Não estrague minha felicidade.

— Nunca poderia fazer isto — garantiu rindo. — Mas estou sendo realista.

— Guilherme — repreendeu-o.

— Estou brincando, vou estar bem acordado quando você não conseguir dormir daqui uns meses e precisar de alguém pra conversar — prometeu.

— Você está terrível — Letícia protestou. — Como foi a fisioterapia?

— Normal.

— Mentiroso — acusou. — Tenho vontade de chorar cada vez que preciso ir visitar o Gael.

— Muita dor? — perguntou.

— Não, só que é — calou-se tentando achar a palavra certa.

— Desgastante. — Guilherme disse.

— Sim, desgastante — suspirou. — Juntando com minha enorme vontade de comer pudim de chocolate e a recente dor nas costas.

— Pudim de chocolate?

— Muitos pudins de chocolate — riu. — Como uma coisa assim é possível? Esses desejos por doces que eu não posso abusar.

— Sua médica te restringiu? — perguntou levemente preocupado.

— Ela só não quer correr o risco de uma diabetes gestacional — suspirou. — Concordo com ela, seguir a dieta e controlar meus desejos, porque não quero complicações, mas tem noção do quanto é difícil resistir a um pudim de chocolate?

— Não — respondeu rindo.

— É quase como se me arrancassem um braço! — exclamou. — Quero comer o dia inteiro.

Guilherme riu de sua comparação, imaginava que os desejos dela estavam realmente fortes, acentuados. Se lembrava com clareza dos que Bruna sentiu quando estava grávida de Luan. Hoje achava divertido, mas na época não foi nada engraçado correr para comprar coisas que ela vomitaria minutos depois.

— Vai passar em breve, vai ver — disse a ela.

— Minha médica disse a mesma coisa, mas como estou esperando gêmeos, pode demorar um pouquinho mais — suspirou. — Meus hormônios vão me enlouquecer a qualquer momento — riu. — Como meu avô sempre diz, nada bom vem de graça ou é fácil — contou. — Vai valer a pena quando estiverem protegidos em meus braços.

— Tenho certeza disto — garantiu sorrindo.

— Estou falando demais, neh? — questionou. — Isto não é hora pra ligar, sinto muito.

— Gosto de conversar com você, Letícia. — Guilherme a tranquilizou. — Sabe disto.

— Também gosto de falar com você, não tenho muitos amigos — suspirou. — E agora, grávida e recuperando do acidente, não faço muita coisa.

— Ficar em casa sem fazer nada por longas horas. — Guilherme confessou sabendo que ela passava pelas mesmas frustrações que ele. — É de enlouquecer.

— Vou surtar se passar mais uma noite em casa. — Letícia disse emburrada. — Estou pensando em ir ao cinema amanhã.

— Isadora vai com você? — perguntou preocupado de que fosse sozinha.

— Não — bufou. — Ela disse que não conseguiria ir, tem um jantar na casa da sogra e não poderia faltar.

— Seu avô? — questionou.

— Ele não tem esse tipo de paciência — riu. — Vou sozinha mesmo, achar um filme bom e comer muita pipoca.

— Não deveria ir sozinha. — Guilherme disse franzindo a testa.

— Não vejo problemas com isto, vou em uma sessão no início da tarde — disse em um tom calmo. — Encontrar um filme água com açúcar e me divertir um pouco.

— Água com açúcar? — riu de sua comparação.

— Sim — afirmou e ele sabia que ela estava sorrindo. — Aqueles romances docinhos que atacam a glicose da gente.

— Pra quem estava preocupada com diabetes, não é recomendável, então — brincou.

— O máximo de efeito que vai ter em mim serão lágrimas, muitas delas — afirmou. — Ei, Guilherme.

— Oi, Letícia.

— Por que não vem comigo? — O convidou.

— Para assistir um filme água com açúcar em que muito provavelmente você vai chorar? — questionou brincando.

— Não vai ser tão ruim assim, podemos ver um filme de ação — afirmou tentando convencê-lo. — Vamos lá, Guilherme, diga-me que não está doido pra sair de casa para um lugar que não seja uma clínica de fisioterapia.

Ele mordeu o lábio para não dizer que sempre ia na casa de seus pais, mas percebeu o quanto tedioso parecia ser.

— Uma comédia? — insistiu. — Pipocas caramelizadas? — brincou. — Não é uma boa ideia comer isto perto de mim — riu. — Sem excessos de açúcar para a grávida aqui.

— Tudo bem, me convenceu — riu percebendo o quanto queria acompanhá-la. — Vou deixar Luan com meus irmãos.

— Leve-o também. — Letícia pediu.

— Acho que meu filho precisa de um momento longe, passou os últimos dias atento no velho dele.

— Você não é um velho. — Ela disse rindo.

— Diga isto a ele — respondeu. — Vou mandá-lo para Vinicius, apesar de ser preocupante, meu irmão sabe como distrair um garoto de quinze anos.

— Tudo bem, você é quem sabe — afirmou. — Vou te deixar dormir e tentar fazer o mesmo — riu baixinho. — Nos falamos amanhã — prometeu. — Tchau, Gui.

— Tchau, Leth — respondeu sem conter o sorriso.



Letícia não conseguiu conter o nervosismo enquanto caminhava em direção as salas de cinema do shopping. Já tinha alguns dias que não via Guilherme e ontem, quando desligou o celular, percebeu como se sentia ansiosa para vê-lo. Antes se encontravam na clínica de fisioterapia, conversavam um pouco e iam em direções opostas. Mas Letícia não queria se afastar dele, então, continuou mandando mensagens e o ligou algumas vezes. Para sua surpresa, Guilherme foi muito receptivo e também começou a chamá-la por mensagem ou ligações.

Ela não entendia como poderia se sentir tão próxima de uma pessoa daquela forma. Muito menos, como algo trágico se tornou aparentemente uma das melhores coisas do momento.

Torceu os dedos tentando acalmar a ansiedade, então, o viu.

O sorriso nos lábios dela foi instantâneo, reparou rapidamente que ele sempre usava roupas escuras. Jeans e camisa polo nunca pareceu tão perfeito em alguém antes, como em Guilherme. Sua expressão estava fechada, como de costume, e seu cabelo tinha o famoso corte militar.

Guilherme também não conseguiu conter o sorriso quando avistou Letícia. O vestido estampado e de alças finas cobria somente até o meio de suas coxas. Apesar do tecido soltinho, era impossível não perceber sua pequena barriga saliente de quase quatro meses de gestação. Seus cabelos cor de mel estavam levemente bagunçados, mas não atrapalhava no fato de que ele a achou ainda mais bonita do que a última vez que a viu.

— Não o fiz esperar muito, não é? — Letícia perguntou sorrindo.

— Acabei de chegar aqui — afirmou. — Como vai? — beijou a bochecha dela.

— Estou bem e você? — perguntou retribuindo o beijo.

— Parece que melhor agora — foi galante. — Como estão os meninos?

— Meninos? — riu. — Estamos bem.

— Acho que vão ser dois meninos — disse lhe oferecendo o braço.

Letícia aceitou de bom grado e os dois caminharam devagar para a bilheteria. Guilherme não tinha recuperado completamente o tornozelo, por isto, caminhava devagar e levemente mancando. Foi aconselhado de que sempre caminhasse sem pressa e com atenção.

— Está enganado. — Ela negou com a cabeça. — Acredito que seja duas meninas.

— Tenho certeza. — Guilherme a provocou. — Ou vai me dizer que seriam homens demais para sua vida independente?

— E não seria? — brincou. — Ficarei muito feliz se for dois garotos, ou duas menininhas, ou um casal.

— Tenho a sensação de que se for meninas, você as torturara com muitos laços e vestidos de babados — acusou rindo.

— Claro! — exclamou. — Muitos laços e roupas cor de rosa.

Riram juntos e observaram a fila cheia demais, Guilherme enrugou a testa e Letícia franziu o nariz. Se encaram como se quisessem dizer “*sério?*”.

Então, ela sorriu.

Guilherme suspirou sabendo que Letícia não desistiria e teria que enfrentar aquela fila enorme para conseguir duas entradas.

— Vamos pela fila preferencial — apontou para o lugar vazio que atendia as pessoas da fila por não ter nenhum cliente preferencial. — Não espera que uma grávida aguarde nesta fila!

— Seria um absurdo total — riu e apertou a mão dela que descansava em seu braço. — Vamos lá, vou ter a certeza de que tenha suas entradas.

— Hm. — Letícia gargalhou. — Ainda tenho direito de escolta.

— Tudo para garantir seus direitos de gestante — afirmou.

— Obrigada, é muito gentil — brincou.

— Minha mãe me criou bem — deu de ombros.

— Disto eu não posso discordar.

Conseguiram comprar as entradas em dois minutos, escolheram uma comédia em cartaz e foram se abastecerem com pipoca. Alguns minutos depois estavam dentro da sala e procuravam pelos acentos certos.

— Vai me dizer porque não quis refrigerante e nem suco? — Guilherme perguntou assim que se sentaram.

— Estou grávida — disse como se explicasse tudo.

— E grávidas não bebem mais refrigerante? — questionou. — Ou sua médica também pediu para que reduzisse o consumo?

— Não é nada disto — suspirou.

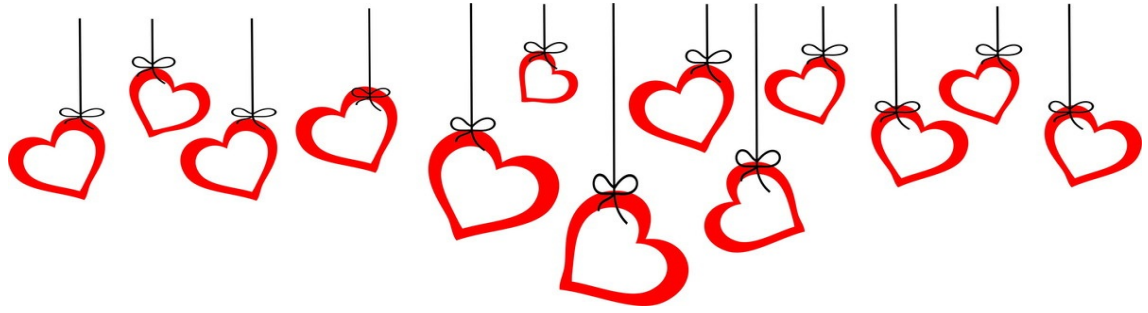
— Então, me explique — pediu confuso.

— Os bebês já pressionam minha bexiga — contou constrangida. — Se eu beber muito líquido. — Se calou envergonhada.

— Já entendi — riu baixo. — Desculpe te constranger, só não me lembrava desse detalhe e sou curioso por natureza.

— Tudo bem, só vamos esquecer isto — pediu sentindo as bochechas quentes.

Ele riu concordando, jogou algumas pipocas na boca e aguardou o início do filme.



Capítulo Nove

Já se sentiu como se o mundo inteiro parasse para que percebesse que o melhor da vida é viver? Viver pequenas coisas. Pequenos momentos e instantes que em outra situação nunca valorizaria. Era aquele típico clichê onde diziam que o valor das coisas não está no tempo em que duram, mas na intensidade de que acontecem, o que tornava os momentos inesquecíveis.

Guilherme percebeu que tinha tomado a decisão certa em acompanhar Letícia até o cinema. A cada risada dela, sentia daquele encontro, aparentemente de amigos, cada vez mais especial.

Quando a pipoca acabou, a cabeça dela pousou sobre seu ombro enquanto se perdia na gargalhada. Guilherme não prestava mais tanta atenção assim no que passava na tela, seus olhos estavam atentos a ela.

Seu coração estava descompassado e suas mãos geladas. Ansioso e cheio de uma vontade que não queria ceder. Não queria estragar o momento e muito menos a amizade entre eles.

Letícia respirou fundo acalmando a risada e sentiu o perfume de Guilherme. Fechou os olhos percebendo o quão agradável era. Abriu os olhos e ergueu a cabeça, o encontrou encarando-a com intensidade. Seus olhos desceram para os lábios dele e voltaram para seu olhar cheio de paixão reprimida.

Era como se beijassem pelo olhar.

Ela sorriu e deu o primeiro passo, ou melhor, o primeiro beijo. Não queria que ele se sentisse acuado por acreditar que ela fosse uma mulher independente que não desejava mais homens em sua vida.

Seus lábios se tocaram e ambos fecharam os olhos apreciando o momento. Respiraram levemente tensos e se afastaram, se encararam buscando a certeza de que desejavam a mesma coisa.

Guilherme segurou a bochecha de Letícia e a trouxe de volta para sua boca. Beijou-a delicadamente, contemplando a maciez de seus lábios e aprofundou o contato quando Letícia deu passagem. Experimentou o que era um beijo de verdade, não pela soma dos lábios, mas pelo encontro de suas almas.

O encontro de uma só alma.

Ou como mesmo gostavam de dizer...

... O encontro da peça certa, aquela pequena peça do quebra-cabeça que tinha se perdido.

Os dedos de Guilherme escorregaram pelo rosto de Letícia até encontrar os seus cabelos. Se fecharam nos fios sedosos, segurando-a no mesmo lugar como se sentisse medo de que se afastasse.

O mundo realmente tinha parado naquele instante para os dois. Aquele beijo se tornou tão íntimo que sentiam como se compartilhassem um segredo que se diz na boca e não no ouvido.

Delicados, se deliciavam com o sabor do novo sentimento, da experiência. O beijo foi se finalizando com a mesma suavidade de que começou. Seus olhos permaneceram fechados, mas seus lábios se curvaram em um sorriso satisfeito.

Quando se encararam, não havia nenhum pinga de arrependimento entre eles. Ambos tinham olhos brilhantes e lábios sorridentes.

— Parece que perdemos o final. — Guilherme disse em um sussurrou rouco.

— Parece que teremos que voltar para saber como acaba. — Letícia respondeu no automático.

Ela sentia um enorme frio no estômago e estava completamente perdida pela intensidade do olhar dele.

— Sim — concordou sorrindo. — Vamos?

Guilherme desceu a mão, que segurava o cabelo de Letícia, por seu braço levemente frio pelo ar condicionado da sala. Sentiu o arrepio que se arrastava na pele dela por seu contato, afastou a mão rapidamente.

Ela fechou os olhos como se tentasse recuperar o controle e Guilherme se odiou por um momento. Entendia o que acontecia com ela, o beijo e o toque a excitava. Seus hormônios estavam mais elevados do que Letícia imaginava, ela não esperava se sentir tão afetada. E Guilherme tentava se repreender por ter gostado tanto da forma que ela respondia ao seu toque. Tentou com muito esforço esquecer o que Lurdes disse a ele no hospital.

— Letícia? — suspirou. — Está bem?

— Sim, eu — gaguejou de leve. — Estou bem — afirmou com um tom agora firme.

Ele acenou e apontou para a saída, Letícia concordou e caminhou para fora.

— Ainda com fome? — Guilherme perguntou.

— Não — respondeu rapidamente. — Estou bem.

— E o que quer fazer agora? — questionou.

— O que eu quero? — perguntou com a voz falha.

— Sim, o que quer?

Guilherme se esforçou muito para não sorrir, sabia que estava a provocando. As bochechas dela ficaram vermelhas rapidamente e ele considerou que como: algo gracioso a forma que corava.

— Guilherme! Está me provocando de propósito! — exclamou brava.

— Desculpe?

— Não está nem arrependido — resmungou. — Isto não se faz com uma mulher grávida. — O acusou.

— Nem sei do que está falando — brincou.

Ele pegou a mão dela e colocou em seu braço, caminharam devagar para as escadas rolantes.

— Cínico.

Letícia ignorou a risada de Guilherme e ergueu o queixo tentando não se afetar novamente. Mas depois daquele beijo e de sentir a suavidade da mão forte dele sobre sua pele, não sabia até quando conseguiria contrariar seus hormônios.

Assim que pôs seus pés na escada rolante se sentiu tonta. Segurou o braço dele com força e ofegou de leve.

— Letícia?

Ela não respondeu, fechou os olhos e tentou se concentrar.

— O que está sentindo? — Guilherme perguntou preocupado.

— Tonta — resmungou. — Essa escada está me deixando zozza.

— Droga. — Guilherme praguejou vendo que ainda estavam na metade da escada.

Segurou a mão dela e passou o braço por seu ombro, preocupado de que ela perdesse o equilíbrio e caísse. Quando, enfim, chegaram ao fim da escada, ele a guiou até o banco mais próximo.

— O que precisa? Se sente melhor? — questionou levemente desesperado.

— Só me de uns minutos — afirmou Letícia.

— Fique aqui, vou comprar uma garrafa de água pra você. — Guilherme disse.

— Estou bem, não — calou quando ele a olhou feio.

— Volto em um minuto — afirmou e se afastou.

Letícia acenou quando ele já tinha virado as costas, se sentiu um pouco enjoada, mas não era nada como no segundo mês de gestação. Continuou puxando o ar devagar enquanto tentava se recuperar daqueles efeitos. Começou a se sentir chateada por ter estragado o passeio com Guilherme, mas ela era uma bomba de hormônios imprevisíveis.

Não existia mais o horário certo para os enjoos e tonturas, tinha diminuído com o passar dos dias. Todas as manhãs do seu segundo mês foi abraçada a uma privada, mesmo quando estava internada no hospital. A gestação gemelar cobrava muito do seu corpo, eram hormônios em dobro para lidar sozinha.

Mas valeria a pena, Letícia afirmou em pensamentos. Alisou a barriga com carinho e mesmo com a falta evidente de ar manteve a calma.

Guilherme freou os pés quando a avistou. *Tão linda*, pensou. A forma que alisava a barriga mostrava o quão boa mãe seria. Um aperto se fez em seu peito, desejou poder ver aquela cena sempre. Queria vê-la cada vez mais redonda e também rodeada por seus filhos.

Seus devaneios se afastaram ao perceber que ela respirava com dificuldade. Correu pra Letícia, ignorando a dor em seu tornozelo.

— Letícia! — exclamou preocupado.

Guilherme arregalou os olhos ao ver a calma no rosto dela. *Como poderia estar tão tranquila se não se sentia bem?* Questionou em pensamentos.

— Precisa de um médico ou. — Se calou quando ela ergueu uma mão.

— Estou bem — disse com a respiração cansada.

— Não parece. — Se sentou ao lado dela. — Tome um pouco de água.

— Estou bem — afirmou novamente aceitando a água.

— Sua respiração — calou novamente para observá-la beber a água.

— Isto sempre acontece quando fico tonta — contou calma. — É normal para a gestação gemelar.

— Não parece normal pra mim — protestou.

— Estou bem, Gui — sorriu. — Só preciso manter a calma e esperar passar.

— Ainda acredito que precisa de um médico — afirmou ele.

— Minha médica me explicou que a gestação gemelar aumenta, e muito, o meu nível de progesterona — comentou. — E essa taxa elevada pode causar falta de ar em algumas mulheres — tomou mais um pouco de água. — Com o tempo, isto vai acontecer com mais frequência, porque os bebês vão colocar mais pressão sobre o meu diafragma.

— Não sei se fico impressionado ou preocupado com sua calma. — Guilherme disse mais tranquilo.

— Tenho que me manter calma, Gui — riu. — Vou passar por isto por meses sozinha, não posso me desesperar cada vez que acontecer.

— Meu conceito de você continua aumentando — segurou a mão dela. — Aprecio sua coragem.

— Obrigada — piscou para ele rindo.

— Vamos ficar sentados aqui por quanto tempo precisar — prometeu.

— Desculpe atrapalhar nosso.

— Não atrapalhou nada. — A cortou. — Hoje, não vai passar por isto sozinha — garantiu. — Vou ficar aqui, segurando sua mão, até que se sinta melhor.

— Obrigada — murmurou emocionada.

— Não me agradeça por isto, vou cuidar de você — prometeu.

Letícia deitou a cabeça no ombro de Guilherme e fechou os olhos tentando conter a emoção. Pela primeira vez, em muitos anos, sentia-se cuidada por um homem sem duvidar da palavra dele. Ele prometeu ficar ao seu lado, até que se sentisse melhor, sem segundas intenções ou por educação. Podia visualizar com facilidade a sinceridade em cada uma de suas palavras e promessas.

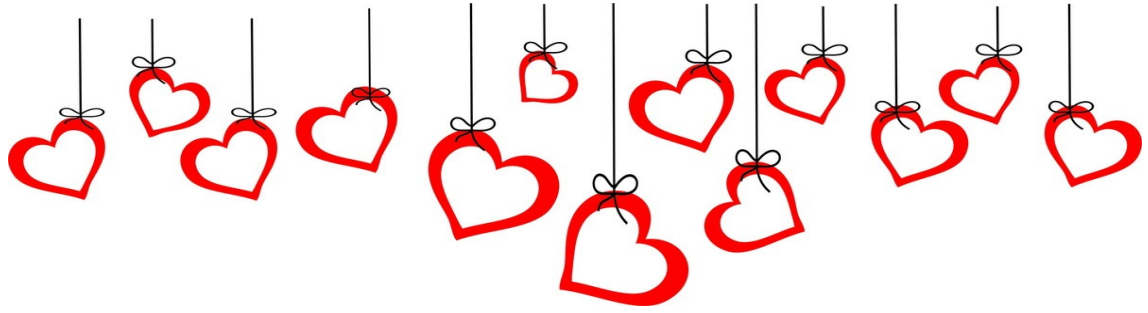
Jamais poderia duvidar da verdade que brilhava nos olhos dele.

Mas havia um único problema, ela não sabia o que fazer com aquilo tudo que sentia. Apesar de ter beijado Guilherme no cinema, ela não poderia deixar isto continuar. Não seria capaz de colocar sobre ele tantas responsabilidades. Seu *Plano B*, a gravidez por inseminação sempre será sua melhor escolha.

No entanto, agora desejava tê-lo conhecido antes, pois ele sim se encaixava a ela com perfeição.

Guilherme era a sua peça, sua pessoa.

O que fazer? Perguntou-se aflita.



Capítulo Dez

— Vai ficar bem? — Guilherme questionou parado na frente do portão de Letícia.

— Vou, obrigada por tudo. — O abraçou realmente agradecida.

— Qualquer coisa, me ligue — disse a segurando perto. — Promete?

— Guilherme, sobre o beijo. — Letícia iniciou sem saber ao certo o que falar. — Você não precisa acreditar que tem alguma responsabilidade comigo.

— E quem falou de responsabilidades aqui? — questionou deixando-a se afastar.

— É só que esse não é o momento certo da minha vida pra um relacionamento — hesitou não querendo parecer precipitada.

— Apesar de que tudo também seja novo pra mim e que eu não tenha tido tempo para pensar, gostaria de saber porque esse não seria o momento certo — pediu pacientemente.

— Estou grávida, escolhi estar — afirmou. — Você não...

— Isto não é um empecilho para mim, Letícia — garantiu. — Eu gosto de você, grávida ou não. — Guilherme se aproximou dela e segurou seu rosto. — E trouxe-a para mais perto de seu corpo. — Não vou abrir mão de sentir tudo o que senti hoje, a não ser que me mande ir embora. Jamais ficaria se não quisesse — beijou de leve os lábios dela. — Quando te beijei naquela sala de cinema mais cedo, senti coisas que acredito nunca ter experimentado antes — confessou. — Não vou correr disto por medo de responsabilidades, não tenho medo e você também não deveria ter.

Seus lábios tocaram os dela novamente, suavemente insistiu até que lhe deixasse aprofundar o beijo.

Aquele medo bobo de Letícia evaporou sem que nem mesmo percebesse. Retribuiu o beijo de Guilherme com o mesmo carinho em que recebia, se deixou perder nas sensações que a envolvia. Beijá-lo no cinema tinha sido como provar uma fruta desconhecida e descobrir o melhor sabor de todos. E agora desejava por cada vez mais daquela fruta, daquele sabor que os lábios dele ostentavam com tanta provocação.

Guilherme se afastou um pouco e a encontrou de olhos fechados, o rosto

calmo e sereno ficou marcado em sua alma. Beijou-a de leve novamente antes de se afastar por completo.

— Não fuja de mim, Letícia — murmurou o pedido.

Ela o encarou por alguns segundos.

— Não vou fugir — prometeu.

Ele sorriu acreditando.

— Bom, preciso ir buscar o Luan antes que Vinicius o leve para uma boate ou coisa pior — brincou.

— Então, vá logo — riu. — Coitado do menino.

— Te ligo mais tarde — beijou a testa dela antes de se afastar.

O táxi que pegaram no shopping continuava o esperando pacientemente. Guilherme olhou para trás uma última vez antes de entrar no carro, ela sorria docemente para ele, acenou e foi embora.

Vinte minutos depois parou na frente do prédio de Vinicius, no caminho tinha enviado uma mensagem avisando para descer. Mas seu irmão e filho não o aguardavam. Guilherme respirou devagar, Vinicius nunca cumpria bem um horário e amava fazer as pessoas esperarem por ele. Algo que irritava até a última célula do corpo de Guilherme.

— Tem dois minutos pra descer — disse ao telefone.

— Estou indo, pai. — Luan respondeu.

— Guilherme seu chato! — ouviu Vinicius protestar. — Estava quase terminando com a novinha — riu alto.

— Desça logo, Luan, antes que eu suba aí pra socar a cara do seu tio — ameaçou.

— Já vou — riu e desligou.

Guilherme balançou a cabeça rindo.

— Seu filho? — O taxista perguntou.

— Sim, o deixei com meu irmão.

— Essas crianças de hoje em dia estão crescendo tão rápido, não é mesmo? — perguntou. — Minha neta já tem doze anos e parece que foi outro dia em que peguei aquele pequeno bebê — riu.

— Crescem mais rápido do que percebemos. — Guilherme concordou. — Rápido demais.

Viu os dois se aproximando do portão, abriu a porta do carro e desceu.

— Inteiro, como prometi. — Vinicius disse. — Como foi seu encontro?

Guilherme nem se deu o trabalho de responder, apontou para onde Luan deveria entrar.

— Também estou curioso, pai. — Luan insistiu.

— Vamos logo pra casa, garoto — bagunçou os cabelos dele.

— Não antes de contar o que fizeram no escurinho do cinema. — Vinicius o provocou.

— Não tenho nada para contar — respondeu os cortando.

— Então, por que essa mancha de batom na sua boca? — Vinicius perguntou.

Automaticamente levou a mão aos lábios para limpar, mas parou quando os dois gargalharam.

— Te disse que esse truque sempre funciona! — Vinicius disse ao sobrinho. — Seu pai andou beijando a moça bonita.

Luan gargalhou.

— Foi bom, pai? — questionou rindo.

— Não vou responder a mais nada, entre no carro, moleque — ordenou rindo.

— Tchau, tio, vamos fazer isto mais vezes.

— Vamos sim, moleque. — Vinicius o respondeu.

Luan acenou rindo e entrou no táxi.

— Estou com uma vontade de te bater — ameaçou. — Mas obrigado por ficar com ele.

— Não me agradeça por isto — deu de ombros. — Jogamos algumas partidas de player e comemos muitas besteiras — riu. — Esse menino tem uma fome de leão.

— Eu que o diga. — Guilherme riu. — Valeu, irmão.

Se abraçaram em despedida e Guilherme entrou no carro.

— Depois quero saber tudo sobre o seu encontro. — Vinicius disse.

— Vá arrumar outra pessoa para perturbar. — Guilherme respondeu e fechou a porta.

— Você vai me contar como foi, neh, pai?

— Contar o quê? — Se fez de bobo.

— Como foi sair com a Leth? — Luan perguntou.

Guilherme coçou a nuca, era a primeira vez que falava sobre um encontro com seu filho. Sempre mantinha sua vida privada longe dele, principalmente, por causa das recaídas que tinha com Bruna.

Mas Letícia não era um caso de uma noite, ela era algo importante que ele ainda não sabia muito bem como lidar.

— Vamos lá, pai, me conte. — Luan insistiu.

— Foi bom.

— Só isto? Sei que tem mais, conte logo — pediu ansioso.

— Uma noite com Vinicius e você se torna tão curioso quanto ele — acusou rindo.

— Gosto dele e sei que está me enrolando — riu.

— Tudo bem, você venceu — riu. — Foi bom sair de casa pra me divertir um pouco, principalmente, sair com ela.

— O que mais? — questionou interessado.

— Quer todos os detalhes? Não vou dar, nem adianta insistir — protestou rindo.

— Só me conte mais, gosto da Leth — deu de ombros.

— Também gosto dela — afirmou. — Nunca vi uma mulher comer tanta pipoca na minha vida, como ela — riu.

— Os bebês devem dar muita fome — riu. — Vai vê-la novamente?

— Vou — afirmou sem precisar pensar sobre o assunto.

— Foi bom beijá-la? — Luan questionou sorrindo.

— Sim, satisfeito? — questionou.

— Só se dizer que vai beijá-la novamente. — O provocou. — Se você namorar com ela e talvez até casar, quer dizer que vou ter irmãos.

— Wow! — Guilherme exclamou. — Desacelera, garoto.

Eles riram juntos, mas a possibilidade não saiu da cabeça de Guilherme. Ainda era muito recente tudo o que tinha acontecido com ele e Letícia, não sabia como lidar com as coisas, no entanto, tinha a certeza de que ela era a pessoa certa para ele.

Descobriria com calma, levando um dia de cada vez.

Guilherme tentou não mostrar o quanto estava ansioso para ligar para Letícia. Ouviu as histórias de Luan durante todo o caminho e interagiu com o

filho, mas sua mente estava totalmente voltada para os lábios atraentes de Letícia. Mordeu as bochechas tentando não sorrir, sentia-se como um adolescente.

Como Luan, quando tinha um encontro.

A ansiedade de vê-la novamente estava infiltrado em sua pele. Guilherme experimentava uma aflição que imaginou nunca mais sentir. Gostava da química que rolava entre eles, do papo que acontecia facilmente e, principalmente, do que sentia quando a beijava.

— Escovar os dentes, moleque — disse para Luan assim que o viu jogado no sofá.

Haviam acabado de chegar e o filho já estava com a TV ligada.

— Cinco minutos, pai — apontou para a TV.

— Nada disto, escovar os dentes e cama — ordenou.

Poderia ser flexível com o garoto, mas pela manhã Luan estaria indo para a casa da mãe e isto significava que repetiria os hábitos que teve ali. O que resultaria em Bruna reclamando que Guilherme deixou Luan fazer o que queria. Além do fato de que os cinco minutos se transformariam em horas.

— Pai — gemeu frustrado.

— Já são dez e meia da noite.

— Só até esse filme acabar — insistiu.

— Eu disse escovar os dentes e cama, Luan — repetiu duramente. — Se eu repetir mais uma vez, vou tomar seu celular — ameaçou.

— Droga, já estou indo — desligou a TV e caminhou para o quarto dele.

Guilherme foi para o próprio quarto e decidiu tomar um banho. Quando retirou a camisa sentiu o cheiro do perfume dela sobre o tecido. Fechou os olhos e se lembrou de como foi bom tê-la em seus braços.

A delicadeza da pele, o olhar brilhante, os lábios inchados. Existia algo mágico entre eles, não poderia explicar. Talvez não existisse uma explicação plausível para isto, de olhos fechados podia sentir como se ela estivesse ali, somente pelo cheiro que estava gravado em sua mente.

Ela era sua peça, se encaixa perfeitamente a ele. Tinha deixado de procurar por um longo tempo, mas o destino não havia desistido de mostrar que havia sua outra metade.

Ele estava destinado a amar e era um amor para recomeçar.



Letícia tentava segurar o impulso de não roer as unhas, mas sentia que era uma missão impossível. Estava sentada na sala de espera do departamento de polícia com Guilherme. Haviam ligado para ela pela manhã informando que tinham informações sobre a investigação. Contou para Guilherme e ele insistiu em acompanhá-la.

Tentou negar, mas na verdade estava aliviada de que não estava sozinha. Seu avô não tinha acordado muito bem e Isadora continuava cuidando da Boutique sozinha.

— Pare de balançar a perna. — Guilherme pediu.

Letícia olhou para a perna e percebeu que balançava freneticamente, parou e respirou fundo.

— Não precisa ficar nervosa — insistiu ele. — Faça aquilo que fez no shopping.

— O quê? — perguntou confusa.

— Respire fundo e permaneça calma, só tem que esperar passar, não é mesmo? — questionou a lembrando de como estava calma quando passou mal no shopping.

Guilherme segurou a mão dela, percebeu que suava frio.

— Lembra do que eu te disse ontem? Vou ficar com você até que se sinta melhor, não precisa se estressar tanto. — Guilherme insistiu.

— Estou preocupada — suspirou. — Eu não tenho inimigos, não faço ideia de quem queria me machucar — confessou. — E agora tenho meus bebês pra proteger. O que vai ser de mim se algo acontecer com eles? — perguntou angustiada.

— Nada vai acontecer com vocês. — Guilherme afirmou.

— Guilherme, não pode afirmar isto. Lembra de como nos conhecemos? — perguntou nervosa. — Eu quase o matei naquele acidente.

— Você não me matou e também não foi sua culpa. — Ele insistiu. — Você não tem culpa. Olhe para mim, Letícia, olhe nos meus olhos — segurou o rosto dela. — Não vou deixar nada acontecer com vocês, juro que vou protegê-los.

— Você não precisa.

— Quieta — cortou-a. — Eu quero te proteger, isto não é nenhum peso pra mim.

Ela suspirou vencida e abraçou Guilherme.

— Obrigada — sussurrou.

— Não por isto — garantiu ele.

Esperaram por mais alguns minutos até que o investigador Bastos veio chamá-la. Guilherme segurou sua mão e a acompanhou até a sala de interrogatório. Letícia queria dizer ao investigador que fosse mais rápido e dissesse logo o que sabia. O homem ficou sentado na sua frente lendo alguma coisa na pasta que tinha em mãos.

— Poderia ser rápido, detetive? — Guilherme questionou.

— Alguma pressa, tenente? — O homem retrucou.

— Sim, Letícia está nervosa com o motivo de ser chamada e preocupada com os filhos que carrega. Se não se incomodar em ser direto, evitamos que ela precise de uma passada no hospital. — Guilherme respondeu em um tom duro deixando-a surpresa.

Nunca imaginou que Guilherme pudesse ter tanta autoridade na voz, mas pelo menos fez o investigador lhe dar a devida atenção.

— Desculpe o incômodo, senhorita.

— Tudo bem, só vamos direto ao assunto. — Letícia insistiu.

— Desde o acidente, estamos procurando pelos responsáveis do crime. Alguém cortou os freios do seu carro com a única intenção de machucá-la ou até mesmo causar sua morte — calou-se quando viu que deixou Letícia mais preocupada. — Encontramos algumas câmeras na rua em que estacionou pela última vez antes do ocorrido.

— Estacionei próximo a loja de produtos infantis. — Letícia afirmou. — Era domingo, mas eu queria dar uma olhada nas vitrines, andei por toda a rua.

O homem acenou e retirou uma foto ampliada da pasta.

— Conhece essa mulher? — questionou.

— Nunca a vi — disse.

— Tem certeza? Dê mais uma olhada e talvez se lembre de algo. — Ele insistiu.

— Olhe com calma, Letícia. — Guilherme instruiu.

— Eu estou olhando, não a conheço — afirmou. — Tenho certeza disto, Gui.

— Essa mulher foi a responsável? — Guilherme perguntou.

— Sim — afirmou. — Ela é a esposa de um homem muito rico da região.

— Estou confusa, não a conheço. — Letícia insistiu. — Então, por que ela tentou me matar?

— O homem rico na ocasião afirma ser seu pai. — O detetive disse.

— O quê? — Letícia perguntou de olhos arregalados.

— Álvaro Queiroz, afirmou ser seu pai quando o chamamos para um depoimento depois de não encontrarmos sua esposa, Eunice Queiroz — explicou.

— Isto não faz sentido. — Letícia disse aflita.

— Mostramos uma foto sua, para perguntar se ele a conhecia. Álvaro ficou chocado, disse não te conhecer, mas insistiu em saber o nome de sua mãe. Ele afirmou ser seu pai e entrou com um pedido de DNA para o departamento.

— Isto é loucura — esfregou a testa.

— Sei que joguei informações demais para você, mas ele sendo seu pai, poderia explicar o fato da esposa dele ter tentado te matar. — Bastos explicou.

— Ainda sim, por que ela iria querer me matar? Eu nem mesmo conheço esse homem — protestou.

— Se acalme, Leth. — Guilherme pediu preocupado.

— Álvaro está doente, mas eu não sei do que se trata — informou o detetive. — Caso venha a falecer, a herança não vai ser somente da esposa. Estou especulando de que ela tenha descoberto sobre sua existência e resolvido acabar com a possibilidade de dividir a herança.

— Isto está ficando cada vez mais absurdo. — Letícia resmungou. — Eu não os conheço, não quero herança e não faço questão de ter um pai.

— Você é só uma vítima no meio desta confusão toda, senhorita.

— E onde está a senhora Queiroz? — Guilherme questionou.

— Desaparecida até o momento, acredito que tenha fugido assim que viu meu carro na mansão dos Queiroz — informou. — Arrume um advogado, Letícia, vai precisar. Acredito que deve receber uma notificação para o exame em breve.

Ela acenou concordando e outra preocupação a atingiu. Não tinha dinheiro para bancar um advogado. Gastou metade de sua poupança com a clínica de inseminação, depois boa parte pagando o seguro do carro de Guilherme. Claro que não contou para ele que arcou com a taxa do seguro dele, com a ajuda de Pedro.

O que sobrou em sua conta era para gastos com o bebê, o enxoval. Se fosse pagar um advogado, era bem provável que ficasse devendo.

— Letícia? — A voz de Guilherme a despertou. — Está bem?

— Estou bem — afirmou e alisou a barriga.

— Vocês estão liberados, qualquer novidade ligo para informar. — Bastos disse. — Acredito que podemos evitar as visitas a delegacia.

— Ficaria grata por isto. — Ela disse baixo.

Guilherme segurou a língua para dizer que o detetive demorou a perceber que era desnecessário as visitas de Letícia ao departamento de polícia. Sua atenção estava voltada para ela, parecia perdida dentro da própria mente.

Apertou a mão de Bastos e guiou Letícia para fora, no caminho um senhor entrou na frente dos dois. Franziu a testa confuso, mas logo entendeu de quem se tratava. Letícia tinha ficado tensa, costas rígidas e paralisado no lugar.

Suspirou, aquele dia estava longe de acabar.

— Você se parece tanto com sua mãe — disse aparentemente emocionado.

— Senhor Queiroz, acredito que este não é um bom momento. — Bastos disse atrás de Guilherme.

Se surpreendeu que o investigador estivesse os acompanhando. A expressão do senhor se fechou de leve e pareceu cansado, acenou aceitando que aquele não era um bom momento para falar com Letícia.

Guilherme a guiou para frente quando Álvaro deu um passo para o lado. Não sabia o quão bem ela estava, mas acreditou que quisesse sair dali o mais rápido que conseguisse.

Seu novo carro estava estacionado na frente da delegacia, a seguradora tinha mandado entregar naquela manhã. Ainda não teve tempo para conferir seu extrato bancário para ver o valor do desconto, mas ficou agradecido por não ter tanta dor de cabeça para resolver. Mas desejou que Gael, seu fisioterapeuta, não descobrisse que ele voltou a dirigir sem sua permissão.

Passou a entender Vitor por todas as vezes que fazia coisas que Gael não aprovava. Ninguém merecia o fato de ser tão dependente ou preso a um joelho ruim, ou no seu caso que seria um tornozelo.

Abriu a porta para Letícia e quando ela se sentou ainda sem dizer nenhuma palavra, se preocupou.

— Leth — pegou sua mão.

Ela ergueu os olhos marcados por aflição.

— Vai ficar tudo bem — afirmou.

Novamente, Letícia acenou.

Sabendo que não teria resposta verbal dela, deu a volta no carro e entrou. Dirigiu em um silêncio enlouquecedor, queria saber o que ela estava pensando. O que estava acontecendo em sua cabeça, para que pudesse procurar uma forma de ajudar.

Parou na faixa de pedestre e aguardou algumas pessoas atravessarem. Algumas alternativas começaram a passar por sua mente, se a esposa de Queiroz estava foragida, significava que ela ainda era uma ameaça. Ficou tenso. Letícia ainda estava correndo perigo. Aquela afirmação não o confortou muito. Fez uma nota mental de ligar para Bastos e pedir que uma patrulha garantisse a segurança dela.

— Não tenho como pagar um advogado. — Letícia disse em um murmuro.

Guilherme se concentrou, acelerou o carro, mas se manteve em silêncio. Ela precisava falar.

— Eu tenho como, mas se fizer isto, não vou conseguir fazer o enxoval dos bebês — desabafou. — E como são dois, fica ainda mais difícil — suspirou levando os dedos a boca. — Gastei metade da minha poupança com a clínica de fertilização e boa parte com o seguro do seu carro. Agora tenho que decidir o que fazer e simplesmente não sei. Meus bebês são minha prioridade, mas agora essa de um suposto pai surgir das cinzas.

Guilherme não ouviu nada depois do “seguro do seu carro”.

— Você fez o quê? — questionou chocado.

Ela o olhou confusa.

— Você não estava me ouvindo? — questionou Letícia. — Como assim eu posso ter um pai? Depois de tantos anos e minha mãe nunca me disse nada a respeito dele. Acredita que aquele homem possa ser meu pai?

— Você pagou o seguro do meu carro? — perguntou.

Letícia arregalou os olhos surpresa com a pergunta.

— Como você soube? — perguntou aflita ao ver o rosto vermelho dele.

— Você disse — acusou.

— Eu não disse, disse? — questionou tensa.

Uma veia pulsava na testa de Guilherme e ela não soube o que falar. No entanto, se lembrou com clareza quando Pedro disse que seu irmão ficaria furioso se soubesse que ela pagou o seguro do carro dele.

Mordeu o lábio trêmulo por seu nervosismo. Tinha ficado tão preocupada com os novos problemas que nem percebeu que falou mais do que deveria.

— Letícia! — exclamou bravo. — Você pagou o seguro do meu carro?

— Paguei — afirmou sabendo que não teria como correr.

Já tinha se entregado mesmo, pensou.

— Posso saber o porquê? — perguntou e outra veia pulsou forte, agora em seu pescoço.

— Porque era minha responsabilidade — afirmou teimosa.

— Sua responsabilidade? Sua responsabilidade! — bradou furioso.

— Guilherme se acalme e não grite comigo — ordenou brava. — Não há razão para ficar tão furioso assim.

— Não há razão? — questionou irônico.

— Não.

Ele se calou e apertou o volante com força, estava tão bravo que nem percebeu os nós de seus dedos ficando branco. Pouco a frente virou a esquerda e logo avistou a casa de Letícia, estacionou e respirou fundo.

— Você pagou o seguro *do meu carro* — afirmou ele.

— Paguei — respondeu tranquila.

— Porque acreditou que era sua responsabilidade arcar com o meu prejuízo — afirmou Guilherme.

— Sim.

— Como no inferno isto era sua responsabilidade? — questionou em um tom baixo, mas aquela veia em sua testa continuava acentuada e pulsando fortemente.

— Eu quase o matei, pelo amor de Deus! — exclamou nervosa. — Pagar o seguro do seu carro foi o mínimo que eu podia fazer!

— Não foi sua culpa! — retrucou também nervoso.

Letícia não o respondeu, nada faria com que ela aceitasse aquele fato. Foi ela quem bateu nele, com freios cortados ou não, era sua culpa. Sua responsabilidade.

— E o seguro do seu carro? — Ele questionou tentando parecer mais calmo.

— Eu não tinha seguro — resmungou.

— Que Deus me ajude, porque estou com vontade de te estrangular. —

Guilherme disse. — Você pagou o meu seguro, gastou suas economias e ainda por cima vai ficar sem carro.

— Vou vender o que sobrou dele, nem que seja para o ferro velho — deu de ombros despreocupada.

— Letícia, você não pode ficar sem carro. Com dois filhos, vai perceber o quanto um carro te ajuda e você escolheu arcar com o seguro caro como um inferno que eu tenho, em vez de pensar em você!

— Vou me adaptar! — afirmou irritada. — Posso cuidar de mim mesma sozinha.

— Agora não é só você — disse ele tentando manter o tom baixo e calmo.

— Não precisa me lembrar disto como se eu fosse uma pessoa imprudente — retrucou brava. — Eu não esqueci dos meus filhos! — afirmou. — Não sou uma idiota de pensar que ficar sem o carro será a mesma coisa, sei que tornou as coisas mais difíceis, mas o que eu poderia fazer? Foi o meu carro que bateu no seu, que por graça do destino não era nenhum veículo popular! — esfregou o rosto se sentindo cansada. — Mas ainda assim era minha responsabilidade, Guilherme, com culpa ou não.

Ele encostou a cabeça no banco e respirou fundo. O seguro do seu carro não era barato e como ela disse, não era um carro popular.

— Tudo bem, vamos esquecer isto — resmungou.

Iria deixar aquele assunto pra lá, mas não significava que não procuraria pelo responsável em ajudá-la a cometer aquela besteira. *Tinha que ser um dos seus irmãos*, pensou irritado.

— Ótimo.

Destravou as portas e desceu, abriu a porta para Letícia ignorando seus protestos. Ela não brigou com ele, pois viu seu avó Berillo se aproximando devagar. Ele se apoiava em sua bengala e levava uma sacola.

— Como vai, senhor Berillo? — perguntou assim que ele estava próximo.

— Acredito que eu é quem deva fazer essa pergunta — riu gentilmente. — Como vai a recuperação, meu rapaz?

— Estou bem — riu.

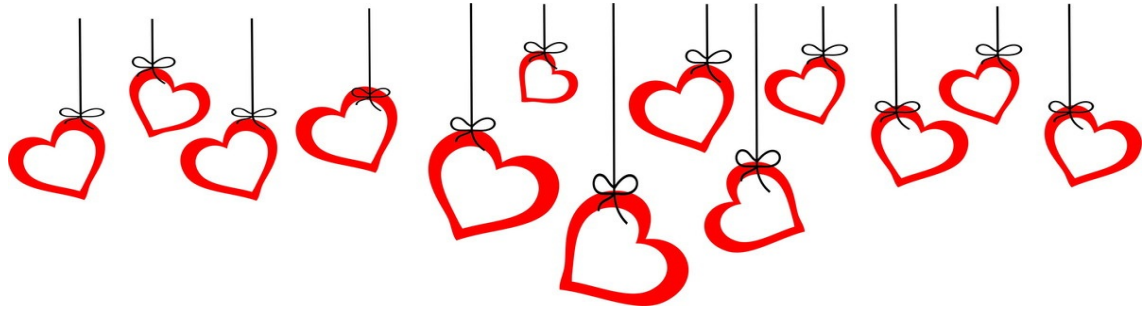
— Venha, vamos tomar um café. — O convidou.

— Agradeço, mas só vim deixar Letícia.

— Insisto.

— Acho melhor aceitar. — Letícia disse ao seu lado.

- Pelo visto, teimosia é um traço familiar. — Ele disse para provocá-la.
- Você conhece bem esse tipo de traço. — Ela retrucou e seu avô riu.
- Vamos entrar — disse. — Quero saber tudo o que aconteceu na delegacia.
- Se sente melhor? — perguntou ao avô, enquanto abria o portão.
- Sim, não se preocupe — afirmou ele.
- Sempre me preocupo.



Capítulo Onze

Letícia não sabia se agradecia ou brigava com Guilherme, duas horas depois que ele saiu de sua casa, um advogado ligou informando que a acompanharia em todo o processo. Não precisava ser um gênio para saber que era obra de Guilherme Soares.

No entanto, Letícia nunca seria ingrata ou orgulhosa demais para não aceitar a ajuda. Sabia que não teria muitas opções caso pagasse pelos serviços do advogado, principalmente quando um pouco mais tarde um oficial da justiça bateu em sua porta com o pedido de exame para rastreamento parental. Em outras palavras, teste de DNA.

Seu coração pulsou tão forte que precisou se sentar. Várias dúvidas encheram sua cabeça, fazendo com que esquecesse o problema com Guilherme.

— Está bem? — Berillo perguntou e se sentou ao seu lado na sala.

— Sim, só com muita coisa na cabeça — respondeu e deitou a cabeça no ombro do avô.

— Vai fazer o teste como pediram? — perguntou.

— Não sei, será que tenho o direito de negar? — questionou pensativa.

— Não faço ideia, mas pergunte ao seu advogado — aconselhou.

— O advogado de Guilherme — riu baixo.

— Sim.

Ficaram em silêncio, cada um preso em suas próprias dúvidas e preocupações.

— Deixe que ele cuide de você, doçura. — Berillo pediu calmamente.

— Quem? — perguntou confusa.

— Guilherme.

— Vô, eu não preciso que ele cuide de mim — disse estranhando aquele pedido.

— É aí que se engana — disse cheio de sabedoria. — Não vou viver pra sempre, doçura.

— Pra sempre, não. — Ela concordou. — Só mais uns trinta anos, talvez — riu.

— Bem que eu queria, mas acredito que meu tempo neste mundo está acabando — apertou a mão dela.

— Não fale isto — estremeceu.

— Acredito que tudo isto que está acontecendo com você tem um motivo maior — disse tranquilo. — Passou a sua vida sozinha, lutando para se manter de pé, não dependendo de ninguém. Me orgulho disto, de você — olhou em seus olhos. — Mas chega um momento na vida que temos que abaixar a guarda e deixar que outros lutem por nós.

— Vê, eu — calou quando ele a olhou com firmeza.

— Você cuidou da sua mãe quando ela não pôde e vive cuidando de mim. Acredita que para nós dois foi fácil aceitar ajuda? *Oh* não, não foi nada fácil. Sempre fui um homem independente, mas não tem como lutar contra a idade — deu de ombros. — Mas o que eu quero dizer, é que você também precisa que alguém cuide de você, doçura.

— Não preciso — afirmou teimosa.

Seu avô riu.

— Ser desiludida por alguns homens, não significa que todos são iguais — afirmou. — Guilherme é o homem que você procurava.

— Tarde demais, vê — apontou para a barriga. — Decidi viver sozinha, realizar meus sonhos sozinha.

— Ter esses bebês sempre vai ser a melhor coisa que decidi, mas o melhor dos últimos meses foi bater no carro de Guilherme — afirmou. — O destino os colocou no mesmo caminho e a única pessoa que pode estragar tudo isto é você, porque pelo o que eu tenho visto ele está disposto a cuidar de você.

— É complicado.

— Descomplique — retrucou.

— Faz parecer fácil, eu o conheço tão pouco.

— É fácil, não perca tempo e vá passar mais tempo com ele.

— Parece que está tentando se livrar de mim — brincou.

— Nunca, só quero que seja feliz.

— Eu sou feliz.

Berillo sorriu e beijou a bochecha dela.

— Então, está na hora de amar.

Se levantou deixando-a sem resposta.



Guilherme cruzou os braços e firmou as penas no chão, enquanto encarava os irmãos e os amigos.

— Alguém sabe qual é o problema? — Vinicius questionou.

— Não faço ideia. — Gustavo respondeu. — Mas só tenho meia hora antes do meu próximo paciente.

— Ele não está com uma cara muito boa — observou Vitor.

— O que você aprontou, Vini? — Pedro perguntou.

— Por que eu aprontaria alguma coisa? — questionou ofendido.

— Você sempre apronta alguma coisa. — Daniel acusou rindo. — Seja o que for, não foi eu. — Se defendeu para Guilherme.

— Quero saber quem foi o gênio que deixou Letícia pagar o seguro do meu carro. — Guilherme afirmou bravo.

Aquele veia em sua testa voltou a pulsar fortemente.

— Ela fez isto? — Vitor perguntou surpreso.

— Sim, e só pode ter sido com a ajuda de um de vocês — acusou.

— Eu não fiz isto. — Gustavo respondeu.

— Eu também não. — Vinicius disse.

Daniel e Vitor negaram com a cabeça, então o olhar de Guilherme se voltou para o irmão mais novo. Pedro se levantou com cuidado e ficou atrás de Vitor, que riu sabendo o que o irmão estava fazendo. Guilherme nunca teria coragem de machucar Vitor, só para acertar suas contas com Pedro.

— Não me olhe deste jeito. — Pedro disse rindo.

— Se escondendo atrás de Vitor, que covarde. — Vinicius riu.

— Enfrente ele você, então. — Pedro provocou. — Ele está com aquele olhar assassino.

— Você merece uma surra. — Guilherme afirmou furioso.

— Vitor, me proteja, sou seu irmão mais novo. — Pedro disse.

— Covarde. — Gustavo disse rindo.

— Vamos guardar isto na pasta de os melhores momentos do ano. — Daniel disse erguendo o celular.

— Depois mande pra mim. — Vinicius pediu gargalhando.

— Você a deixou pagar a merda do seguro, vou te matar, Pedro —

ameaçou.

— Tentei negar, mas ela é mais insistente do que imaginei. Sem contar que ficou me encarando com aqueles olhos verdes enormes e juntando com o fato de que não fui muito educado com ela quando nos conhecemos, não pude negar. — Se explicou.

— Nenhum de nós fomos educados com ela. — Daniel disse.

— Eu fui. — Gustavo protestou. — Não sou tão idiota como vocês.

— Vai devolver o dinheiro pra ela. — Guilherme ordenou. — Ela tem dois filhos pra criar e você não se importou em deixá-la gastar com uma besteira que eu poderia arcar.

Pedro coçou a nuca sabendo que o valor não era nada baixo, mas acenou concordando.

Logo todos se foram deixando um Guilherme ainda irritado sentado na sala de sua casa. Tinha perdido até a fome com a raiva que sentiu, calçou tênis de caminhada e foi dar uma volta no quarteirão. Queria recuperar todas suas funções rapidamente e voltar a trabalhar.

Ficar em casa estava ajudando a deixá-lo mais enfurecido, precisava ocupar sua mente ou enlouqueceria. A manhã tinha sido ocupada, mas provocado uma fúria nele que há muito tempo não sentia. E todos seus pensamentos voltavam para Letícia. Queria correr até ela e passar o dia beijando-a, esse desejo o fez lembrar que nem mesmo a beijou quando estiveram juntos pela manhã.

Estremeceu de raiva de si mesmo. Estava tão focado nos problemas que não deu a ela o carinho que precisava.

A suavidade dos lábios dela era como provar um pedaço da nuvem, surreal e inesquecível.

Parou para pensar se alguma vez já se sentiu assim antes e a resposta veio rápido: *nunca*. Nunca se sentiu tão envolvido com alguém daquela forma. E por mais repentino e confuso que fosse, não queria de outra forma. Desejava Letícia de corpo e alma, não deixaria que ela o afastasse por estar acostumada a ser independente.

Isto o fez lembrar que uma mulher queria feri-la por ganância. O detetive garantiu que Letícia estaria segura, mas pareceu tão pouco pelo tamanho da importância que ela tinha para ele.

Piscou confuso quando percebeu que estava na frente da casa de seus pais, tinha atravessado toda a cidade perdido em seus próprios pensamentos.

— Não vai entrar?

Virou e viu seu pai atrás dele.

— Vou — afirmou.

— Já almoçou?

— Ainda não — resmungou e acompanhou o pai para dentro.

— Bom, vamos comer juntos então.

Sorriu concordando.

— Ei, não esperava por você. — Elis disse assim que o viu entrar na cozinha.

— Desculpe, vim sem avisar — disse e beijou a testa dela.

— Deixa de ser bobo, pode aparecer sempre que quiser, sabe disto — estreitou os olhos para ele. — Por que está tão suado?

— Hm? — pareceu confuso.

Então se deu conta de que correu em vez de caminhar, segurou o gemido de frustração. Quando seu corpo esfriasse sentiria os efeitos de sua imprudência.

— Não vai querer saber — respondeu a ela.

— Guilherme, não me diga que veio correndo — colocou as mãos sobre os quadris.

— Foi você quem disse — afirmou.

— Está ficando engraçadinho igual Vinicius. — O acusou.

— Deus me livre — brincou.

Acenou para ela e foi até o lavabo lavar o rosto e as mãos. Não queria preocupar a mãe, mas ela era mais esperta do que lhe davam créditos. Voltou para cozinha, se serviu e recebeu um grande sermão sobre ser cuidadoso. Quando ela enfim o deixou almoçar, saiu afirmando ter mais o que fazer do que ficar cuidando de filhos turrões e irresponsáveis. Segurou para não rir, se fizesse seria pior para ele, sabia disto.

— Enfim, podemos comer em paz. — Luís afirmou.

— Eu ouvi isto, Luís.

— Merda — resmungou.

Guilherme riu.

— Acho que alguém terá problemas mais tarde — brincou.

— Tenho certeza disto. — Luís concordou rindo.

Comeram tranquilamente e apreciaram o momento entre pai e filho. O

problema em crescer e ganhar responsabilidade era que sobrava pouco tempo para fazer coisas simples e tão importantes como almoçar com o pai.

— Você está bem? — Luís questionou enquanto arrumava a mesa.

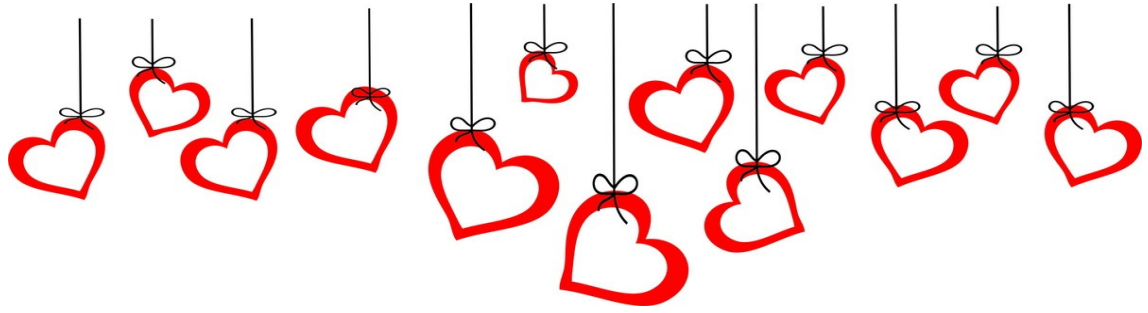
— Sim.

— Sabe que te conheço melhor do que isto, não é? — questionou.

— Só cansando de ficar preso dentro de casa — afirmou.

— Então venha comigo para a oficina, estou lixando uma mesa e vai ser bom ter um par de mãos extra.

Guilherme acenou concordando sabendo que até no final do dia, seu pai teria arrancado dele todas as respostas que queria. No entanto, não lutou contra isto, era bom ter alguém a quem confiar os segredos que mais o perturbavam.



Capítulo Doze

Os dias correram rapidamente, mais rápido do que desejavam. Letícia fez o exame, como aconselhou seu advogado, e claro que Guilherme estava ao seu lado naquele dia. Segurou sua mão por todo tempo e lhe passou uma tranquilidade que não imaginou ser possível.

No entanto, nada mais rolou entre os dois. Saíram algumas vezes juntos, conversaram e comeram besteiras, mas nada aconteceu. Nem mesmo um beijo, havia algo os travando, algo que não poderia ser explicado. Talvez fosse a tensão, o desejo reprimido, ou o medo de confirmar suas suspeitas.

Afinal, o medo tornava tudo mais claro, não é mesmo?

Porém, nesses pequenos encontros, se conheceram mais do que esperavam. As conversas foram animadas, recheadas de pequenas confissões sobre a própria vida, tornando mais especial cada informação que compartilhavam. Gargalhadas não faltaram, assim como belos sorrisos apaixonados. Sim, sorrisos apaixonados. Aqueles que mesmo quando não se mostram nos lábios, estão sempre presentes nos olhos.

E este foi o principal motivo para Guilherme a convidar para jantar, o que não significava que não estava nervoso. Ele queria acabar logo com o espaço que se fez entre os dois, principalmente, depois de Pedro depositar o valor que ela gastou com o seguro do carro.

Claro que Letícia não deixou passar, o interrogou furiosa, mas ele afirmou com muita sinceridade que não foi ele quem depositou o dinheiro na conta dela. E ele não mentiu, não foi ele e sim Pedro. Guilherme foi esperto suficiente para não dizer isto a ela, mas a distância que surgiu entre eles era algo que não esperava. Principalmente, por ela ter prometido que não o afastaria.

Desceu do carro e segurou com firmeza as flores que comprou na floricultura de Dona Lurdes. O destino o estava ajudando naquela noite, já que Lucia, mãe de Sofia, era a única pessoa atendendo na loja. Não teria tanta sorte se encontrasse com a dona desbocada e inconveniente, muito provavelmente ela arrancaria respostas dele e se gabaria por estar certa.

Guilherme não queria dar a Lurdes o gostinho de afirmar que o avisou, seria mais do que seu orgulho suportaria.

Apertou o botão do interfone e respondeu seu nome quando Berillo o

atendeu. Entrou quando o portão foi aberto e seguiu para onde o avô de Letícia o aguardava.

— Boa noite, senhor Berillo, como está? — ofereceu a mão.

— Muito bem, Guilherme, por favor, entre — aperou a mão dele. — Letícia deve estar quase pronta.

— Obrigado.

Se sentou no sofá e Berillo ficou a sua frente.

— Volta a trabalhar quando? — perguntou.

— Espero que em breve. — Guilherme segurou um suspiro. — Não aguento mais ficar em casa.

— Imagino que não — riu. — Como é o seu trabalho, Guilherme? Me lembro de algumas pessoas o chamarem de tenente.

— Faço parte da Força Tática da cidade.

— Ignore minha ignorância, mas o que a Força tática faz?

Guilherme riu baixo.

— Damos apoio em situações extremas quando existe uma necessidade de intervenção policial. Geralmente, em áreas de maiores violências. Vamos de roubo a bancos a rebeliões em presídios — explicou a grosso modo.

— Perigoso.

— Um pouco.

— Seus irmãos também são policiais? — questionou curioso.

— Não, sou o único militar em casa — riu. — Somos bem diferentes, Vitor é dentista, Vinicius professor de Educação Física e trabalha em uma academia, e Pedro trabalha com construção civil.

— Interessante, não os conheci bem, mas acredito que sejam bem unidos pelo jeito que fala.

— Sim, somos uma família bem unida — afirmou com orgulho.

— Desculpe a demora, Guilherme, mas nenhum vestido entra em mim!

A voz de Letícia o fez se levantar, virou e a encontrou caminhando em sua direção. Um vestido branco justo ia até seus joelhos moldando cada perfeita curva de seu corpo. Suas pernas tinham um bonito alongamento causado pelas sandálias de salto.

— Foi difícil encontrar algo que caiba em mim, Deus, pareço uma sucuri depois do almoço — brincou.

- Boba, você está linda. — Guilherme garantiu rindo.
— Estou falando sério — riu jogando os cabelos para trás dos ombros.
— Eu também — afirmou e lhe ofereceu as flores. — São pra você.
— Obrigada, vou colocar em um vaso e podemos ir.

Ele acenou concordando e observou ela se afastar. Assim como o vestido marcava sua barriga, surpreendente grande para quatro meses, marcava com perfeição a curva do bumbum dela.

- Cuide dela, Guilherme. — Berillo disse conseguindo sua atenção.
— Eu vou.

— Estou falando sério, não vou viver por muito tempo mais, Letícia vai precisar de alguém que cuide dela. Que a ame, estou confiando de que você seja esse alguém.

- Vai viver por muito tempo ainda. — Guilherme afirmou.
— É o que eu espero — garantiu.

Letícia voltou no minuto seguinte, beijou o avô com carinho e caminhou ao lado de Guilherme para fora. Ele foi um perfeito cavalheiro, abriu a porta do carro e ajudou entrar.

O restaurante onde fez a reserva estava a vinte minutos de distância, pediu que separassem a melhor mesa para ele. Faria daquela noite inesquecível, estava determinado a isto.

Ajudou Letícia a descer quando estacionou na frente do local.

— Amo estar grávida, mas essa barriga está me fazendo sentir como se tivesse noventa anos — disse levemente mal-humorada.

— Seu humor está um tanto ácido hoje. — Guilherme observou.

— Desculpe, não quero estragar nosso jantar — suspirou.

— Não vai, estou me divertindo com seus comentários — riu. — Mas quero ter certeza de que está bem.

— Estou bem — afirmou. — Mas não fique se divertindo as minhas custas.

— Impossível.

— Guilherme! — protestou.

— Letícia?

Ela se virou imediatamente ao ouvir a voz de Eduardo, aquele namorado idiota do início do livro. Aquele que a deixou sentada sozinha em um dos restaurantes mais lindos da cidade por não estar pronto para compromissos.

— Eduardo — disse tranquila.

— Está muito linda — calou-se quando seu olhar desceu para a barriga dela. — Grávida? Por que não me disse?

— E por que eu teria que te dizer alguma coisa? — questionou impaciente. — Foi bom vê-lo, mas temos uma reserva.

— Letícia, precisamos conversar — disse pálido.

— Pelo jeito, ela não tem muito o que dizer a você, Eduardo. — Guilherme disse sem perceber o tom duro de sua voz.

Ela passou o braço sobre o de Guilherme segurando o riso.

— Não se preocupe, Eduardo, não vai ser pai — riu. — Tenha uma boa noite.

Guilherme a guiou para dentro do restaurante, sem entender o porquê ela ainda ria. A hostess, que acabou rindo junto com Letícia mesmo sem saber o motivo, os levou até a mesa reservada e informou que logo um garçom os atenderia. Puxou a cadeira para Letícia e se sentou na frente dela.

— Posso saber o motivo de tanto riso? — questionou.

Ela limpou os cantos dos olhos, enquanto tentava se controlar.

— Aquele homem me namorou alguns meses atrás, me encheu de esperança e me largou quando se tornou sério demais — riu. — Ele não estava pronto para um compromisso sério e quase quebrou meu coração, mas você viu como ele ficou pálido quando percebeu minha barriga?

Guilherme acenou e começou a rir com ela.

Realmente tinha assustado o pobre coitado fora do restaurante.

— Nunca vi uma pessoa perder a cor tão rápido. — Guilherme brincou.

— Nem eu! — exclamou rindo. — Acho que preciso de água.

— Vou pedir pra você — afirmou contagiado pelas risadas dela. — Por que disse que ele quase quebrou seu coração?

Letícia o olhou de um jeito que quase o constrangeu. A alegria inocente que brilhava em seus olhos quase o humilhava. Nunca tinha visto tal coisa antes, e por pouco não se sentiu digno de um olhar tão vívido.

— Achei que o que sentia por ele fosse amor — explicou. — Não era, me magoou que tivesse terminado o relacionamento, mas não me afetou. Pelo contrário, me deixou mais forte.

— Me conte sobre isto.

— Na semana seguinte fui até a clínica e fui em busca desses pequenos — alisou a barriga. — Percebi que não precisava de alguém para realizar meus sonhos, um deles era ser mãe, então, corri atrás dele.

— Diga-me uma coisa com sinceridade — pediu.

Letícia acenou concordando.

— Claro.

— Se eu fosse embora hoje, terminando tudo entre a gente, mesmo que não exista muito além da amizade e alguns beijos trocados. Como se sentiria?

O coração de Letícia falhou em uma batida, suas mãos ficaram geladas e os pulmões doeram pela privação de ar. Olhou para Guilherme com atenção, procurando em seu rosto qualquer traço de brincadeira. Não queria acreditar de que aquela possibilidade fosse real.

— Responda-me, Letícia — pediu em um leve tom de ordem.

Ela puxou o ar com força e seus olhos se arregalaram. Sentiu as mãos tremerem levemente e as fechou em punhos apertados. Quase poderia dizer que a cena com Eduardo, de meses atrás, estaria se repetindo. Entretanto, a dor que sentiu em pensar na possibilidade de não o ver mais a chocou.

— Como se sentiria? — Guilherme insistiu.

— Me machucaria — afirmou e sentiu os olhos lacrimejarem.

— Por quê? — Ele questionou.

— Onde quer chegar com essas perguntas? — Letícia protestou.

Guilherme pegou as mãos geladas dela e as abriu com delicadeza, já que ainda estavam travadas em punhos. Tremia levemente, mas ele as segurou com firmeza.

— Quero chegar onde admitimos o que sentimos um pelo outro — afirmou. — Se você fosse embora, sem olhar para trás, quebraria algo dentro de mim, porque eu me apaixonei por você.

— Guilherme. — Se calou quando ele continuou falando.

— Me apaixonei por você de uma forma que nunca imaginei ser possível. Se seu maior medo é que eu corra de responsabilidades, não se preocupe, não estou fugindo. Esses bebês que carrega com tanto amor, os criaria como meus filhos com o maior orgulho — jurou. — Meu maior medo é que desista de nos dar uma chance, que me afaste como tem feito, por estar acostumada a cuidar de tudo sozinha. Não está mais sozinha, Letícia.

— Ah, Guilherme — suspirou. — Eu não o afastei por maldade, só não

sabia como lidar com as coisas que tenho sentido.

— Não está mais sozinha, aceite isto.

— É tão difícil, sempre fui independente e aprendi que os homens não me valorizariam nunca.

— Não sou igual a todos eles — garantiu.

— Tenho percebido isto — sorriu gentilmente.

Guilherme franziu a testa quando o celular vibrou no bolso. Olhou quem se tratava e desligou a chamada, mas logo voltou a tocar.

— Sinto muito, acho que preciso atender. — Ele disse levemente emburrado.

— Tudo bem.

Acenou para ela e levou o celular ao ouvido.

— O que aconteceu? — questionou.

Letícia o observou a ficar tenso e suas expressões se fecharem cada vez mais. Se preocupou imaginando que algo muito ruim tinha acontecido. Aquela veia, que agora parecia tão atraente, na testa dele pulsava. O que significava que ele estava com raiva. Observou o pescoço e percebeu uma segunda veia acentuada.

— Vou encontrá-lo — foi a única coisa que ele disse antes de finalizar a chamada.

— O que aconteceu? — perguntou cuidadosamente.

— Luan — rosnou.

— Ele está bem? — perguntou preocupada.

— Não vai ficar quando colocar minhas mãos sobre ele — ameaçou assustando Letícia.

— O que ele fez?

— Fugiu de casa para vim em uma festa aqui na cidade — contou mexendo no celular. — Mas eu vou encontrá-lo, consigo rastrear o celular dele, que por sorte está deligado — rosnou. — Filho de uma cadela.

— Se acalme, Guilherme — pediu preocupada.

Ele respirou fundo e acenou para ela. Discou um número e aguardou.

— Preciso que rastreie meu filho pra mim, Santos — disse para a pessoa do outro lado da chamada sem nem mesmo o cumprimentar. — Vou dar um pulão no moleque hoje — rosnou. — Me mande o endereço assim que o achar, fico te

devendo uma.

— Guilherme? — Letícia o chamou.

— Desculpe estragar o nosso jantar e o momento, mas eu preciso ir buscar ele — esfregou o rosto. — Sinto muito mesmo.

— Tudo bem, mas vou com você — afirmou.

Letícia estava com medo de que Guilherme fizesse alguma besteira. Perdesse o controle e acabasse estragando a relação com o filho. Adolescentes sempre faziam coisas idiotas, mas ela acreditou que ser filho de um policial não o ajudasse muito no momento, pois Guilherme estava a pronto para buscá-lo no inferno se fosse preciso e puni-lo por fugir de casa.

— Desculpe pelo jantar — pediu novamente.

— Podemos voltar outro dia — garantiu e o celular dele apitou quando uma mensagem chegou.

— Vamos. — Se levantou.

Ele acenou para o garçom que se aproximava e segurou a mão de Letícia. Ela nunca imaginou que alguém pudesse parecer mais intimidador quando estava com raiva, mas Guilherme era a prova viva disto. Cada passo para mais perto do carro, ele parecia maior e mais perigoso. Abriu a porta para ela e a ajudou, depois deu a volta e acelerou para longe.

— Coloque o cinto — pediu a ele.

Guilherme franziu a testa e percebeu que não usava.

— Geralmente não uso quando estou em serviço, acho que me distraí com a raiva — explicou prendendo o cinto.

— Por que não usa quando está trabalhando? — perguntou curiosa.

— Sou um policial, mesmo que do Tático, acabo visado por bandidos que gostam de matar policiais. Então, não uso cinto quando estou de farda — virou o volante. — Se precisar me abaixar pra escapar de tiros, não consigo fazer isto de cinto.

— Ou fugir do carro rápido. — Ela acrescentou.

— Sim, sempre temos que pensar em todas possibilidades.

— Seu trabalho é muito perigoso. — Letícia estremeceu.

— Alguém tem que fazê-lo e eu gosto — deu de ombros.

Conversaram por todo o caminho, Letícia o manteve falando com a intenção de fazê-lo relaxar. O que pareceu impossível. Os ombros estavam

tensos e as mãos seguravam o volante tão forte que ela chegou a se perguntar se poderia quebrá-lo. *Era o policial treinado nele*, pensou ela. Ele a respondia com certa tranquilidade, mas não esquecia o que estava indo fazer. Não relaxava ou baixava a guarda.

Ela o viu ficar tenso enquanto passava por uma das ruas mais agitadas da cidade. Diminuiu a velocidade do carro, procurando pelo filho entre os grupos de pessoas que se aglomeravam nas calçadas. Algumas estavam paradas na frente dos próprios carros ouvindo música absurdamente alto.

Se assustou quando ele freou no meio da rua e desceu o vidro de sua janela.

— Luan! — Sua voz saiu como um trovão, lhe assustando.

O garoto que estava junto com um grupo de meninos da mesma idade se virou na mesma hora, seu rosto perdeu a cor como se tivesse visto um fantasma. Guilherme soltou o cinto e abriu a porta do carro, ignorando as buzinas, pisou do lado de fora imponente.

— No carro, agora! — ordenou duramente.

Seu filho somente acenou e correu para o carro. Guilherme voltou a se sentar e aguardou o filho se acomodar.

— Pai, eu. — Luan calou quando o pai o interrompeu.

— Agora não.

Sua voz era tão dura, que Letícia sentiu pena do garoto.

— Vou te deixar em casa, Letícia — disse baixo a ela.

— Não. — Ela respondeu.

— Não? — arregalou os olhos surpresos.

— Não — deu de ombros. — Acredito que precisamos terminar aquela conversa.

— Aquela conversa? — questionou ainda surpreso.

— Sim, não vou esperar mais — disse firme.

— Tudo bem, vamos para minha casa então — afirmou e ela acenou.

Guilherme ficou ansioso para continuar a conversa com Letícia. Principalmente ansioso por tê-la em sua casa, era impossível não ter segundas intenções. Mas quando olhou o retrovisor encontrou o olhar do filho.

Isto mesmo, garoto, fique com medo, pensou sentindo a irritação voltar.

Era bem provável que arrancaria a pele de Luan ainda essa noite e o deixaria de castigo pelo resto da vida. Mas o deixaria remoer a culpa até chegar

em casa, nada melhor do que o silêncio para torturar o filho.

Dirigiu calado e tenso, em algum momento a mão de Letícia pousou em sua coxa e lhe deu um breve aperto. Olhou para ela e percebeu que estava encarando-o. Seu olhar dizia que ficaria tudo bem, ele sabia que ficaria, mas também soube que ela insistiu na conversa deles, ainda essa noite, para ter certeza de que não estrangularia Luan pelas besteiras que fez.

Isto o fez se sentir mais confortável ao lado dela. Não machucaria o filho, o assustaria com alguns gritos e, com toda certeza, lhe daria um castigo, mas nunca encostaria nele com raiva. Seria bom que ela visse que ele era um homem confiável e que se esforçava muito para educar o filho.

Estacionou o carro na garagem e todos desceram calados, pegou a mão de Letícia e acenou para Luan seguir para a sala.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou a ela.

— Um pouco de água.

— Vou pegar.

Ela acenou e se sentou em uma elegante poltrona da sala, o local era incrivelmente bem decorado e masculino. Sala de estar, sala de jantar e cozinha, tudo no mesmo espaço. Viu Guilherme abrindo a geladeira e lhe servindo um copo. Voltou pra ela rapidamente.

— Obrigada.

— Se precisar de qualquer outra coisa, é só pedir.

Ela acenou e se encostou.

Guilherme virou e encarou Luan que estava sentado no sofá encarando o chão. Quis deixar pra lá aquela conversa e provável briga, mas se lembrou que precisa impor limites e respeito.

— Explique-se — ordenou.

— Pai, eu só queria sair e curtir um pouco — resmungou.

— E pra isto precisa ser escondido? — questionou.

— Minha mãe não me deixou sair — tentou se explicar.

Se enfureceu com aquela justificativa.

— Razão suficiente para ficar em casa! — bradou. — Não sei se estou criando um homem ou um moleque!

— Não é bem assim, pai.

— E como seria? Poderia me explicar? — Luan tentou falar e Guilherme

ergueu uma mão mostrando que deveria ficar calado. — Você pode sair e fazer o que quiser quando fizer dezoito anos e não depender mais de mim ou de sua mãe. Fui claro?

— Sim — resmungou.

— Você é filho de um policial, porra! — explodiu. — Sabe quanta merda poderia acontecer com você lá fora? Ainda mais em um lugar onde qualquer um pode entrar e fazer sabe-se lá Deus o que com você!

— Isto não é motivo pra me prender dentro de casa! — exclamou.

— E eu te prendo dentro de casa? — questionou furioso. — Responde!

— Pai.

— Nunca te prendi! — O acusou. — Pode ir onde quiser desde que me diga com quem vai, onde vai e a que hora pretende voltar! O trato sempre foi esse! Sem drogas, álcool ou putas! — bradou.

Se calou quando Letícia ofegou de leve, nunca imaginou que um pai poderia falar tão abertamente com seu filho.

— Se acalme. — Ela pediu a ele que acenou concordando.

Guilherme voltou a encarar Luan que olhava o chão envergonhado.

— Me dê seu celular — ordenou baixo.

— O celular não, pai — protestou.

— O celular que deveria estar ligado para que esse pai controlador rastreasse o filho, *ah* esse celular sim — foi irônico e estendeu a mão.

— Vale dizer que descarregou? — questionou emburrado entregando o aparelho.

— Não — respondeu duramente. — Sem celular, tablet e player por um mês.

— Um mês! — exclamou.

— Está sendo pouco? Acho melhor dois meses, então. — Guilherme o provocou.

— Um mês. — Luan afirmou.

— Está proibido de sair, vai ser de casa pra escola e da escola pra casa.

— Pai — gemeu frustrado.

— E nem pense em me pedir mesada ou qualquer outra coisa pelos próximos três meses — estremeceu de raiva.

— Está exagerando — protestou.

— Exagero seria eu descobrir que mentiu para mim ou para sua mãe com o intuito de ir pra rua com seus amigos, porque Deus me ajude, Luan, ou eu vou fazer uma besteira.

— Mais alguma coisa? — resmungou.

— Vá para seu quarto — ordenou.

— Estou com fome — murmurou.

— Eu disse para você ir para o seu quarto! — ordenou duramente.

— Boa noite, Letícia. — Luan disse a ela.

— Boa noite, Luan.

Guilherme o observou ir para o quarto e só se sentou quando ouviu a porta se fechar. Suspirou cansado.

— Não acha que foi muito duro com ele? — Letícia questionou baixinho.

— Vai descobrir isto quando esses dois chegarem a adolescência — disse apontando para a barriga dela.

— Que Deus me ajude, então — sorriu.

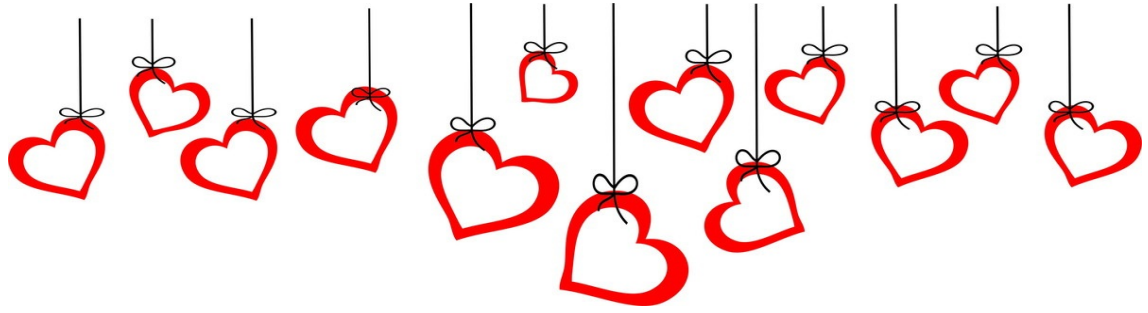
Se levantou devagar e sentou ao lado dele.

— Com fome também? — Guilherme questionou.

— Estamos famintos — respondeu alisando a barriga.

Guilherme não resistiu à vontade e pousou a mão sobre a barriga dela. Fez um carinho leve, que por mais provocador que tenha sido para ela, foi extremamente calmante para ele.

— Pizza? — Ele questionou baixo.



Capítulo Treze

Letícia suspirou sentindo-se completamente cheia. Comeu três fatias de pizza e ainda tentava entender como conseguiu, já que nunca passou da segunda sem se sentir empanzinada. Guilherme comeu cinco fatias chocando-a com tanta fome, ela observou que ele foi cuidadoso em levar pizza para o filho e não se esqueceu do refrigerante. Por mais que estivesse com raiva por ele ter fugido da casa da mãe, não o deixou com fome como punição, mas o garoto ainda estava restrito ao quarto.

Ela tentava não rir, mas foi impossível quando parou para pensar que saíram de um restaurante para comer pizza em casa.

— Do que está rindo? — Guilherme perguntou limpando os dedos no guardanapo.

— Estava pensando — riu. — Terminamos nossa noite comendo pizza com as mãos e pareceu tão perfeito.

— Você tem uma definição estranha de perfeição. — Guilherme disse. — Sinto muito pelo jantar, mas podemos voltar lá outra noite.

— Não estou chateada — garantiu. — Seu filho é uma prioridade, não poderia deixá-lo nas ruas sem saber o que estava acontecendo.

— Você é incrível.

— Você tem uma definição estranha de incrível. — O provocou.

— Não tenho não — retrucou rindo. — Tenho certeza que é incrível.

Ela riu e começou a recolher as coisas sobre a bancada.

— Vamos organizar essa bagunça. — Letícia se calou quando ele tomou os copos da mão dela.

— Eu vou organizar essa bagunça e você vai continuar sentadinha aí — disse em um tom de ordem.

— Posso ajudar — protestou. — E pare de me dar ordens.

— Esse ainda é o nosso encontro, pelo amor de Deus — retrucou. — Minha mãe me castraria se estragasse esse encontro ainda mais, deixando você trabalhar na minha cozinha.

— Nem é tanto trabalho assim.

— Bom, assim fico livre disto rapidinho e você tem toda minha atenção. — Guilherme disse sabendo que tinha ganhado aquela discussão boba.

Em alguns minutos estava tudo organizado na bela cozinha planejada de Guilherme. Ele voltou até Letícia, que ainda estava sentada no mesmo lugar, e lhe ofereceu a mão. Ela aceitou sem protestar e eles caminharam até a sala de estar. Se sentaram lado a lado e um silêncio levemente constrangedor se instalou entre eles.

Um frio tomou conta do estômago de Letícia e ela ficou nervosa. Agora teriam que continuar aquela conversa em que ela insistiu.

— Parece nervosa. — Ele observou. — Não fique.

O tom suave dele a fez o encarar, seus lábios não sorriam, mas seus olhos brilhavam com uma felicidade contida.

— Tenho uma confissão a fazer — disse Letícia ao se decidir ser sincera e objetiva.

— Estou ouvindo — levou a mão dela aos lábios e a beijou carinhosamente.

— Também me apaixonei por você, Guilherme — revelou.

— Mas — insistiu sabendo que havia mais o que dizer.

— Mas estou com medo — suspirou. — Se eu o tivesse conhecido alguns meses antes.

— Se tivesse batido no meu carro antes de engravidar? — questionou sorrindo.

— Sim, pare de rir de mim — protestou.

— Não estou rindo de você, só estou feliz em saber que corresponde aos meus sentimentos — explicou ainda sorrindo.

— Como eu não me apaixonaria por você? — questionou. — Desde sempre me tratou tão bem, tem uma gentileza dentro de você que eu nunca poderia me igualar. E quando sorrir é tão sincero.

— E quando te olho? — perguntou.

— Me faz sentir como se fosse a mulher mais bonita do mundo — respondeu com um olhar apaixonado.

Guilherme aproximou o rosto do dela, tanto que sua respiração começava quando a dela terminava.

— E quando eu te beijo? — sussurrou.

— Esqueço de pensar — respondeu num murmuro sem desviar os olhos

dos dele.

Ele segurou o rosto dela e a beijou, foi correspondido no mesmo instante. Seus lábios se encaixaram perfeitamente, encontraram a mesma sintonia ao aprofundar o beijo.

Borboletas invadiram o estômago de Letícia, levando-a ao céu e ao inferno em segundos. Seu corpo se aqueceu de uma forma que nunca imaginou ser possível antes. Um arrepio passou lentamente por toda sua pele, como se um sopro quente de desejo se arrastasse por cada centímetro, provocando-a.

Se afastou dele em um ofego, percebeu que o empurrou e quando olhou para suas mãos tocando-o arfou em um desejo reprimido. Puxou as mãos para longe e encarou o olhar confuso de Guilherme.

— Não me beije — pediu. — Não me toque — implorou.

— Letícia? O que foi? — perguntou franzindo a testa.

— Eu não posso — suspirou.

— Não pode o quê? — questionou.

— Resistir se continuar me beijando — confessou.

— Não acho que isto seja ruim — ergueu uma sobrancelha arrogante.

— Guilherme, eu não vou suportar saber que seria somente por uma noite — declarou. — Não suportaria me sentir usada, se não me quisesse mais. Até o entenderia, porque agora não sou somente eu. Somos três, uma pacote completo. E eu não poderia fazer isto com você, mas partiria meu coração se fosse embora quando percebesse a loucura de querer ficar com uma mulher grávida de gêmeos.

— Não estou indo embora — garantiu. — Não estou deixando você, deixando vocês. — Se corrigiu. — Eu quero você e esses gêmeos bagunceiros. Não vou partir seu coração, não vou deixá-la. Quero o pacote completo — garantiu.

— Você tem certeza disto? Não vou deixar você voltar atrás depois — avisou.

— Nunca tive tanta certeza na minha vida, como tenho agora — garantiu. — E nem é porque quero te levar pra cama — brincou e ela lhe deu um tapa no ombro. — Não brincaria com seus sentimentos, principalmente, quando conheço os meus. Estamos nesta juntos, não se esqueça disto.

— Tudo bem, agora faça o pedido — deu de ombros sorrindo.

— De quê? Casamento, namoro, ou só o de fique comigo essa noite?

— Guilherme!

— Sou homem e tenho um raciocínio lento quanto ao que passa na cabeça das mulheres — deu de ombros.

— Idiota.

— Algo que vai ter que se acostumar — brincou.

— Não estava falando de casamento — explicou.

— Então, namore comigo? — pediu docemente.

— Não é tão lento assim. — O provocou.

— Agora posso pedir que fique comigo essa noite?

— Você não tem jeito — riu.

— Sou homem e os homens sempre tem segundas intenções — riu. — E você não respondeu aos meus pedidos.

Letícia riu e abraçou o pescoço dele.

— Sabe que se eu aceitar passar a noite, não vai dormir muito — provocou.

— Estou contando com isto — garantiu sorrindo.

— Guilherme — suspirou se afastando. — Meus hormônios estão me enlouquecendo, entende? — mordeu o lábio constrangida.

— Vou cuidar de você — prometeu se levantando.

Com cuidado ergueu Letícia nos braços, ela riu surpresa. Ele beijou a testa dela e cheirou seus cabelos, tinha certeza que fazia as decisões certas quanto a ela.

— Poderia me responder agora? — sussurrou caminhando em direção ao seu quarto.

— Sim, eu aceito os seus pedidos. — Letícia sussurrou encarando-o nos olhos.

Guilherme a colocou sobre a cama como se fosse a coisa mais preciosa que tivesse carregado na vida. Sorriu para ela e acenou para a porta, mostrando que iria trancá-la. Caminhou até a porta e a fechou, virando a chave logo em seguida.

Voltou para Letícia em passos lentos, observando-a com atenção e aprovando em como ela parecia pertencer a sua cama. Não disse nada, tirou o tênis que usava, junto com as meias. Puxou a camisa pela cabeça e a jogou no chão.

Quando se inclinou sobre ela, percebeu que palavras não eram mais necessárias para aquela noite. Tudo o que precisava ela tê-la por completo. Sua

alma clamava pela dela, seu coração batia no mesmo compasso que o dela e sua respiração dependia da dela.

A beijou com tanta delicadeza que o surpreendeu.

Tudo ao redor se apagou com a mesma lentidão que Guilherme beijava Letícia. Nada mais tinha tanta importância ou cor, parecia cinza e desbotava cada vez mais, até sumir, pois eles brilhavam de uma forma única.

Suas almas se encontraram em um sussurro apaixonado.

Sobre aqueles lençóis suaves, se amaram como se conhecessem por toda a vida ou de outra vida. Deram tudo de si, se entregaram por completo. Eram dois corpos, duas vidas, mas uma só alma. Almas gêmeas. A peça certa que se encaixava com tamanha perfeição.

Isto nos faz pensar que muito provavelmente Platão estivesse certo sobre a sua teoria de almas gêmeas, onde diz que em um tempo original éramos uma esfera que fora dividida ao meio por se acharem superiores demais. O que resultou em dois corpos e uma só alma. Reza a lenda, que desde então estamos procurando pela pessoa certa.

Pela peça certa, ou melhor dizendo, pela nossa alma gêmea.



Guilherme acordou sentido algo diferente, moveu-se na cama e encontrou um corpo quente. *Letícia*, pensou e foi impossível não sorrir. Lembrou de ter ligado para o avô dela em algum momento da noite, para informar que ela passaria a noite em sua casa. Não queria deixar o gentil senhor preocupado.

Ergueu o olhar e viu que ainda era cedo. Olhou para ela por alguns minutos, antes de se levantar. Tomou um banho rápido e saiu do quarto vestindo somente uma boxer. Caminhou descalço até a cozinha e se serviu um copo com água. Sentou na banqueta e suspirou pensando em tudo o que tinha acontecido durante a noite.

Acabou rindo lembrando de Dona Lurdes dizendo que não era fácil saciar uma mulher grávida. Tinha que dar razão a ela, mas se sentiu privilegiado por Letícia depositar tanta confiança nele.

— Rindo sozinho, preocupante.

Se virou ao escutar o murmuro do filho.

— Bom dia, pai.

— Bom dia, filho — disse sério. — Fome?

— Um pouco — resmungou e se serviu um copo com água.

Guilherme reparou em quanto o garoto estava crescendo, usava somente uma calça de pijama velha. Tinha um estômago magro e braços firmes. Acreditava que Vinicius estava o incentivando a fazer mais exercícios físicos. *Logo estaria em uma academia querendo ficar mais forte*, pensou orgulhoso.

Luan se sentou ao seu lado e eles ficaram em silêncio por alguns segundos.

— Desculpe por ontem — murmurou o garoto.

Guilherme suspirou.

— Tudo bem, já fiz coisas parecidas — confessou. — Mas meus pais nunca me pegaram na mentira, se pegaram, nunca demonstraram — riu.

— Foi idiotice o que fiz.

— Concordamos em algo. — Guilherme disse.

— Desculpe. — Luan pediu com sinceridade.

— Não faça mais, ou pelo menos não me deixe descobrir. — Guilherme o aconselhou. — Desculpe se o faço se sentir preso.

— Pai, não é ...

— Não vou dizer que sei como se sente, porque a coisa mais perigosa que meu pai fazia era trabalhar com madeira. — O interrompeu. — Mas eu não sou assim, Luan. Eu vou para as ruas, armado, para ajudar as pessoas se sentirem mais seguras. Invado comunidades para pacificar ou entro em presídios para controlar qualquer desordem. Lido com crimes e criminosos, não posso deitar na minha cama sabendo que você pode ter fugido de casa para se divertir por aí — confessou. — Preciso que entenda que eu não me sentiria seguro sem saber onde está. Você é meu filho e eu morreria se algo acontecesse contigo.

— Eu entendo. — Luan disse.

— Não perdi a confiança em você por causa de ontem, mas me sinto meio inseguro, até mesmo com medo — admitiu. — Se for fazer qualquer traquinagem de adolescente, seja pelo menos inteligente. E o que fez ontem não foi inteligente.

— Eu sei, desculpe.

Guilherme acenou e beijou a testa do garoto.

— Já que está aqui, se prepare, vamos para a casa do lago — disse ao filho.

— Não antes de me contar como foi a noite — ergueu uma sobancelha zombeteira.

— Deve parar de falar com seu tio Vinicius, imediatamente — resmungou.

— Vamos lá, pai — riu. — Nem adianta me dizer que conversaram ou dormiram, que eu não vou acreditar.

Guilherme negou com a cabeça e riu.

— Use sua imaginação — respondeu se levantando. — Agora vou preparar um café da manhã bem grande porque temos uma grávida para cuidar.

— E grávidas comem muito. — Luan disse rindo.

Guilherme a viu se aproximando sorridente. Usava uma de suas camisas e uma calça de moletom.

— Não tanto como vocês dois — disse surpreendendo o menino. — Parecem terem vindo da guerra — riu. — E nem adianta tentar negar, as pizzas de ontem comprovam minha teoria.

— Bom dia, Letícia. — Luan disse rindo. — Talvez esteja certa.

— Estou sempre certa — deu de ombros e se sentou ao lado dele. — Bom dia.

— Até parece que ouvi Dona Lurdes falando. — Guilherme brincou.

— Quem? — perguntou confusa.

— Avó de Sofia — explicou Luan. — A velha é terrível e sempre se acha na razão, mas eu gosto dela.

— Impossível não gostar, mesmo que tenhamos vontade de estrangulá-la as vezes. — Guilherme disse rindo e Luan acenou concordando.

— Preciso conhecê-la — disse lembrando de ter visto a esperta senhora no hospital algumas vezes, mas nunca teve a oportunidade de parar para conversar.

Guilherme fez uma careta e seu filho gargalhou sabendo que ele estava pensando que não era uma boa ideia.

Se aproximou de Letícia e beijou sua testa.

— Bom dia, linda, como se sente? — perguntou atencioso.

— Muito bem e com fome — gemeu em frustração. — Esses pequenos parecem ser tão famintos quanto vocês — alisou a barriga de quatro meses. — E eu preciso de muita cafeína.

— Não tanta. — Guilherme disse. — Garanto que sua médica disse para manear no café.

— Não sei porque te conto as coisas — murmurou agora emburrada.

Luan riu.

Ah, as constantes mudanças de humor na gravidez. Pensou Guilherme, mas foi inteligente suficiente para não comentar em voz alta.

— Uma xícara não vai fazer mal — disse ele se afastando para preparar.

— Vou tomar um banho, enquanto isto. — Luan anunciou saindo da cozinha.

— O que vamos fazer hoje, planos para o domingo? — Letícia perguntou.

— Vamos para a casa no lago — anunciou. — Depois do café, passamos para pegar seu avô e você pode se trocar.

— Desculpe pegar suas roupas, mas eu não aguentaria vestir aquele vestido novamente — disse sem se importar muito.

— Me lembro de como foi difícil tirá-lo. — As bochechas de Letícia coraram. — Use minhas roupas sempre que quiser.

— Estou pensando em roubar algumas mesmo — riu. — Me sinto tão confortável, sem nada apertando minha barriga ou minha cintura que parece até um sonho.

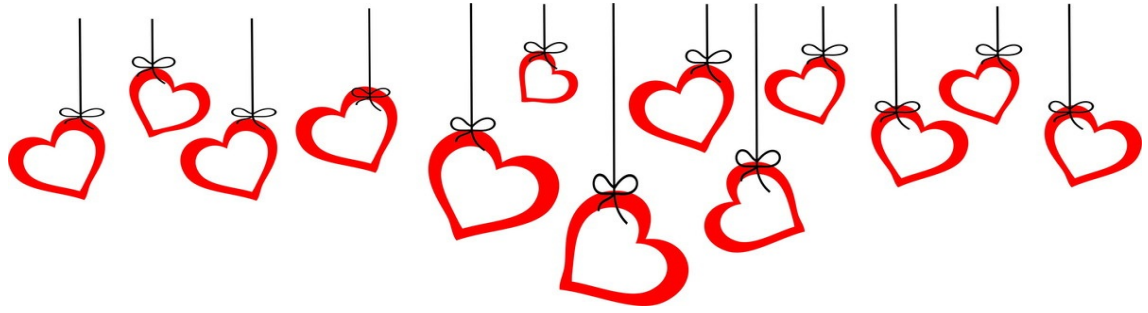
— Deveria comprar roupas de grávidas, então — disse sabiamente escolhendo as palavras certas.

Iria usar as palavras “roupas maiores”, mas muito provavelmente seria acertado por qualquer coisa que ela encontrasse.

— Não queria gastar muito com isto para depois perder todas as roupas novamente — resmungou.

— Então use minhas roupas, fica linda nelas — ofereceu já planejando arrastá-la para uma loja de roupas para grávidas.

Seria uma briga para outra hora, pensou.



Capítulo Quatorze

— As pessoas deveriam sempre me ouvir — afirmou Lurdes. — Estou sempre certa.

Letícia riu, a avó de Sofia tinha um humor afiado.

Foi apresentada novamente a enorme família de Guilherme e desta vez ninguém gritou ou brigou com ela. Eles a abraçaram com carinho e lhe desejaram boas-vindas a aquele barulhento grupo. A aceitaram como namorada de Guilherme e lhe deram muitos mimos, mostrando não terem nenhum ressentimento do acidente.

— Não vou dizer o que tanto quer ouvir — afirmou Guilherme com um olhar arrogante.

— Nem precisa. — Ela deu de ombros. — A cara de cansado dos dois já me disse que a noite foi boa.

Claro que Letícia engasgou surpresa com aquele comentário. Vinicius riu alto, seus irmãos e amigos fizeram a mesma coisa, era impossível resistir a boas gargalhadas.

— Vá se acostumando, Leth, Dona Lurdes é a voz sincera desta família. — Vinicius disse ainda rindo.

— Nem todos nascem com a sorte de Guilherme. — Carlos disse apontando para Berillo. — Seu avô é um homem sábio e discreto.

— Traste! — Lurdes o enxotou com a mão. — Vá cuidar da vida de Laura — ordenou.

— Não preciso me preocupar com ela — afirmou. — E sim com Sofia — disse e olhou feio para Vitor.

— Estou quieto. — Vitor disse erguendo as mãos.

— Só de ver sua cara, já tenho vontade de socá-lo. — Carlos resmungou.

— Seu amor por mim é lindo. — Vitor zombou do sogro.

— Filho da. — Carlos se calou ao olhar para Elis. — Desculpe.

Elis riu e negou com a cabeça.

— Você não toma jeito, Carlos — disse a ele.

— Homem inteligente — disse Pedro. — Iríamos quebrar sua cara, ou Gui

poderia te dar um tiro, se ofendesse nossa mãe.

— Muito esperto. — Berillo concordou rindo.

— Está cada vez mais ferrado, pai. — Rodrigo riu.

— Deveria me defender — acusou o filho. — Tem que ficar do meu lado, filhos ingratos.

— Só ficamos do lado da pipoca, pai. — Laura defendeu o irmão e todos riram.

A conversa rendeu por horas, muitas risadas e provocações. Almoçaram juntos e a turma do barulho, como Letícia agora os chamava, devoraram tudo o que tinha nas panelas.

Nunca poderiam acusá-los de falta de appetite, pensou rindo.

— Vamos dar uma volta? — Guilherme perguntou lhe oferecendo a mão.

— Claro — aceitou entrelaçando seus dedos.

Ele piscou para ela e caminharam para fora da casa, ignoraram as risadas e comentários feitos pelos rapazes quando passaram pela sala. Todos eles estavam enfiados lá, brigando para ver quem jogava a próxima partida de player, mas voltaram toda a atenção para o casal quando os viram passar.

— Peço desculpa por eles. — Guilherme disse levemente irritado, porém, um sorriso suave adornava seus lábios.

— Não se preocupe — riu. — A mente infantil masculina é algo que não devemos levar em consideração. — O provocou.

— Ei, me ressinto disto — disse conduzindo ela para a grama ao lado do lago.

— Deveria me desculpar? — questionou sorrindo.

— Só se eu estiver incluso ao seu comentário — respondeu.

— Então, não devo me preocupar — deu de ombros. — Aonde estamos indo?

— Tem um banco mais à frente — apontou a direção. — Vamos ter um pouco de privacidade lá.

— Esse lugar é tão lindo. — Letícia disse. — É bom sair um pouco da cidade.

— Sempre é bom sair da cidade — comentou.

— Prefere aqui? — questionou.

— Gosto daqui, é um bom lugar para relaxar. — Guilherme deu de ombros.

— Sem contar que essa casa é o xodó da família.

— Deve ter sido bom crescer num lugar assim — disse encantada. — Imagino que tenha boas histórias.

— Mais do que eu poderia contar — riu. — Ainda não sei como a casa ainda está de pé — brincou. — Eu e meus irmãos éramos como terroristas neste lugar.

— Coitada da sua mãe. — Letícia gargalhou. — Quatro pestinhas para controlar.

— Gustavo e Daniel sempre estavam juntos — ergueu uma sobrancelha. — O que totaliza seis pestinhas.

— Deus amado — riu alto. — Ela deve ter ganhado alguns fios brancos.

Guilherme riu concordando e se sentou no banco de madeira. Letícia ia se sentar ao lado dele, mas a interrompeu.

— Quero você no meu colo — pediu.

— Guilherme! — exclamou se odiando por corar.

— Venha — puxou sua mão.

— Sua família.

— Estão longe. — A cortou. — E eu não vou fazer nada demais, só te quero mais perto de mim.

— Perto demais — pontuou.

— Perto demais — repetiu afirmando que era realmente o que queria.

Letícia não lutou contra, se sentou de lado no colo dele e deixou ser abraçada. Suspirou, sentia-se tão cuidada nos braços dele e desejou que nunca acabasse aquele relacionamento.

— Deve sempre estar aqui — murmurou ele. — Nos meus braços.

— Tenho que concordar — respondeu. — É perfeito estar em seus braços.

Guilherme beijou rapidamente os lábios dela, se afastou e encarou seu olhos.

— Como vocês estão? — perguntou e alisou a barriga dela.

— Estamos bem — olhou com carinho para ele. — Está sentindo? — perguntou. — Estão se mexendo — riu. — Sempre fazem isto depois que como.

— Não — franziu a testa.

— Aqui — disse levando a mão dele para o lugar onde os sentia se mover. — Dois bebês sapecas brincando no meu ventre.

— Senti — riu. — Quando vamos saber o sexo deles?

— Tenho uma consulta amanhã, vou ver se desta vez eles não sejam tão modestos e se mostrem.

— Vou com você. — Ele afirmou.

— Não precisa, Gui.

Ele ergueu uma sobrancelha arrogante.

— Claro que precisa — disse lhe fazendo carinho na barriga. — Esses dois agora são meus também, se esqueceu de que aceitei o pacote inteiro, namorada?

Os olhos de Letícia se encheram de lágrimas, uma emoção estranha se alojou em sua garganta. Teve medo de abrir a boca e acabar estragando o momento. A sinceridade no olhar dele dizia muito sobre suas ações, aquele era só o início para uma vida juntos. A determinação dele não acabaria por pouca coisa, não desistiria dela e nem de seus filhos.

— Não chore. — Guilherme murmurou e limpou a bochecha de Letícia.

— Você é incrível — disse deixando mais lágrimas escaparem.

— Então sorria, não chore — pediu.

— É covardia dizer isto para uma mulher sem controle dos próprios hormônios — protestou fungando.

— Gosto dos seus hormônios — piscou malicioso para ela.

— Guilherme!

— Só disse a verdade.

— Você é tão terrível quanto a seus irmãos — acusou.

— Aí já é uma ofensa — tentou se manter sério. — Ser comparado a Vinicius é o fim do mundo — riu.

— Tadinho.

— Diz isto porque o conhece muito pouco — apontou. — Mas acredito que vai ter muito tempo para conhecê-los.

— Fico feliz com isto — sorriu. — Estou achando o primeiro dia com sua família incrível — confessou. — Sempre foi minha mãe, meu avô e eu.

— Agora tem uma família grande, são barulhentos, mas os melhores.

Ela sorriu emocionada e totalmente agradecida.

— O que aconteceu com sua mãe? — Guilherme perguntou curioso.

— Faleceu a alguns anos — contou com um sorriso triste. — Um dia ela estava na rua, caiu e quebrou uma perna. Foi uma lesão grave e quase foi

atropelada, foi operada e pegou uma infecção hospitalar. — Se aconteceu no pescoço dele. — Juntou tudo isto e mais o agravante de que seu coração era fraco.

— Sinto muito.

— Eu também, desde então tem sido somente eu e o senhor Berillo.

— Se sentia sozinha ainda sim — afirmou ele.

— Mais do que poderia imaginar — suspirou.

— Fico feliz que tenha decidido a ser mãe. — Guilherme disse e voltou a fazer carinho na barriga de Letícia. — Filhos dão trabalho, mas nos fazem ver o mundo de uma forma diferente.

— Luan deu muito trabalho? — perguntou.

— Demais — riu. — Acho que parte é minha culpa, por ter sido tão bagunceiro na infância, ele herdou meus traços — confessou. — Aventureiro como nunca. Subia em todos os móveis da casa, queria nadar o tempo todo e quando descobriu a bicicleta teve mais machucados do que eu poderia contar — riu. — Meus irmãos o incentivavam e eu como pai tinha que por um limite, mas acabava sempre deixando. Ainda bem que a fase da bicicleta passou, Bruna estava em tempo de sofrer um ataque cardíaco cada vez que ele voltava pra casa todo ralado.

— Eu ficaria igual a ela — riu.

— Teve também o skate, claro que foi presente de Vinicius — balançou a cabeça negando. — Meu moleque adquiriu uns bons machucados com aquela merda, não sei como não quebrou nenhum osso ainda.

— E agora, qual é a fase em que ele está? — perguntou curiosa.

— Das garotas — fez uma leve careta. — E não quer ficar com uma só, quer curtir, como ele mesmo disse — riu. — Mais uma vez, culpa de Vinicius que fica o incentivando.

— E você não tem nenhuma parcela de culpa? — ergueu uma sobrancelha. — Você tem um filho de quinze anos, Guilherme! — riu. — Quantos anos tinha quando soube que ia ser pai?

— Dezesete — respondeu fazendo cara de paisagem.

— Está vendo só! — apontou rindo. — Não pode culpar Vinicius por tudo. Reze para daqui dois anos ele não decida te fazer avô — provocou.

— Que Deus me ajude — resmungou. — Vou comprar toneladas de camisinha para aquele garoto — afirmou. — Avô — estremeceu. — Não estou

pronto para isto.

— Seu pai que o diga, *neh* — riu.

Guilherme gargalhou concordando.

— Ainda me lembro, como se fosse ontem, quando contei para ele — riu baixo. — Perdeu toda a cor do rosto, assim como eu — acariciou a barriga dela distraidamente. — Acho que mal podia respirar aquele dia.

— Estava em pânico. — Letícia afirmou.

— Sim — balançou a cabeça. — Eu era só um moleque descobrindo os prazeres da vida — riu. — E claro, apaixonado.

— Combinação perigosa. — Ela disse.

— Muito — concordou perdido em pensamentos. — Meu pai me obrigou a arrumar um emprego — contou. — Aceitava qualquer coisa, cinquenta reais era uma fortuna pra mim naquela época e eu não gastava com nada, guardei noventa por cento de tudo aquilo que ganhei durante os nove longos meses — sorriu. — Minha mãe me dava dinheiro escondido, dizia que era para me ajudar a comprar as coisas para Luan, mas eu sabia que era porque ela não aguentava mais me ver me esforçando tanto e não conseguindo muita coisa.

— Quais empregos conseguiu? — perguntou curiosa.

— Cortar grama dos vizinhos era o que mais dava dinheiro — riu. — Fui entregador de uma loja de materiais de construção, claro que depois da escola. No final de semana saía com Vitor para vender picolé, ele me dava tudo o que ganhava no dia, claro que não contávamos pro pai. — Sua mão massageou onde percebeu um movimento na barriga. — Eu não gostava de aceitar o dinheiro dele, mas é difícil ganhar uma discussão com Vitor — riu. — Acho que nunca serei grato suficiente por tudo o que ele fez por mim.

— Deve ser incrível ter irmãos. — Letícia comentou.

— Às vezes tenho vontade de matá-los, mas não viveria sem eles — confessou. — Acredito que meu pai sabia que Vitor me dava o dinheiro dele, mas fingia não ver. Ele queria me ensinar o quanto seria difícil criar um filho, sustentar uma criança. Isto me fez crescer mais rápido, amadurecer.

— Por isto que você é um pai incrível — disse ela sorrindo. — Aprendeu com o melhor.

— Não tenho dúvidas — afirmou Guilherme cheio de orgulho.

Seu pai o fez sofrer para crescer, mas o tornou mais homem. Isto era motivo para muito orgulho tanto dele, quanto de seu pai, Luís. O ensinara a ser

responsável por suas ações, a correr atrás do sustento do próprio filho. E não foi fácil, principalmente por Luís não permitir que ele corresse da faculdade.

Assim que se formou no ensino médio, seu pai o empurrou para a faculdade mais próxima e o obrigou a estudar. *Pelo menos pôde escolher a profissão*, pensou nostálgico. Direito foi sua decisão, mas nunca pensou que seria tão difícil.

Luís sempre dizia que para criar bem um filho, pelo menos tinha que ter uma profissão certa. Ele não podia continuar correndo de um lado para o outro, pegando qualquer trabalho que encontrava. Não que isto não fosse motivo de orgulho, mas acreditava que Guilherme precisava de um direcionamento.

E foi o que fez, o colocou na direção certa.

Não ficou mais fácil, pensou Guilherme. Estudar e se preparar para entrar na Polícia Civil. Conseguiu passar nos testes e passou anos no departamento, até que decidiu querer algo mais perigoso e se mudou para o Tático. Cresceu na hierarquia e se tornou tenente com muitas honras.

Também se formou na faculdade, apesar de todas as vezes que pensou em desistir, com méritos, mas não advogou.

— Ficou calado — murmurou Letícia chamando sua atenção.

— Só estava pensando em como tenho orgulho de ser filho do senhor Luís — respondeu.

— Acredito que Luan poderia dizer a mesma coisa sobre você — disse fazendo um carinho na bochecha dele.

— Espero que sim.

— Eu tenho certeza — garantiu sorrindo.

Letícia o observou sorrir, segurou seu rosto e o beijou devagar. Se afastou um pouquinho e o encarou, perdeu-se na intensidade que brilhava em seus olhos.

Se beijavam com o olhar e descobriram ser o melhor dos beijos. Aquele pequeno momento onde seus olhos se cruzam cheios de juras de amor e suas almas se conectam em segundos. Sentiam uma tranquilidade infiltrar no mais profundo do seu ser com delicadeza através daquele olhar sedutor.

Ele segurou sua nuca e a beijou. Não conseguiu evitar sorrir antes de correspondê-lo.

Sua barriga gelou em ansiedade.

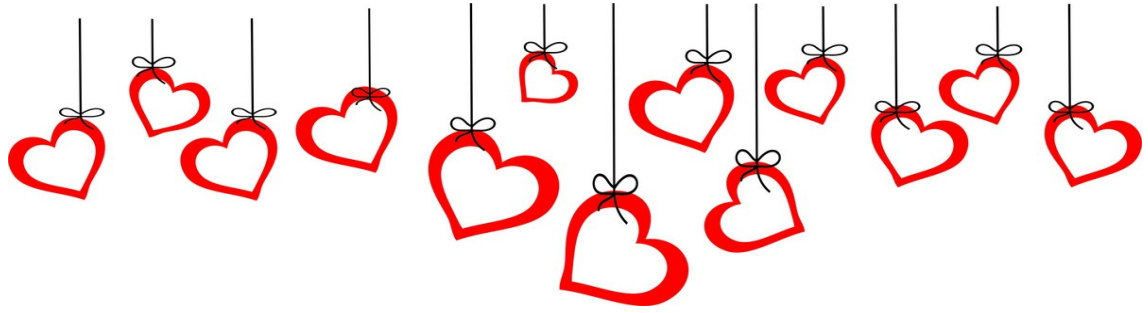
O mundo girou.

As cores desbotaram.

A única coisa que conseguia perceber era o sabor dos lábios dele e seu hálito quente. Levando-a a experimentar o êxtase com aquele ato tão íntimo e profundo.

Aquele beijo trouxe, para ambos, a descoberta dos sentimentos mais vividos que poderiam sentir. Ansiavam por mais, estavam sedentos por amor. Seus corações batiam tão forte no peito que parecia rasgar a carne. Ofegavam por falta de ar, mas não se afastavam, respiravam um pelo outro.

Se beijavam com a certeza de que era somente o início para muitos anos juntos.



Capítulo Quinze

Guilherme segurou a mão de Letícia enquanto dirigia, estava levando Luan de volta para a mãe dele. Insistiu para que ela passasse mais uma noite com ele, não foi difícil convencê-la e se sentiu orgulhoso por sua lábia. Deixaram Berillo em casa e ela pegou algumas peças de roupas, só então, pegaram a estrada.

Que Gael não descobrisse, pensou Guilherme. Seu amigo e fisioterapeuta iria arrancar seu couro se soubesse que ele andava dirigindo mais do que o necessário.

Mas se sentia bem, caso contrário, não ficaria atrás de um volante.

— Pai?

Olhou o retrovisor e encontrou Luan o encarando.

— Diga.

— Estou mesmo de castigo? — questionou hesitante.

— Ainda tem alguma dúvida? — ergueu uma sobrancelha e voltou olhar para a estrada.

Ouviu Luan gemer frustrado.

— Mas, pai, estávamos marcando um futebol no fim da próxima semana — contou.

— O futebol pode continuar, a diferença é que você não vai — disse sério.

Segurou o volante com as duas mãos e relaxou os ombros.

— Por favor, pai. — Luan insistiu. — É só um futebol.

— Devia ter pensado nisto antes de me irritar fugindo de casa. — Guilherme respondeu tranquilo.

— Vamos lá, pai, deixa.

— Eu disse não, Luan! — exclamou. — Se continuar a insistir, vou aumentar o tempo do seu castigo — ameaçou. — E nem tente ir no futebol achando que eu não vou descobrir, se me desobedecer vai se arrepender.

Por sorte estava entrando na rua da casa de Bruna e o assunto morreu. Estacionou o carro e buzinou, Luan saiu do carro emburrado e a mãe dele abriu o portão.

— Oi, mãe — resmungou e a abraçou rapidamente.

— Oi, querido. — Ela o beijou na bochecha e se aproximou do carro.

— De casa pra escola e escola pra casa. — Guilherme disse de dentro do carro apontando para Luan. — Nada de eletrônicos também, vamos ver se um mês de castigo vai ser suficiente.

— Tudo bem — concordou sem querer tirar a autoridade dele. — O celular dele?

— Vai ficar comigo até que o castigo passe, também cortei a mesada e qualquer dinheiro avulso — disse severamente.

Bruna acenou e olhou para o banco do passageiro, franziu a testa ao perceber que era Letícia, a mulher responsável por bater no carro dele.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou rudemente.

— Até onde me lembro não te devo satisfação. — Guilherme respondeu grosseiro.

Ela arregalou os olhos surpresa, desde o episódio no hospital não tinham conversado mais do que o necessário.

— Podemos conversar? — Bruna pediu.

— Estamos conversando — afirmou com impaciência.

Letícia apertou a mão dele, chamando sua atenção.

— Tudo bem, Guilherme, não me importo em esperar — disse baixo e tranquila.

Ele tentou negar, mas o olhar de Letícia dizia que era melhor ele conversar com a mãe de seu filho. Acenou irritado e saiu do carro, seu tornozelo doeu um pouco e ele se negou a demonstrar a dor. Caminhou com Bruna até o portão e a olhou com arrogância.

— Deveria estar dirigindo? — Bruna perguntou.

— Isto é o que queria conversar? — ergueu uma sobrancelha presunçosa.

— Guilherme, não éramos assim, não brigávamos o tempo todo — suspirou.

— Não estamos brigando, só não estou afim de conversar — afirmou.

— Desde o hospital, não fala direito comigo mais — disse parecendo cansada.

— E você queria que eu me tornasse seu confidente? — questionou com impaciência. — As coisas mudaram há muito tempo, Bruna, eu era um idiota para não perceber.

— E essa mudança está relacionada a aquela mulher no carro? — questionou.

— Não — afirmou. — Mudei por mim mesmo, mas aquela mulher ali no carro, como mesmo disse, é minha namorada — ignorou a surpresa no olhar dela. — E espero que a trate com mais gentileza e respeito a partir de hoje — exigiu.

— Ela quase o matou! — exclamou.

— E você me usou por anos, quebrando uma parte de mim, e nem por isto estou te acusando — observou. — Ao contrário de você, que sabia o que estava fazendo, o carro dela foi sabotado — contou. — Não tentou me matar como acabou de acusá-la.

— Guilherme — suspirou. — Eu sinto muito.

— Pelo quê? Por me dar esperanças por anos e se apaixonar pelo primeiro homem que conhece? *Ah* não, já superei isto — disse com desdém.

— Não parece.

— As coisas mudaram, Bruna, como te disse — afirmou. — Estou seguindo minha vida e acredito que não exista nem mesmo uma chance de amizade entre nós dois.

— Guilherme, não pode dizer isto, temos um filho juntos. — Bruna disse de olhos arregalados. — Fomos amigos a vida inteira.

— E isto já acabou a algum tempo, só que eu não percebi — retrucou baixo. — Não se preocupe com Luan, ele já está bem grandinho para entender as coisas. — Se afastou sem esperar por resposta. — Se tiver algum problema com ele, me ligue — disse antes de entrar no carro.

Bruna ficou olhando o carro de Guilherme se afastar, pasma. Nunca tinha o visto ser tão grosseiro com ela, claro que o entendia, o que não deixava de ser uma surpresa.

Entrou e viu o filho emburrado no sofá.

— Desmanche essa cara — disse e se sentou ao lado dele.

— Estou preso dentro dessa casa por um mês, sem nada para fazer, já que meu pai cortou qualquer eletrônico — resmungou irritado.

— Você procurou por isto — apontou.

— Está saindo mais caro do que imaginei.

— Mas eu posso te arrumar um monte de coisas para fazer — brincou.

— Já quer me explorar. — Luan a acusou.

— Não custava nada tentar — deu de ombros rindo. — Mas me diga uma coisa.

— Hm.

— Seu pai está mesmo namorando aquela moça?

— Sim — respondeu franzindo a testa.

— Mas ela não está grávida? — questionou.

— E você acha que é de outro homem? — Luan retrucou.

— Não é?

— Leth fez inseminação artificial, não tinha nenhum namorado e decidi ser mãe solteira — contou. — E agora meu pai está namorando ela, acredito que ele vá assumir os bebês — deu de ombros. — Gosto de Leth.

— Bebês? — questionou surpresa.

— Sim, gêmeos — olhou com atenção para Bruna. — O que foi, mãe? Você está com ciúmes?

— Claro que não — disse rápido.

— Bom, meu pai está feliz com a Leth. — Se levantou. — Já estava passando da hora dele ser feliz.

— E ele não era feliz? — questionou.

— Desde quando solidão é felicidade? — questionou. — Não os atrapalhe, mãe, foram feitos um para o outro — disse e saiu rumo ao quarto.

Bruna ficou feliz por estar sentada, a opinião de Luan a deixou bamba. Mas ele estava certo, ela estava com ciúmes e se amaldiçoou por isto. Concordava de que Guilherme merecia ser feliz, no entanto, não imaginou que seria tão estranho.

Desejou poder se desculpar com ele, realmente o tinha dado esperança por anos e se apaixonado por outro homem, como Guilherme lhe acusou. Não desejava machucá-lo, só não era para ela, ele não era sua metade.

Será que algum dia ele poderia entendê-la?

Não tinha resposta, mas passou o resto da noite se sentindo mal. Não por Guilherme dar rumo a sua vida e sim por ela, enfim, ter percebido que passou a vida o prendendo e nem mesmo tinha se dado conta.

A imagem dele gritando com ela no hospital não saiu de sua mente, como poderia? O olhar magoado e a expressão furiosa, quando nunca era fácil ler suas emoções, a devastou.

Naquela noite, quando deitou sua cabeça no travesseiro desejou de todo o coração que ele fosse muito feliz. E que um dia pudesse perdoá-la por tamanho egoísmo.



— Quer conversar? — Letícia perguntou minutos depois que ele arrancou o carro.

— Não — resmungou.

Letícia observou que ele não estava com raiva como no dia em que descobriu que ela pagou o seguro, ou como ficou quando Luan fugiu de casa. Aquela veia que pulsava fortemente em sua testa não estava a vista, nem a do pescoço.

Ele não estava com raiva, se decidiu, só emburrado.

— Guilherme?

— Hm?

— Converse comigo — pediu calma. — Acredito que estamos em um relacionamento sério e tenho o direito de exigir sua sinceridade.

— É claro que estamos em um relacionamento sério — afirmou ele ainda emburrado.

— Então, me fale o porquê está tão emburrado — insistiu.

— Não estou emburrado — protestou.

— Sério? — riu baixinho.

Ele a olhou chocado por rir dele.

— Está rindo de mim? — perguntou sério.

— Claro.

— E ainda confirma? — negou com a cabeça sem acreditar.

— Não vou mentir. — Letícia deu de ombros. — Você está emburrado desde que viu sua ex e eu quero saber o porquê, é justo, não acha?

O tom sério dela fez com que Guilherme reavaliasse suas ações. Percebeu que poderia ter dado a entender que ainda tinha sentimentos por Bruna. Ele sempre gostaria dela, afinal, ela foi a sua primeira paixão, mas não existia amor. Não a amava, tinha completa certeza disto.

— Estou emburrado porque não gosto de discussões — disse. — Detesto ter que brigar com alguém, isto tira meu humor — explicou. — Primeiro Luan insistindo para sair do castigo, achando que podia me enrolar. Ele sabe que eu

não falo duas vezes — resmungou uma maldição. — Isto me irrita.

— Se não tivesse falado, nem teria percebido. — Letícia disse para quebrar o clima e deu certo, pois Guilherme riu.

— Ele sabe que eu não falo duas vezes — repetiu quase que indignado. — Vai ser um longo mês — suspirou. — Até esse castigo acabar — segurou a mão dela por alguns segundos. — E depois disto veio a forma como Bruna perguntou o que você fazia no meu carro. Pelo amor de Deus! — exclamou atento ao trânsito. — Como se eu devesse alguma satisfação a ela, isto me enfurece. Desde quando eu a deixo ter satisfação de mim? — perguntou irritado.

— Vocês tiveram um relacionamento longo? — Letícia perguntou curiosa.

— Nem sei se pode chamar de relacionamento, foi mais como uma amizade colorida — deu de ombros ainda irritado. — Antes do Luan, era apaixonado por ela — contou. — Então veio uma criança, para dois adolescente cuidar, foi uma loucura. Não sei quando acabou aquele amor de adolescente, só sei que se tornou uma amizade com benefícios e os anos se passaram. Ela nunca aceitou se casar comigo, pedi várias vezes e cheguei a ficar chateado, acreditava que ela não confiava em mim para sustentá-los.

Guilherme se calou e esfregou a barba, enquanto se perdia em pensamentos. Relembrando todos aquele anos que se sentia infeliz, se esforçou muito para dar a Luan e Bruna tudo o que precisavam, mas naquela época parecia não ser suficiente. Já que ela não o aceitava por completo.

No entanto, agora entendia. Encarou Letícia e encontrou seu olhar curioso. Ela era a explicação para todos aqueles anos de frustração.

— Hoje eu entendo que não éramos para estarmos juntos.

— Como pode ter tanta certeza? — Ela questionou.

— Porque você é minha alma gêmea, não ela — explicou.

— Mas, Guilherme.

— Tenho certeza. — Ele a interrompeu. — Como não poderia? Acredito que estava destinado a amar você — afirmou. — Quando entrou naquele quarto de hospital e segurou minha mão, não senti nada? Porque eu senti. Senti algo que não poderia explicar. E quando abri meus olhos e a encarei, eu me vi nos seus belos olhos verdes.

— Sabe que vou acabar chorando se continuar falando desde jeito, não é? — Letícia perguntou fungando.

Guilherme levou a mão dela até seus lábios e beijou delicadamente.

— Não chore — pediu. — Só estou sendo sincero, como me pediu.
— Meus hormônios não aceitam ser controlados — brincou.
— Amo seus hormônios — riu. — Não se preocupe com Bruna — voltou ao assunto. — Não sinto nada por ela e isto não vai mudar — garantiu para acalmar as inseguranças dela. — Sou apaixonado por vocês.
— Também somos apaixonados por você. — Ela afirmou.
— Sabe que esses garotos agora são meus, não é? — perguntou.
— Garotos?
— Sim, tenho certeza que tem dois garotos aí nessa barriga bonita — disse com arrogância.
— Não tenho tanta certeza.
— Amanhã vai ver que estou certo.
— Amanhã vamos ver que você está errado — afirmou ela.
— Letícia?
— Hm?
— Não respondeu minha pergunta.
— Que pergunta?
— Esses bebês agora são meus também? Posso pensar neles como meus filhos? — questionou.

Letícia o encarou tentando fazer seu cérebro funcionar. Guilherme estava oferecendo para ser pai de seus bebês sem nem mesmo hesitar.

— Sei que estamos no início de um relacionamento, mas eu aceitei e desejei o pacote completo — disse calmamente.

— Só se continuar me prometendo que nunca vai me deixar, poderia lidar com meu coração quebrado, mas não com os dos meus filhos. — Ela disse firme.

— Não vou prometer mais. — Guilherme disse. — Vou cumprir — falou calmamente. — Não vai se livrar mais de mim, Letícia — jurou. — Vai ter que me aturar pelo resto de sua vida, *minha alma gêmea* — sorriu. — Eu, Luan e minha família barulhenta. — riu baixo. — Eu, você e os meninos.

— Não são meninos — afirmou.

— São sim, quer apostar? — questionou com petulância.

Esse foi o assunto de todo o caminho de volta, até chegarem a casa de Guilherme.

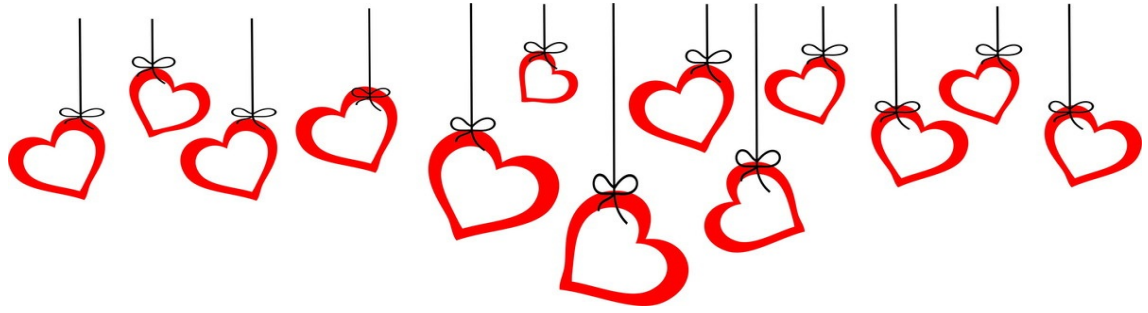
Assim que passaram pela porta de entrada, ele a ergueu em seus braços e

foram direto para o quarto. Depois de toda aquela conversa no carro sobre o passado dele com Bruna, Guilherme sentiu a necessidade de reafirmar o encontro de sua alma gêmea.

Ele não permitiria que nada atrapalhasse aquilo que buscou por tantos anos, nem mesmo inseguranças. Sabia que Letícia era uma pequena bomba de hormônios e precisava ser amada para ter certeza do que sentia. Guilherme não mediu esforços para demonstrar que ela era sua outra metade.

Por boa parte da noite ele a amou, tornando-os um só. Sussurrou juras de amor até que ficassem marcadas em sua pele. Teve a certeza de que ela percebesse o quão grande era o sentimento que crescia em seus corações, talvez nem houvesse espaço para tanto amor, mas era algo que nunca poderia ser esquecido, abandonado ou deixado para trás, já que nunca pararia de crescer.

Aquele, era *um amor para recomeçar*.



Capítulo Dezesseis

O dia amanheceu preguiçosamente, segunda-feira sempre seria aquele dia em que desejaria ficar mais tempo na cama. Aproveitar o calor das cobertas e aquele sono tão sedutor.

Guilherme decidiu que ficava ainda melhor quando estava na companhia de Letícia. Sentia o corpo nu e aquecido dela descansando contra o seu. Não pode deixar de sorrir quando leves movimentos tocaram seu abdômen. Automaticamente levou a mão na barriga dela e fez um carinho, os bebês já estavam acordados e muito provavelmente com fome. Achou toda aquela experiência incrível. Mas também chegou a cogitar que os garotos, como gostava de pensar, estavam brigando por espaço no ventre dela.

— Não mexa com os bebês. — Letícia murmurou sonolenta. — Estou tentando dormir.

— Eles mexeram comigo primeiro. — Se defendeu.

Um movimento mais forte em sua barriga a fez ofegar e abrir os olhos.

— Ei, tudo bem? — Guilherme perguntou levemente preocupado.

— Não consigo — ofegou um gemido. — Respirar.

Preocupação o encheu, a ajudou se sentar sem se dar conta de que seus olhos estavam arregalados.

— Tente puxar a respiração devagar — instruiu.

Letícia acenou e gemeu de dor quando recebeu outro chute, os bebês estavam agitados. Não sabia o que fazer, nunca tinham se movido tão forte antes. Tentava manter a calma, mas a falta de ar parecia piorar.

— Eles não param — ofegou.

— Quer um pouco de água?

Ela acenou que sim e ele correu para fora do quarto. Letícia massageou os pontos mais incômodos na barriga, mas não estava ajudando muito. O próximo chute parecia ter acertado sua costela, arfou totalmente aflita.

— Letícia.

A voz preocupada de Guilherme ao retornar não ajudou muito. Aceitou o copo com água com as mãos trêmulas, ele segurou sua mão ajudando-a a manter o copo firme e levar até os lábios.

Tomou todo o líquido devagar, intercalando os goles com os ofegos para respirar. Foi cuidadosa para não engasgar.

— Fique calma. — Ele pediu controlando o pânico que sentiu.

— Estou tentando — disse sem ar. — Nunca mexeram assim antes.

— Vai passar — prometeu se deitando ao lado dela.

Sua mão pousou na barriga de Letícia e acariciou onde ela tentava massagear.

— Ei, meninos — disse baixo. — Estão machucando a mamãe, acho que estão com fome — falou pensativo. — Ou estão brigando?

— Continue falando. — Letícia pediu puxando o ar com força.

— Não briguem — acenou. — Tem espaço aí para os dois — riu baixinho. — Acho que um de vocês deve ser tão folgado quanto Vinicius.

— Guilherme! — exclamou e riu.

— Se eu tivesse dividido um útero com ele, acredito que também teria tentado acertá-lo com um chute — jogou a cabeça para trás e riu alto. — Vão ver quando nascerem, ele é muito folgado. Vou comprar para vocês muitos quebra-cabeças — prometeu. — Mas só podem pedir para o tio Vini montar com vocês, isto vai me ajudar a vingar dele.

— Como assim? — Letícia riu sem entender.

— Tio Vini detesta montar coisas pequenas — explicou lhe dando um olhar malvado. — Quase o fizemos enfartar quando montamos os armários da cozinha de Vitor. Aquele monte de parafusos pequenos o fez querer cometer suicídio.

— Não acredito.

— É verdade — acenou. — Nunca perdemos a chance de pedi-lo para montar coisas e quebra-cabeças é uma ótima oportunidade de enlouquecê-lo.

— Vocês são terríveis.

— Isto é amor demais — brincou e beijou a barriga dela. — Não chute a mamãe — pediu. — Assim que nascerem, vamos descobrir uma forma de torturar seu irmão.

— Guilherme! — exclamou rindo.

— Eu entendo desta coisa de irmãos — afirmou. — Está respirando melhor — observou.

— Eles se acalmaram, obrigada.

— Não me agradeça por falar com os nossos bebês e fazer você se sentir

melhor.

— Você é incrível.

— Aceito beijos como pagamento — sorriu se inclinando sobre ela.

— Alguns serve?

— Não, sou um homem exigente.

Ele a beijou e segurou um suspiro. Beijá-la era como provar um pedacinho de uma nuvem, surreal e divino. Fazia-o sentir em paz, como se fosse a única pessoa que pudesse alcançá-lo em um dia de tempestade.

A deitou com extremo cuidado sobre a cama e a amou. Nunca se cansaria de venerá-la, de torná-la sua mais uma vez.



— Me ligue se precisar. — Guilherme disse assim que estacionou na frente da bonita loja de Letícia.

— Você já disse isto quinze vezes.

Ele a olhou com uma sobrancelha erguida.

— Eu estava contando. — Ela disse rindo. — Vou ficar bem.

— Tem certeza que quer trabalhar? — questionou se sentindo protetor.

— Sim, eu preciso trabalhar — afirmou.

— Adianta eu tentar persuadi-la? — perguntou segurando seu rosto.

— Não.

Ele bufou levemente irritado com a teimosia dela.

— Vou te buscar as 15h para o exame — beijou de leve os lábios dela.

— Vou estar te esperando — sorriu. — Para te provar que não são dois meninos.

— Tem certeza que não quer apostar? — disse presunçoso.

— Não vou apostar nada — protestou rindo e saiu do carro.

— Não fique sozinha — ordenou. — Aquela louca ainda está solta — disse a lembrando da mulher que tentou lhe fazer mal.

— Vou me cuidar — prometeu.

Ele acenou e esperou que ela entrasse na loja antes de sair com o carro. No meio do caminho decidiu ir visitar o avô de Letícia, senhor Berillo. Parou em uma banca de jornal e comprou dois.

Dirigiu para a casa dela sentindo os ombros tensos, percebeu que gostava de mantê-la no alcance de seus olhos. Sentia-se preocupado de que a mulher do Queiroz ainda queira fazer algum mal a Letícia. Fez uma nota mental para se lembrar de ligar para o investigador do caso mais tarde.

Queria ter certeza de que o homem não estava medindo esforços para prender a culpada pelo acidente de carro. Isto se ele não colocasse as mãos nela primeiro, pois queria estrangulá-la por machucar Letícia e colocar os bebês em risco.

Estacionou o carro na porta e desceu ignorando a leve dor no tornozelo. Gael iria matá-lo na próxima sessão, mas não se importava. Tocou a campainha e aguardou. Logo o senhor Berillo apareceu na porta e lhe ofereceu um sorriso sincero.

— Que surpresa vê-lo aqui.

— Pensei em dar uma passada para um café — apertou a mão do homem com firmeza.

— Isto é ótimo, acabei de passar o café.

— Cheguei em um bom momento, então. — Lhe ofereceu um jornal.

— Tenho certeza que sim, venha, entre.

Guilherme acenou e acompanhou o senhor para dentro da casa. Se sentou na cozinha com ele e juntos tomaram um bom café. Acompanhado de boas histórias e um jornal, o tempo passou rápido.



Como prometido, Guilherme buscou Letícia no horário e depois passou em sua casa para pegar seu avô. Nunca poderia deixar o gentil senhor fora de um momento tão importante como aquele. Principalmente, por Berillo ter acompanhado e apoiado Letícia em todos os momentos desde que decidiu que queria ser mãe.

No consultório da doutora Jussara, no mesmo hospital em que ela ficou internada depois do acidente de carro, Guilherme segurava sua mão com ansiedade e seu avô tinha um olhar atento na tela.

— Ouçam que corações fortes. — A médica disse.

Os olhos de Letícia se encheram de lágrimas e seus lábios se abriram em um grande sorriso.

— Estão crescendo com perfeição — comentou a médica. — Bebê um, tem todos os dedinhos dos pés e das mãos. Assim como seu irmão, que bebê inquieto

— riu.

— Esse é o que parece com Vinicius. — Guilherme brincou.

— Bobo. — Letícia gargalhou.

— Estão bem exibidos hoje, Leth. — Jussara disse sorrindo. — Já quer saber o sexo?

— Sim.

Letícia e Guilherme responderam juntos.

— Estou achando incrível esse relacionamento de vocês — disse a doutora. — Quem diria que tudo o que precisavam era um acidente de carro.

— A melhor batida de todas. — Guilherme garantiu sorrindo.

— Tenho certeza disto — garantiu rindo. — Temos aqui dois meninos ansiosos.

Guilherme gargalhou alto e Berillo bateu palmas animado.

— Deveríamos ter apostado — disse a ela.

— Dois garotinhos — murmurou cheia de amor e emoção.

— Sim, dois garotinhos, minha linda. — Guilherme beijou os lábios trêmulos dela com carinho.

— Parabéns, querida. — Berillo disse. — Dois meninos e um namorado para cuidar de você.

— E um avô — sorriu.

— Não vou durar tanto tempo — riu.

— Besteira. — Letícia disse ainda sorrindo.

A doutora limpou sua barriga e lhe ajudou a sentar.

— Vamos falar sobre os próximos passos a partir daqui — disse Jussara. — Você está indo muito bem, mas não podemos nos descuidar.

Letícia acenou concordando e depois de se trocar, todos se sentaram no consultório da doutora Jussara e ouviram atentamente cada instrução que ela passou.

Era de extrema importância que Letícia se cuidasse bem, precisava manter uma dieta controlada para se manter saudável e com um bom peso. Deveria estar sempre se alimentando com comidas ricas em ferro, para evitar anemia, assim também deveria manter as vitaminas que receitou.

Guilherme não esqueceu do episódio daquela manhã, contou com preocupação o que aconteceu e a médica lhe acalmou mostrando que era normal.

A partir daquele momento iria piorar, pois os bebês iriam se desenvolver mais rápido do que imaginavam. E isto causaria muitos desconfortos, um deles era a falta de ar. A pressão dos bebês sobre o diafragma de Letícia iria aumentar.

Instruiu que era importante que ela mantivesse a calma e tentasse encontrar o melhor jeito de controlar a respiração. A médica também indicou que era importante que Letícia aumentasse suas horas de descanso, manter seu bem-estar era muito importante para que conseguisse manter os gêmeos no ventre até a data prevista.

Muitos nascimentos prematuros aconteciam por descuido da mães que se negavam a repousar.

— Se precisar de qualquer coisa, deve me ligar, não importa a hora. — Jussara disse os acompanhando para fora do consultório.

— Vamos ligar. — Guilherme garantiu.

— Não sei se devo ficar feliz ou preocupada com esse cuidado todo. — Letícia murmurou fazendo a médica rir.

— Feliz, doçura. — Seu avô disse. — Hoje você tem o privilégio de ter um homem protetor cuidando de você.

— O senhor tem razão — beijou a bochecha dele com carinho. — Mas eu sempre tive o privilégio de ter o senhor.

Berillo riu e beijou a testa de Letícia com carinho, quando se afastou sorriu para ela por um momento e, então, ficou pálido. Levou a mão ao peito e arfou.

— Vô? — Letícia arregalou os olhos.

— Senhor Berillo? — Guilherme o segurou. — O que está sentindo?

— Vô! — Letícia exclamou preocupada.

— Sinto muito, doçura — sussurrou e fechou os olhos.

— O deite aqui! — A doutora Jussara ordenou apontando para a maca.

Dois enfermeiros chegaram juntos com o doutor Sales e ajudaram Guilherme. A médica, Jussara, gritou código azul e outras pessoas correram para ajudar.

Letícia segurou o grito que estava preso em sua garganta, enquanto observava o doutor Sales, aplicar choques no peito de seu avô. Seu mundo parou por alguns segundos que mais pareceram uma eternidade. Braços fortes rodearam seus ombros, mas ela não percebeu. Seus olhos estavam arregalados e seu coração tomado por medo.

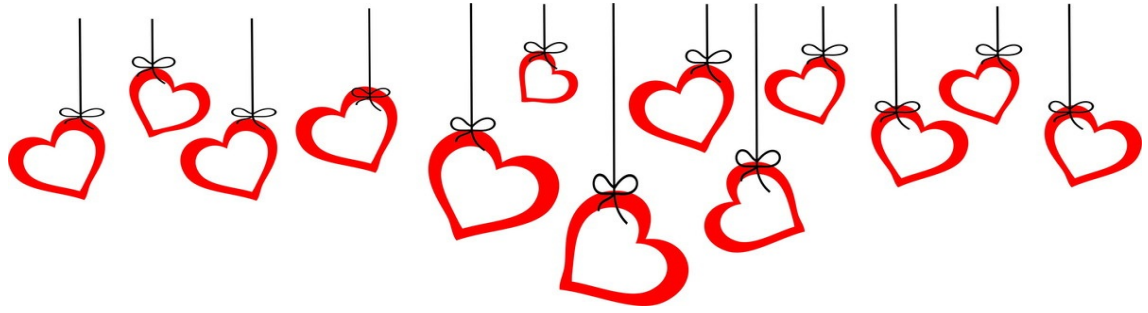
A dor esmagava seu peito. Sabia que ele estava indo embora e não podia

fazer nada para mudar aquela tão dura realidade. Queria gritar e implorar que ele ficasse um pouco mais. Talvez para um último abraço, bem forte que lhe esmagasse os ossos. Ou por mais um dia, para que tomassem um café juntos e conversassem sobre as últimas notícias de um jornal qualquer.

No entanto, ela estava ali, de pé naquele hospital vendo-o partir. Tudo pareceu ainda pior quando o doutor Sales a olhou com uma imensa tristeza estampada em seu rosto.

— Eu sinto muito — disse a ela e encarou o relógio em seu pulso. — Hora do óbito, 16:37h.

Aquele grito preso em sua garganta se liberou com força total, trazendo uma dor que nunca pensou possível sentir através de um grito. Todos sentiram sua dor, seu desespero, mas não tinham mais nada a fazer.



Capítulo Dezessete

Quando penso na morte, a única pergunta que tenho é, *quem está preparado para ela?*

Acredito que morrer é fácil, difícil é ver alguém que ama partir, pois saudade é para aqueles que ficam, não é mesmo?

O nosso coração sempre será egoísta em relação a perda, não adianta tentar negar. *Mas como lutar contra ela?* Impossível, já que a única certeza que temos na vida é que morreremos. Talvez seja por isto que nunca estamos preparados, basta um único suspiro de vida para que ela lhe seja tomada pela morte.

Então, vem aquele vazio, aquela dor forçada pela despedida, acompanhada de uma grande tristeza, revolta, desamparo e muitas outras sensações que nunca poderiam ser colocadas em palavras.

Afinal, como explicar sentimentos tão profundos?

Com Letícia não foi diferente, ela se debruçou sobre o corpo de seu avô com total desespero, tomada por uma cruel e inesperada dor. Guilherme teve que erguê-la em seus braços e se sentar no banco mais próximo. Ela agarrou sua camisa com tanta força que chegou a rasgar o tecido em alguns pontos e chorou tão alto e dolorosamente que partiu o coração dele. Não tinha palavras para consolá-la, somente a abraçou tentando confortá-la da melhor forma que podia. Mesmo que seu coração ainda estivesse tomado pela descrença do que presenciara e seus olhos cheios de lágrimas contidas, ele a segurou com tudo de si.

Um tempo depois, doutora Jussara achou melhor sedá-la e interná-la até que tivesse certeza de que Letícia ficaria bem. Guilherme concordou sem pensar duas vezes, estava preocupado com ela e com os bebês.

O doutor Sales insistiu em trazer uma maca, mas Guilherme negou. Ele a levaria em seus braços até o quarto. Tentou deitá-la sobre a cama hospitalar, mas Letícia não o largou. Ele teve que segurá-la, sentando na cama, enquanto a enfermeira tentava um acesso venoso para aplicar o sedativo acompanhado do soro. Seria melhor assim, pois se acalmaria aos poucos e logo dormiria.

Demorou um tempo para que ela se rendesse ao sono e Guilherme pôde colocá-la sobre a cama. Suspirou sem saber o que fazer primeiro, então, ligou para a mãe. Elis o ajudaria, tinha certeza disto.

Vinte minutos depois, ela bateu na porta.

— Oi, filho. — O abraçou. — Como ela está?

— Sedada — murmurou sem esconder a aflição de seus olhos. — Não sei o que fazer, mãe.

— Vamos por partes, tudo bem? — acenou concordando. — Ela não tinha nenhuma outra família que eu sei, mas tem aquela amiga.

— Estou tão preocupado e chocado, como isto pode ter acontecido em um momento tão especial? — Guilherme perguntou. — Tinha acabado de descobrir que ela espera dois meninos — sorriu tristemente. — Seu avô estava tão feliz.

— Não tem como entender, Guilherme, só aceitar — disse suavemente. — E parabéns pelos meninos.

Acenou um agradecimento e aceitou o beijo na testa que sua mãe lhe deu.

— Ela não tem mais ninguém — murmurou.

— Letícia nos tem — afirmou. — Ela tem a você — apontou.

Ele acenou concordando e olhou para Letícia cheio de preocupação. Sua mãe estava certa, ela o tinha e ele não pretendia ir a nenhum outro lugar sem ela e os garotos.



Horas depois Letícia acordou e teve que lidar com a realidade. Sua pressão tinha se elevado de forma perigosa, mas estava sob controle novamente. O que não significava que estava liberada. Passaria a noite em observação e pela manhã enterraria o avô.

Para o completo desespero de Guilherme, ela não falou muito. Ficou perdida em seus próprios pensamentos e algumas vezes lágrimas escorriam por seu rosto, deixando-o aflito. Sua amiga Isadora, esteve com ela, estava tão chocada como todos os outros.

A família e amigos de Guilherme foram lhe dar um apoio, ela estava agradecida pelo cuidado e atenção, mas não tinha muito o que dizer a eles. Somente aceitou suas condolências e no caso de Vinicius, aceitou seus chocolates, já que o homem era muito insistente. Ele foi teimoso até que ela tivesse comido metade dos bombons na caixa, claro que ele roubou alguns afirmando que ela precisava de ajuda. Isto a fez sorrir um pouco e conseguiu se livrar dele.

Passou o resto da noite deitada nos braços de Guilherme, mas a medicação a obrigou fechar os olhos e descansar. Tentou lutar contra os efeitos, porém, não

era tão forte assim.

O velório foi rápido e discreto, ela não tinha disposição para ficar sentada ao lado do caixão por longas horas. Então, insistiu para que o enterrassem logo, mesmo que seu coração estivesse carregado de dor, Letícia não suportaria aquela tortura por muito tempo.

Em vez de ir para sua casa, Guilherme a levou para a dele com a promessa de que cuidaria dela. Não reclamou, entrar em sua casa vazia só faria com que fosse mais real aquela dor e ela já não aguentava mais a que carregava. Deitou na cama dele e ficou lá por incontáveis horas.

Elis, Isadora e Guilherme, eram um trio forte, pois lutaram com ela até que aceitasse comer. Mas assim que terminou, tudo voltou por sua garganta fazendo com que chorasse debruçada sobre a privada.

Guilherme a ergueu e tirou suas roupas, colocou-a debaixo do chuveiro e a abraçou até que suas lágrimas acabassem. Ele não prometeu que iria ficar tudo bem e nem disse qualquer outra coisa que as pessoas geralmente falam em situações como aquela. Nem sequer disse que imaginava como ela se sentia, porque ele não imaginava e muito menos sabia o que se passava dentro dela.

Entretanto, a segurou com todo amor e força que tinha, até que se sentisse melhor. Era tudo o que podia fazer por ela. *Tinha que bastar*, pensou ele angustiado.



Os dias se passaram lentamente, mas a tristeza não foi embora. Por dentro de Letícia, existia uma dor que não sabia explicar. *Como poderia se aquele vazio em seu peito parecia ser tão grande quanto o deserto?* Quente, frio e totalmente solitário.

Ou talvez poderia ser comparada a estar naufragada no meio do oceano. Sem saber se sobreviveria, sem condições de nadar a procura de terra firme.

No entanto, o que não esperava era que Guilherme fosse aparecer no meio daquele imenso mar com um bote salva-vidas. Que lhe colocaria dentro e a abraçaria até que seu corpo se aquecesse. Nunca imaginou que ele fosse capaz de afastar o vazio, a solidão. Foi surpreendida pelo enorme cuidado que Guilherme demonstrava com tanto afincio. A abraçou até que todo frio e medo fosse embora, garantindo que percebesse que não estava sozinha. Ele estava ali com ela e nunca iria embora.

Aos poucos, aquela dor foi ficando menor, simplesmente domado por um sentimento chamado amor. A saudade de seu avô Berillo nunca passaria, a dor

estaria sempre em seu coração, mas agora ela tinha um amor para recomeçar. Ou melhor, três amores para recomeçar. Guilherme e os bebês eram tudo o que Letícia precisava para se manter de pé.

Se agarrou a aquele sentimento como seu porto seguro e pretendia não soltar nunca mais.

Cinco dias depois ela conseguiu sair da proteção da casa de Guilherme, de mãos dadas foram direto para a casa dela.

— Tem certeza? — Ele perguntou.

Estavam parados na frente do portão.

— Sim.

— Você está bem? — questionou sem esconder a preocupação.

— Estou bem — garantiu com um sorriso triste.

Guilherme tomou o rosto dela com suas grandes mãos e beijou seus lábios com delicadeza.

— Vou te carregar para o hospital se eu achar que não está bem — jurou. — Amo vocês três, sabia? — suavizou o tom fazendo-a sorrir.

— Acredito que sim — respondeu e o beijou de leve. — Nós também te amamos, Gui.

— Bom.

Seus lábios tocaram a testa dela demonstrando grande cuidado e respeito.

— Letícia?

Ambos se viraram para ver quem a chamou. Álvaro Queiroz estava parado a três metros deles, sua expressão estava visivelmente cansada e ele usava oxigênio. Um pequeno tanque estava parado aos seus pés levando o oxigênio que precisava pela delicada mangueira transparente até seu nariz.

— Senhor Queiroz. — Letícia disse baixo.

Seu coração tinha dado um salto ao vê-lo.

— Soube do seu avô, sinto muito — disse dando alguns passos a sua frente puxando o tanque de oxigênio.

— Eu também sinto muito — respondeu pesarosa.

— Como vai, tenente? — perguntou a Guilherme e lhe ofereceu uma mão.

— Bem — respondeu tenso e apertou a mão do cansado senhor.

— Será que podemos conversar um pouco? — Álvaro perguntou a Letícia.

Ela o encarou tentando decidir se deveria.

— Acredito que não seja um bom momento. — Guilherme respondeu por ela. — Não quero que Letícia se altere.

— Não pretendo estressá-la — garantiu.

— Tudo bem, vamos entrar — disse Letícia decidida.

Percebeu a tensão de Guilherme e ignorou, colocou a chave no portão e abriu. Entrou sabendo que eles a seguiriam, um misto de sentimentos fez seu peito doer quando abriu a porta da sala. Tudo estava do jeitinho que seu avô tinha deixado naquela tarde em que saíram para descobrir o sexo dos bebês.

Seus ombros se encolheram de tristeza, lágrimas inundaram seus olhos, mas não permitiu que se derramassem. Confortou-se dizendo a si mesma que Berillo estava em um lugar melhor, tinha que estar, insistiu em pensamentos.

Logo uma mão pousou delicadamente em seu ombro e apertou de leve como se perguntasse se estava bem. Acenou devagar e apontou para que o Álvaro se sentasse, afinal, o homem parecia mil vezes pior do que ela.

Guilherme beijou seus cabelos e a puxou para o sofá também, queria ter a certeza de que ela estava realmente bem.

— Sei que não tenho o direito de te procurar depois de tantos anos. — Álvaro começou. — Mas eu não fazia ideia de que sua mãe a teve — suspirou. — Ver sua foto, aquela que o detetive me mostrou para perguntar se a conhecia, fez meu coração parar. Você se parece tanto com Célia que pensei estar vendo coisas, ficando louco.

Parou de falar mostrando-se cansado demais para continuar.

— Precisa de alguma coisa? — Guilherme perguntou a ele.

— Estou bem — afirmou aparentemente exausto.

— Tem certeza? — Letícia questionou agora preocupada.

— Sim — garantiu mesmo sabendo que não acreditavam nele. — Com o falecimento do seu avô, sei que esqueceu do exame que fizemos — continuou. — Eu não queria desrespeitar seu luto — explicou. — Mas eu não vou viver por muito tempo. Se não se importa, eu gostaria que nossos advogados viessem até aqui para abrirmos o resultado juntos — pediu. — Eu não quero morrer sem saber a verdade.

— Não vai morrer. — Ela disse aparentemente nervosa.

— Não se iluda, querida — disse carinhosamente. — Meus pulmões não funcionam mais como deveriam e se eu não conseguir um doador — suspirou. — Um mês é o máximo de tempo que tenho — contou. — Não tenho desejado

um doador também, como poderia? Esperar que alguém tenha morte encefálica para me doar seus órgãos — acenou com a cabeça. — Já vivi muitos anos, agora eu só preciso aceitar meu destino.

— Chame os advogados. — Letícia disse com a voz embargada.

— Farei isto — afirmou. — Também gostaria de informá-los que Eunice foi presa essa manhã, pedi ao detetive que me desse a honra de contar pessoalmente — encostou no sofá mostrando exaustão. — Nunca imaginei que passaria por algo assim, precisar ajudar a polícia a prender minha própria esposa, mas não havia nada que pudesse fazer para consertar o que ela tentou fazer a você, Letícia — suspirou e passou as mãos pelo cabelo grisalho. — Ela quase os matou por ambição — disse olhando para Guilherme.

— Por que ela faria algo assim? — Letícia perguntou.

— Sinceramente eu não sabia, mas o detetive Bastos conseguiu uma confissão dela essa manhã. Sinto muito, Letícia, mas sua mãe me enviou uma carta anos atrás e eu nunca tive coragem de abrir — suspirou. — Tínhamos terminado nosso relacionamento naquela época de uma forma muito dolorosa. Brigamos feio por causa da minha falta de tempo, ela não queria ceder e tão pouco eu poderia. Tinha muitas responsabilidades e Célia queria mais atenção.

Letícia ouvia com atenção cada palavra cansada que saía dos lábios do homem a sua frente. Via a sinceridade em sua voz e o pesar em seus olhos, acreditava no que ouvia, era impossível duvidar.

— Então eu não li sua carta, eu a amava muito e partiria o que restou do meu coração se lesse suas palavras de despedida. Foi o que eu pensei. Tive medo de abrir aquele envelope — confessou.

— Nele, ela falava sobre mim. — Letícia afirmou.

— Eu acredito que sim — acenou. — Eunice encontrou a carta e leu, foi assim que tudo começou. Ela não pode ter filhos e se aparecesse outro herdeiro, teria que dividir tudo o que eu vou deixar.

— Não o conheço. — Letícia disse firme. — Nunca pediria ou aceitaria sua herança.

— Espero que aceite, pois não deixarei para Eunice todo o meu trabalho. Não depois dela ter tentado te matar, pelo amor de Deus! — exclamou exaltado e ofegou sem ar.

— Se acalme, Álvaro. — Guilherme pediu.

— Um pouco de água será que o ajuda? — Letícia perguntou preocupada.

— Sim, por favor — disse extremamente cansado.

Letícia correu para a cozinha e serviu um copo de água bem fresca. Não reconhecia aquele homem como seu pai, mas não significava que não se preocuparia com uma pessoa doente.

Entregou o copo a Álvaro e esperou que se acalmasse, tomou pequenos goles e devolveu o copo a ela.

— Não me olhe assim, não mereço sua preocupação — pediu constrangido. — Sinto muito, Letícia, por todos esses anos que pensei não ter um pai. — Lágrimas brilharam nos olhos do senhor. — Eu teria ficado extremamente honrado e feliz em ser seu pai. Teria procurado sua mãe e tentado com mais força resolver nossas diferenças, nunca abandonaria um filho meu — calou-se para respirar devagar. — Perdoe-me, por favor.

Letícia tinha um coração mole, acenou e se aproximou de Álvaro.

— Não posso lhe chamar de pai, Álvaro — afirmou com gentileza. — Mas eu não o odeio, apesar de não tê-lo conhecido antes e ter tido seu amor de pai, cresci cercada de amor — contou. — Tive uma mãe maravilhosa e avós incríveis.

— Fico feliz por você — murmurou.

— Não se torture tanto pelo passado — pediu. — Eu o perdoo por não ter lido aquela carta, mas a sua esposa não me prejudicou tanto assim — sorriu e olhou para Guilherme. — Apesar de todo perigo que passei e coloquei Guilherme, conhecê-lo foi a melhor coisa que me aconteceu nos últimos tempos — voltou a olhar para Álvaro. — O destino nos uniu e acredito que não aconteceria se fosse de outra forma.

— Tendo a acreditar que nada acontece por acaso. — Álvaro disse emocionado.

— Hoje eu tenho certeza disto.

Letícia o abraçou com carinho e deixou que aquele senhor, que no caso acreditava ser seu pai, tivesse o conforto que precisava em um abraço. Ela não diria que nunca precisou de um pai, mas poderia afirmar com todas as letras que se virou bem sem ele. Seu avô, Berillo, foi um excelente pai.

Afastou devagar e notou as bochechas molhadas de Álvaro. Ele correu para limpar e sorriu emocionado.

— Aceita um café? — Letícia perguntou com carinho.

— Claro, obrigado.

Ela sorriu para ele, deu alguns passos e Guilherme a segurou. O encarou confusa. Seus olhos demonstravam um grande amor. Aquela rápida troca de

olhar foi como se ele a beijasse intensamente. Podia sentir seus lábios sobre os dela e até seu sabor, mesmo sem se tocarem.

Um segundo depois, ele se inclinou e beijou sua testa cheio de ternura. Aquele pequeno e rápido contato demonstrava que ele a amava. Letícia sentiu o seu amor e sorriu para ele quando afastou, mostrando que também o amava. Não precisavam de palavras, estavam tão conectados que um simples olhar dizia mais do que poderia ser dito.

Guilherme a observou se afastar para a cozinha e se sentiu melhor, sabia que agora ela estava bem. Que seu coração, mesmo com a dor do luto, estava bem. O amor entre eles reconstruiria cada pedacinho quebrado dentro dela, ele se certificaria disto.

Se sentou na frente de Álvaro e acenou para o homem.

— Conte-me sobre o seu trabalho, tenente. — Álvaro pediu a ele.

— Me chame de Guilherme.

Foi ali que Guilherme soube que tudo ficaria bem, aquele homem sentado na sua frente foi o que salvou Letícia do sofrimento de entrar em sua casa novamente. Álvaro deu a ela um novo propósito e muito provavelmente ensinou a ela alguns valores. Como por exemplo, a honestidade. Em nenhum momento mentiu ou omitiu fatos enquanto conversava com Letícia. Isto a fez se sentir melhor, a perdoá-lo mesmo sem o conhecê-lo, e a valorizar todo o amor que recebeu de sua mãe e seus avós.

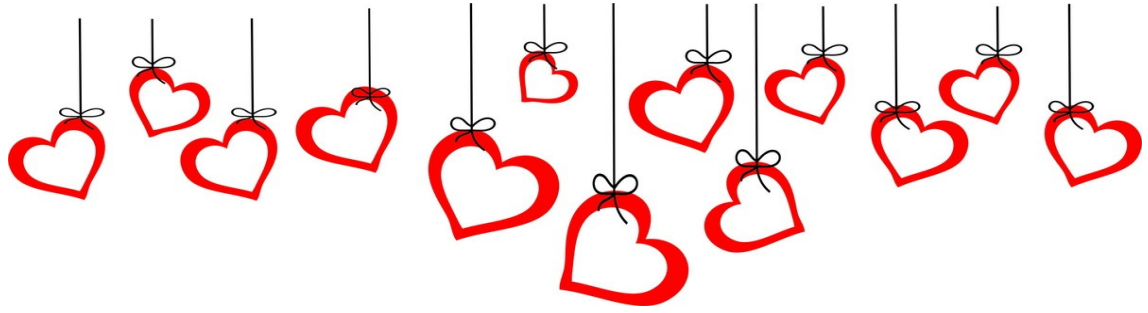
Apesar de nenhum deles estarem vivos hoje, Guilherme tinha certeza, que Álvaro a lembrou o quanto foi amada.

E mesmo depois de todas aquelas perdas, ela continuava a ser uma mulher forte, constatou Guilherme totalmente orgulhoso.

A vida era como uma montanha-russa, cheia de emoções inesperadas. Alguns eram abençoados com uma vida regada a humor, sucessos, superação e amor. Já outros, não tinham tanta sorte, com dramas, dor e tragédia.

Mas não pode se deixar abater, não deve aceitar morrer na praia.

E Letícia não estava pronta para desistir, ela continuaria lutando, nadando contra a maré para se manter firme. Então, quando chegasse a praia, Guilherme estaria lá a aguardando. Pronto para lhe estender a mão, ajudá-la a se levantar e se manter de pé sobre a terra firme.



Capítulo Dezoito

Os advogados não demoraram muito a chegar, enquanto esperavam Álvaro contou a Letícia como conheceu sua mãe. Quando saíram para o primeiro encontro e como foi se apaixonar por aquela mulher tão teimosa.

Apesar dos enormes desencontros da vida, ambos sentiam-se tranquilos como se tivessem sido amigos por longos anos.

Não havia mágoas, como poderia?

Letícia perdeu todos seus familiares e Álvaro passou uma vida sozinho, não pôde ter filhos com a esposa e agora aguardava a morte.

Qualquer coisa do passado, ficou lá, no passado.

Ela poderia acusá-lo de inúmeras coisas, já que cresceu sem a presença de um pai. Mas a maturidade dentro dela não permitia agir como uma jovem inconsequente.

Afinal, tudo acontecia por um motivo, não?

Abriram o resultado dos exames juntos e como esperado, Álvaro realmente era seu pai. Os advogados saíram no minuto depois, deixando que eles tivessem privacidade. Letícia não se abalou, não o conhecia, mas ficou levemente feliz por ter o encontrado mesmo sobre circunstâncias tão ruins.

O abraçou com o mesmo carinho de antes, deixou que Álvaro tivesse a lembrança do seu abraço. Que ele se sentisse confortado naquele contato, que se esquecesse da culpa. Ali e agora, ela era somente um filha, mesmo que não se visse assim, abraçando seu pai.

— Obrigado — sussurrou rouco. — Por não me odiar.

— Não me agradeça, por favor. — Letícia disse sentada ao lado dele.

— Acredite, sempre ficarei grato por esse momento. — Álvaro disse cansado.

— Acho que precisa ir, precisa descansar. — Letícia afirmou.

— Sim, eu preciso ir.

— Volte sempre que quiser, tenho ficado mais na casa de Guilherme, mas tenho certeza que ele não se importa em recebê-lo lá — ofereceu com gentileza.

— Será muito bem recebido. — Guilherme garantiu.

— Obrigado. — Álvaro sorriu tristemente. — Mas acredito que não vou poder — olhou para Letícia. — Perdoe-me por isto também, mas assim que sair daqui estou indo para o hospital.

— O senhor está bem? — Ela perguntou com os olhos arregalados. — Por que não disse que precisava de um médico? — O repreendeu.

Um sorriso cansado moldou seus lábios e ele segurou a mão de Letícia.

— Estou bem, na medida do possível, mas meu médico exigiu que eu passasse o meu último mês no hospital — explicou. — Não quer correr o risco de que eu pegue uma infecção e morra mais rápido.

— Por Deus. — Letícia murmurou.

— Caso apareça um doador, eu não poderia receber se estiver com alguma infecção — explicou pacientemente.

— Vai aparecer um doador. — Ela garantiu.

— Não se torture com isto, Letícia — disse calmo. — Nem mesmo se iluda.

— Você tem que ter esperanças — insistiu.

— Espero por pulmões novos há muito tempo e não acho que na reta final um milagre vai acontecer.

— Não diga isto, por favor.

— Não se preocupe, vou ficar bem — garantiu. — E eu espero que aceite minha herança.

Letícia abriu a boca para protestar, mas ele foi mais rápido.

— É seu e do meu neto — afirmou.

— Netos. — Guilherme corrigiu.

Álvaro arregalou os olhos surpreso.

— Que incrível! — sorriu. — Isto tudo é de vocês, não desmereça meu trabalho, por favor.

Letícia acenou levemente emocionada, o abraçou novamente com a certeza de que aquela não era uma despedida. Não poderia ser, a vida não seria tão dura com ela daquela forma. Apesar de não conseguir aceitar que ele seja seu pai, em seu coração gostava dele. Sabia que teriam um bom relacionamento, então desejou que o destino desse uma pequena folga a ela e abençoasse Álvaro com pulmões novos. Ele foi embora poucos minutos depois com a ajuda de seu motorista.

Guilherme se sentou ao seu lado e a puxou para seu colo, não falaram nada.

Somente se perderam em seus próprios pensamentos no conforto de estar um nos braços do outro.



— O que acha desse? — Guilherme perguntou levantando um par de sapatos.

— Lindos — suspirou. — Não posso comprar a loja inteira, Gui.

Três semanas depois do encontro com Álvaro, Guilherme a arrastou para comprar roupas para ela e fazer o enxoval dos meninos. Letícia tinha ido visitar Álvaro algumas vezes e ainda não tinha nenhuma mudança em seu quadro de saúde.

— Por que não? — sorriu. — São coisas para os nossos bebês — justificou.

— Não tenho como pagar por tudo o que colocou nesse carrinho — apontou.

— Álvaro me mandou comprar o que quisesse — riu. — Ser rico é outro nível, amor.

— É o dinheiro dele — resmungou.

— Eu sei — deu de ombros. — Mas sou eu quem vou pagar por tudo isto.

— Já conversamos sobre isto — acusou.

— E não chegamos a nenhuma conclusão — disse colocando alguns mordedores em formato de caminhão dentro do carrinho.

— Você não pode fazer isto — apontou.

— Posso sim, são meus filhos e eu vou comprar o que quiser — ergueu uma sobancelha arrogante.

— Desisto — exasperou.

— Que bom, assim podemos curtir o momento e não ficar discutindo — sorriu e a beijou provando seu ponto.

— Você é impossível — acusou.

— E você me ama — retrucou rindo. — Vai se mudar para minha casa quando?

— Então, vamos entrar em outro tema de discussão — afirmou Letícia.

— Claro, tenho que aproveitar o momento.

Eles estavam se dividindo entre ficar na casa de Letícia algumas noite e outras na casa de Guilherme. Mas ele sempre afirmava que não havia

necessidade de continuar a fazer aquilo, Letícia deveria se mudar logo para sua casa.

— Meu quarto de hóspedes vai ser um ótimo lugar para montar os berços — explicou Guilherme. — Tem bastante espaço para os garotos fazerem quanta bagunça quiser.

— Guilherme — suspirou.

Ele jogou mamadeiras dentro do carrinho e se virou para ela. Viu a frustração em seus olhos e se aproximou. Segurou o rosto dela com carinho.

— Eu amo você — disse sabendo que era um golpe baixo. — Eu amo os garotos — disse de todo o coração. — E os quero comigo sempre.

— Estamos com você.

— Não justifica ficar em duas casas — retrucou. — Eu respeito sua decisão de não querer casar comigo, mas eu não vou desistir de tê-la morando na minha casa. Isto é algo que eu não vou aceitar.

— Eu não disse que não quero casar com você.

— Não aceitar o meu pedido é a mesma coisa.

— Só quero que os meninos estejam um pouco grandinhos — explicou. — Quero me casar com você, mas no momento certo.

— Até chegar o momento certo eu os quero comigo, por favor, Letícia.

— Vai ser sempre assim? — questionou tentando não sorrir. — Sempre vai conseguir me convencer com esse seu jeitinho.

— Se isto a fizer se mudar para minha casa, posso afirmar que será sempre assim — deu um sorriso cafajeste.

— Tudo bem, vamos morar juntos.

Guilherme levou sua boca até a dela e a beijou com carinho. Se fosse para recomeçar que fosse juntos, tinha certeza disto.

Como explicar todo aquele sentimento?

Só sabia dizer que a amava muito.

Tudo o que precisou era uma batida de carro para ganhar a melhor coisa dos últimos tempos.

Uma nova chance de viver.

Uma mulher, dois filhos, uma família.

Um amor para recomeçar.



Alguns quilômetros dali, no melhor hospital particular da cidade, Álvaro estava sendo preparado para receber uma nova chance. Antes do amanhecer seu médico, doutor Warlen Andrada, o informou, com um enorme sorriso, que tinha um doador.

Quase precisou de um coração novo também, já que o seu ameaçou parar com aquela informação. Não saberia dizer ao certo o que sentiu, nomear suas emoções, mas a descrença foi a maior delas.

Teria uma nova chance.

Então chorou, havia quase dezoito meses que aguardava aquele momento. Tinha aceitado o fato de que iria morrer, mas depois de conhecer Letícia e saber que seria avô de gêmeos se questionou sobre sua aceitação. Antes era fácil morrer, mas agora não, agora não era tão fácil.

Sentia muito pelo doador, mas gratidão encheu seu peito pela oportunidade de viver aquela nova fase. Ser pai, ser avô. Era tão nova a sensação de família que pensou não ser real.

— Quer que eu ligue para sua família? — A jovem residente perguntou.

Família, saboreou a palavra.

Pensou em Letícia tentando decidir se deveria informá-la. Foi fácil chegar a uma conclusão, não, não deveria ligar para ela. Sua gravidez gemelar carecia de muitos cuidados, cinco meses de vida crescia em seu ventre e ele não desejava preocupá-la.

— Não.

— Tem certeza? Ter a família por perto é muito importante, para uma boa recuperação — insistiu.

— Se eu não sobreviver, diga a minha filha que eu a amei desde o primeiro momento que suspeitei de sua existência — pediu.

— E se sobreviver? Pois tenho certeza que amanhã nesse mesmo horário estará respirando sozinho — sorriu gentilmente.

— Então, ligue para ela e peça para vim me visitar.

A médica sorriu acenando e Álvaro pediu a Deus para que ela tivesse certa, pois desejava muito ver seus netos crescerem. E principalmente, tentar recuperar o tempo perdido com Letícia.



— Odeio você.

Guilherme ouviu seu irmão Vinicius declarar pela décima vez que o odiava.

— Você me ama — afirmou.

— Não poderia ter chamado Vitor? Ele tem uma paciência incrível — disse irritado. — Pedro é um construtor e poderia te ajudar.

— Eles estavam ocupados — resmungou sem lhe dar muita atenção.

— Eu também estava — acusou.

— Sei — riu.

— Pare de reclamar, Vinicius. — Letícia disse tentando não sorrir. — Monte logo esses berços.

— Que mulher madona! — exclamou ele.

Ela riu e alisou a barriga, estava sentada no canto do quarto, na nova poltrona de amamentação, esperando que Guilherme e Vinicius montassem os berços que compraram ontem. Por sorte o quarto tinha um closet grande e não precisaria de guarda-roupas.

— Pelo andar da carruagem, só vai ficar pronto quando os bebês estiverem nascendo. — Ela reclamou rindo.

— Ou andando. — Guilherme completou.

— Não poderia ter pago alguém para montar? Existem pessoas que fazem isto. — Vinicius reclamou.

— E qual seria a graça? — Guilherme questionou.

— Não precisa ser engraçado, só precisa estar montado e seguro para os dois pestinhas — resmungou enquanto apertava um parafuso.

— Não chame meus filhos de pestinhas. — Letícia protestou.

— Vai ver quando eu estiver correndo com eles pela casa, derrubando tudo pelo caminho só para te irritar. — Vinicius prometeu.

— Você não faria isto? — estreitou os olhos para ele.

— Tenha certeza disto, linda, eu vou fazer — afirmou.

— Ele vai fazer. — Guilherme disse tranquilo.

— Vou ser para eles igual o *Senhor Miyagi* foi para o *Daniel San* — disse para provocá-la. — O mestre dos garotos.

— Você é um idiota. — Letícia o acusou rindo.

Guilherme riu alto concordando com a namorada.

— Ele é um idiota — afirmou.

— *Meninos San*, correr pela casa. — Vinicius imitou o personagem do filme. — *Meninos San*, peguem suas pistolas de água.

— Não se atreva. — Letícia disse em um tom ameaçador.

Vinicius a olhou e riu de um jeito malvado.

— *Meninos San*, vamos apostar quem tem coragem de pegar a farinha de trigo na cozinha e jogar na cara do irmão — riu alto. — *Meninos San*, guerra com almofadas da mamãe.

— Vou matar o Vinicius. — Letícia disse para Guilherme.

— Fará um favor a humanidade, já que eu nunca pude cometer fratricídio. — Ele respondeu dando de ombros.

— Já escolheram nomes para os meus aprendizes, *Pestinhas San*? — Vinicius perguntou rindo.

— Ainda não. — Letícia respondeu. — Pare de chamar meus filhos de pestinhas, *senhor Miyagi*.

— Gosto de Igor. — Vinicius disse concentrado em apertar os parafusos, enquanto Guilherme segurava as peças. — Mas acho que deveria chamar, pelo menos um deles, de Vinicius.

— Não nesta vida. — Guilherme retrucou. — E eu gosto de Mateus ou Alec.

— Igor e Alec, *hm*, Mateus e Alec. — Letícia disse pensativa. — Gosto dos nomes.

— Deveria nomeá-los assim, principalmente depois de me torturar com esses parafusos. — Vinicius resmungou.

— Você é tão resmungão. — Letícia o provocou.

— Lembre-se que sou a versão jovem do *senhor Miyagi* — ameaçou. — Não deveria ficar provocando meu lado mal.

— Você só tem o lado mal. — Guilherme brincou. — Ainda me lembro de todas as coisas que aprontava com Luan.

— Tenho que me esforçar para ser o tio preferido — deu de ombros. — Vitor e Pedro são bonzinhos demais.

Meia hora depois de muita conversa fiada e gargalhadas, os berços estavam perfeitamente montados. Vinicius reclamou o tempo todo, mas ajudou com muita dedicação. Ele poderia não ter paciência para montar coisas, porém, tinha um coração enorme.

Letícia teve que preparar um bom almoço para o cunhado como pagamento, ou ele não iria embora. Palavras dele. Foi um momento divertido que todos curtiram e relaxaram.

— Deveria deitar um pouco. — Guilherme disse passeando os lábios pelo pescoço dela.

— Vou fazer isto assim que acabar de lavar essa louça — estremeceu quando ele beijou seu pescoço.

— Mais tarde eu termino isto — prometeu segurando sua cintura com firmeza.

— Guilherme. — Letícia se calou quando ouviu o celular tocar.

Riu quando ele gemeu frustrado.

Lavou as mãos e depois secou em um pano de prato. Franziu a testa por não reconhecer o número da chamada, mas atendeu assim mesmo.

— Alô?

— Letícia?

— Sim.

— Sou o doutor Warlen Andrada, fiz o transplante de pulmões do senhor Álvaro Queiroz — informou.

Arregalou os olhos.

— Fez? — perguntou o interrompendo.

— Sim, poderia por gentileza vim até o hospital? — questionou.

— Não, quero dizer, sim. — Se embolou. — Conseguiram um doador?

— Sim.

— Estou indo — afirmou e desligou.

Encarou Guilherme com os olhos arregalados, sua respiração falhou levemente e um medo atravessou por sua espinha.

— Doador? — Guilherme perguntou tentando entender.

Letícia acenou com a cabeça.

— Álvaro vai fazer a cirurgia quando? — perguntou.

— Já fez — sussurrou assustada.

— Fez? — ergueu as sobrancelhas.

— Sim.

— Ele está bem?

— Não sei, o médico não me disse nada — respondeu sem querer admitir que ela não deixou o médico falar por medo de uma má notícia.

Guilherme coçou a nuca preocupado com Letícia, sabia que ela não considerava Álvaro como seu pai, mas gostava dele. Ter outra perda, em tão pouco tempo, seria muito difícil.

— Vou me trocar — disse nervosa.

— Fique calma, por favor — pediu a abraçando.

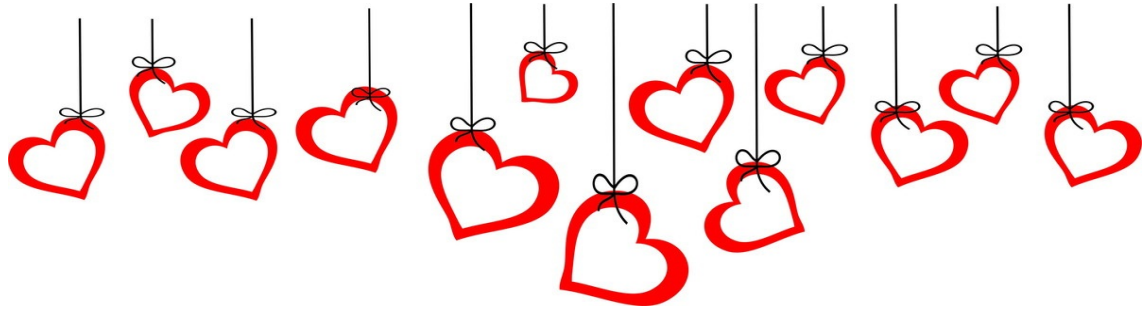
— Não sei se consigo — confessou. — Porque ele não me disse que faria a cirurgia quando fomos visitá-lo ontem de manhã? — franziu a testa.

— Tenho certeza que era para não preocupá-la.

Letícia o encarou em silêncio e um minuto depois acenou concordando. Implorou aos céus para que encontrasse Álvaro ainda vivo. Abraçou Guilherme mais uma vez tentando acalmar seu coração.

Daria tudo certo, pensou.

Tinha que dar tudo certo, insistiu fechando os olhos.



Capítulo Dezenove

Letícia tentou manter um ritmo calmo enquanto ia na direção do quarto de Álvaro, mas suas pernas pareciam mais ansiosas do que seu coração. Se não se controlasse iria correr, porém, Guilherme segurava sua mão com firmeza, impedindo que seus planos se concretizassem.

— Devagar, Letícia, não quero que caia e se machuque. — A repreendeu.

— Estou indo devagar — protestou.

— É mesmo?

— Só quero chegar até o quarto dele.

— Correndo. — Ele completou.

— Estou preocupada.

— Tenho certeza que Álvaro está bem. — Guilherme afirmou ao virar no corredor.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou levando a mão na boca para roer os cantinhos das unhas.

Ele parou de caminhar e puxou a mão dela para longe de seus dentes ansiosos.

— Porque se não estivesse, a recepcionista não teria nos permitido vim direto para o quarto dele — explicou calmamente. — Agora acalma seu coração ou daqui a pouco vou ter que mandar aferirem sua pressão e terá que lidar com o tirano Sales.

— Não faça isto — gemeu sabendo que a pressão estaria elevada por causa do seu nervosismo.

— Se acalme, minha linda alma gêmea — pediu em um sussurro.

Levou uma mecha de cabelo dela para atrás da delicada orelha.

Letícia acenou concordando, ele sempre a acalmava quando a chamava daquele jeito.

Sua alma gêmea, pensou apaixonada.

Deixou sua respiração normalizar e o corpo relaxar, se continuasse agitada, os meninos iriam se agitar também. O que lhe traria desconforto e falta de ar.

Os lábios de Guilherme tocaram sua testa cheio de ternura fazendo um

suspiro escapar. Abraçou sua cintura e sentiu o coração desacelerar. A conexão que existia entre eles era algo surreal e simplesmente incrível.

— Amo você, Gui — disse e se afastou sorrindo.

— Eu também a amo — garantiu. — Melhor?

— Sim, obrigada.

— Não por isto — beijou seus lábios rapidamente.

Entrelaçaram seus dedos e continuaram a caminhada até o quarto de Álvaro. Uma enfermeira os pararam informando que precisavam vestir roupas esterilizadas para continuar, se trocaram sem reclamar.

O quarto era protegido por uma imensa parede de vidro deixando-os visualizar Álvaro deitado sobre a cama. Letícia não conseguiu evitar o sorriso quando ele ergueu o olhar.

— Ele está bem — afirmou rindo.

— Eu te disse. — Guilherme a provocou.

— Podem entrar, o doutor Andrada já está vindo encontrá-los. — A enfermeira informou.

— Obrigada.

A mulher acenou e deslizou a porta de vidro.

Letícia se aproximou ainda sorrindo, sabia que estava escondido sobre sua máscara, mas seus olhos brilhavam de felicidade.

— Você está vivo — afirmou rindo. — Estou tão aliviada.

— Vivo — afirmou Álvaro em um tom baixo.

— E respirando sozinho — observou Guilherme.

— Mal posso acreditar — confessou cansado ainda se acostumando.

— Deveria ter me dito que conseguiram um doador. — Letícia o repreendeu.

— Não queria preocupá-la — murmurou.

— Ainda assim deveria ter mandado me ligarem, passou por tudo isto sozinho — insistiu.

— Só estava zelando por vocês — disse baixo. — Tenho certeza que o seu dia foi incrível.

— Apesar da teimosia dela, foi muito bom. — Guilherme garantiu.

— Ele não me deixou pagar nada — resmungou.

— Estou do lado dele, apesar de que fiquei sabendo que ele também não me deixou pagar por nada. — Álvaro disse sorrindo.

— Sou o pai desses bebês, tenho que garantir que eles tenham tudo o que precisam — afirmou Guilherme orgulhoso. — Quando estiver melhor e sair daqui, poderá comprar o que quiser para os meninos.

— Combinado.

— Fiquei preocupada. — Letícia brincou.

— Esses meninos vão ser muito mimados. — Álvaro disse.

— Agora eu fiquei preocupado. — Guilherme gracejou fazendo-os rirem.

Letícia segurou a mão de Álvaro com carinho, seus olhos transmitiam o tamanho da alegria que sentia.

— Que bom que deu tudo certo — disse baixo. — Apesar de estar um pouquinho brava de não ter me contado, estou muito feliz em vê-lo novamente — apertou de leve sua mão. — É bom saber que ainda tenho um familiar.

— Obrigado por vim.

— Espero que não tenha duvidado que eu correria para cá assim que me ligassem.

— Literalmente correr. — Guilherme disse em tom de repreensão.

— Você não fez isto. — Álvaro disse arregalando os olhos.

— Não fiz — afirmou.

— Só porque eu segurei ela. — Guilherme completou.

Letícia o olhou com impaciência.

— Está terrível hoje. — O acusou.

— E você teimosa — retrucou.

Álvaro riu.

— É revigorante ver os dois discutindo — disse rindo. — Mas que bom que ele a segurou, não pode correr carregando dois meninos no ventre.

— Só queria chegar aqui rápido. — Se defendeu.

— Tão rápido que nem me deixou falar.

Todos olharam para a porta ao ouvir a voz do médico. Tinham o conhecido antes quando vieram visitar Álvaro.

— Como vai doutor? — Letícia perguntou gentilmente.

— Estou bem — riu e apertou a mão de Guilherme. — Pelo menos você

conseguiu segurá-la.

— Não foi fácil — respondeu rindo.

— Ei! — protestou ela. — Parem de falar de mim.

O médico riu e se aproximou de Álvaro.

— Eu nem consegui dizer se estava vivo — explicou. — E ela já tinha desligado na minha cara.

— Isto explica muita coisa. — Guilherme resmungou lembrando que Letícia havia afirmado que o médico não tinha dito muito.

— Só fiquei ansiosa, não podem me julgar por isto — estreitou os olhos. — Sou a única grávida de dois meninos bagunceiros que mexem com meus hormônios.

— Justo. — Andrada disse sorrindo.

— É assim que ela te enrola? — Álvaro perguntou a Guilherme.

— Sim, não consigo negar nada a ela — deu de ombros.

— É muito eficaz. — Letícia brincou.

Guilherme abraçou a cintura dela e beijou seus cabelos.

— Como se sente, Álvaro? — Andrada perguntou.

— Um pouco cansado, mas estou bem.

— Vejo que está respirando normalmente — colocou o estetoscópio no ouvido e o auscultador no peito de Álvaro.

Todos ficaram quietos esperando que o médico o examinasse. Letícia levou os dedos a boca e tentou comer os cantinhos. Guilherme logo puxou sua mão e levou aos lábios, depositando leves beijos sobre seus dedos.

— Seu novo pulmão está funcionando perfeitamente — informou o médico. — Agora é se recuperar.

— Quais são os riscos agora? — Letícia perguntou.

— Os dois primeiros meses pode ocorrer a rejeição do órgão, por isto ele vai ficar aqui por esse prazo — explicou. — Queremos ter certeza de que nada vai dar errado e também estar perto para caso precise de ajuda.

— Dois longos meses — murmurou Álvaro olhando para o teto. — É melhor do que nada.

— Sim, muito melhor do que nada. — Guilherme concordou.

— Não vai se livrar de mim tão cedo, Álvaro. — O médico disse. — Mesmo depois desses dois meses, terá que vim ao hospital frequentemente. O

pneumologista continuará te acompanhando para vermos a evolução da sua recuperação — jogou o estetoscópio no pescoço. — Ele deve passar aqui daqui a pouco.

— Obrigado. — Álvaro disse emocionado.

— Somente o meu trabalho — retribuiu com um sorriso.

Quando o tempo para visitas terminou, Letícia saiu de mãos dadas com Guilherme sentindo o coração leve e cheio de esperança.

Na porta do elevador uma jovem médica a chamou.

— Você é a filha do senhor Queiroz?

— Sim, sou Letícia. — Lhe ofereceu uma mão.

— Muito prazer, Letícia, sou a doutora Mendes — apertou sua mão sorridente. — Antes da cirurgia do seu pai, eu o perguntei se queria que eu ligasse para alguém e como sabe, ele decidiu que seria melhor não informar seus familiares.

— O repreendi por isto. — Letícia confessou.

— Então, ele me disse que se vivesse era para ligar para você — contou. — Mas caso morresse, pediu que eu te dissesse uma coisa.

— Que coisa? — perguntou ansiosa.

— Que te amou desde o primeiro instante em que suspeitou da sua existência.

Ela precisou de alguns minutos para compreender o que a médica disse. Um sorriso emocionado logo se formou em seus lábios e lágrimas encheram seus olhos claros.

— Obrigada por me dizer — abraçou a médica.

— Imaginei que ele não falaria — respondeu quando se afastou. — Às vezes, nós filhas, só precisamos saber que somos amadas por nossos pais.

Letícia fungou de leve e limpou rapidamente a lágrima que escorreu em sua bochecha.

— Você tem razão, mais uma vez obrigada.

Sorriu para Guilherme e com as forças renovadas, foram embora.



Guilherme segurou um bufo de indignação quando estacionou na porta de sua casa. Haviam saído do hospital com a promessa de que sempre voltariam para visitar Álvaro.

Inocentemente pensou que enfim teria um momento de tranquilidade com Letícia, mas ao entrar na sua rua avistou o carro de Vitor. E para sua completa falta de sorte, seu irmão estava acompanhado pela avó de Sofia.

— Que demora! — Lurdes exclamou do lado de fora.

— Até onde me lembro, não tenho nada marcado com a senhora — retrucou.

— Guilherme! — Letícia o repreendeu rindo.

— Senhora é sua mãe! — apontou o dedo para ele. — Saia logo desse carro e me leve para tomar um café na sua cozinha.

— Limites é algo que você não conhece — resmungou.

— Nem pretendo — riu.

Guilherme saiu do carro e beijou a face da incontrolável senhora.

— Pelo menos é gentil. — Lurdes disse a ele. — Olha só o tamanho desta barriga! — exclamou abraçando Letícia.

— Estão crescendo bem rápido agora. — Letícia disse rindo. — Como vai, Lurdes?

— Agora eu estou louca por uma xícara de café — disse fazendo um sinal desdenhoso com as mãos.

— Então vamos entrar, vou passar um café. — Letícia riu e enlaçou seu braço ao dela.

Guilherme olhou feio para o irmão.

— Tentei impedi-la. — Vitor se defendeu.

— Como se alguém fosse capaz! — Lurdes exclamou. — Traga minhas sacolas — ordenou.

— Você vai estar muito ferrado se Sofia ficar igual a avó quando envelhecer. — Guilherme murmurou.

Vitor riu concordando e pegou as sacolas de Lurdes no carro.

— Eu ouvi isto! — gritou.

— Completamente ferrado — brincou Vitor.

— Sofia não teria tanta sorte assim em parecer comigo. — Lurdes desdenhou. — E eu não sou velha, sou experiente.

— Muito experiente. — Guilherme a corrigiu em tom de provocação.

— Como você o aguenta? — Lurdes perguntou a Letícia.

— Me apaixonei, acredito que não tenha mais volta. — Ela respondeu

brincando.

— O amor nos reduz a meros tolos — suspirou dramaticamente.

Letícia riu concordando e guiou Lurdes até a cozinha. Ouviu Guilherme dizendo a Vitor que mostraria os berços que Vinicius montou mais cedo. Vitor gargalhou e disse algo como “*Espero que ainda estejam de pé*” antes de irem para o quarto.

— Como se sente, querida? — Lurdes perguntou assim que se acomodou na cadeira.

— Estou bem — afirmou enquanto colocava a água para ferver.

— Bem mesmo? Tem passado por muita coisa nos últimos dias. — Lurdes afirmou.

Letícia sorriu tristemente e se sentou na frente da avó de Sofia.

— Estou fisicamente bem — contou. — Meu coração ainda dói toda vez que penso em meu avô.

— E vai doer sempre — disse Lurdes cheia de compaixão. — Mas não com a mesma intensidade de agora — garantiu com sabedoria.

— Espero que sim — suspirou. — Tento me confortar dizendo que ele está bem.

— Mas nosso coração é egoísta. — Lurdes completou dando de ombros. — Sempre queremos ter quem amamos por perto.

— Mesmo que o amor nos reduza a tolos? — Letícia brincou.

— Principalmente por isto — riu. — Quando perdi meu marido, foi como se perdesse metade de mim — confessou. — Ou como se me arrancassem uma perna — suspirou de leve. — Nunca mais me senti completa daquela forma, desde então — revelou. — Nossa situação é diferente, mas o luto é sempre pelo mesmo motivo — acenou. — Perder alguém que tanto amamos — sorriu carinhosamente. — Naquela época eu tinha Lucia, meus netos e até o traste do Carlos — riu. — Foi o que me fez seguir em frente — confidenciou. — E você, Letícia, tem o Guilherme e esses pequenos em seu ventre.

— E agora um pai. — Letícia completou.

Lurdes acenou concordando.

— Substitua a dor pelo amor — aconselhou.

— Me deixar ser uma tola completa? — brincou.

— Sim, uma tola de amor — riu. — Agora você tem uma família aqui dentro — apontou para as paredes. — Viva isto com muita intensidade.

— Vou garantir isto. — Guilherme disse ao entrar na cozinha.
— Seja útil. — Lurdes disse com arrogância para ele.
— Sou sempre útil. — Se defendeu.
— Isto eu não posso negar — deu de ombros rindo.
— Acho que o céu vai cair. — Vitor brincou se sentando ao lado de Lurdes.
— Ela está dando conselhos.

— E concordando com alguém que não é o próprio ego. — Guilherme a provocou.

— Retiro tudo o que disse sobre você, projeto de traste. — Lurdes disse brava.

Todos deram risadas e as provocações não pararam até que Vitor arrastou Lurdes para o carro, dando a chance de Guilherme e Letícia, enfim, ficarem sozinhos.

E eles aproveitaram ao máximo a paz daquela tarde.

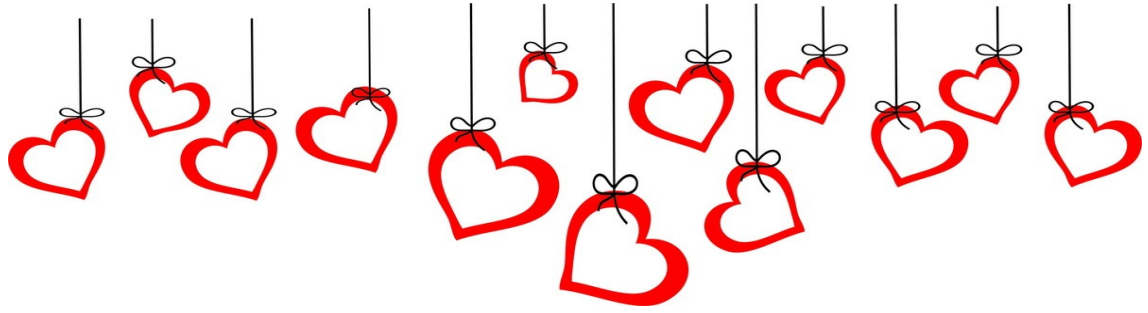
Passaram o resto do dia entre as cobertas, conversando e trocando confidências. Conhecendo um pouco mais um do outro. Riram sobre suas manias não muito agradáveis, mas que todo casal tem que se acostumar. Guilherme, apesar de sua formação militar, tinha o péssimo hábito de deixar a toalha molhada sobre a cama. Letícia nunca tampava a pasta de dente. Guilherme sempre colocava o pote vazio de iogurte em cima da pia e não no lixo. Letícia nunca guardava seus sapatos, os deixava espalhados pela casa.

Suas manias enlouqueciam um ao outro, mas enquanto conversavam sobre aquele assunto, somente deram grandes e altas gargalhadas.

Aquilo era necessário para sustentar um relacionamento saudável. O equilíbrio mantinha o companheirismo leve, vivo. O amor era o grande responsável pelo sucesso, por vencer “a escada”, um degrau de cada vez, não é mesmo?

O namoro é um teste, uma amostra, ou até mesmo, um ensaio. Você nunca tem certeza de nada, nunca conhecerá seu parceiro inteiramente. A cada dia um segredo é revelado, as manias são expostas. As informações vêm com a convivência, com o dia a dia e você só tem que procurar a melhor forma de se adaptar.

Nem tudo será flores e corações, mas o amor supria o que faltava.



Capítulo Vinte

Sabe aquela sensação de estar no caminho certo?

De que a vida lhe direcionou para aquilo e a única opção que teve foi erguer a cabeça e seguir em frente. Não podia parar! Quem parava, nunca descobriria a beleza que se esconde no horizonte.

O problema é que a trilha não era simples. Cheias de altos e baixos. Buracos e enormes rochas, montanhas desgastantes. Em alguns momentos cercado por uma linda floresta e em outros, um enorme deserto. Um deserto que suga suas forças, lhe tira o ar e quase o coloca de joelhos.

Como não desistir? Jogar a toalha? Pendurar as chuteiras? Pedir para sair?

Ninguém poderia julgá-lo por desistir, por implorar por ajuda. Ou simplesmente se sentar por um momento, enquanto no mais profundo da sua alma somente deseja um frescor para seu espírito.

Uma pausa.

Um momento para si.

Um instante para pensar.

E com muito pesar chegar à conclusão de que era hora de parar, assim como Guilherme e Letícia.

Eles simplesmente pararam de procurar pela peça certa, aceitando ser mais uma daquelas inúmeras peças perdidas de um grande quebra-cabeça. No entanto, não esperavam que o destino não tinha desistido deles.

Afinal, eles foram destinados a se amarem.

Tudo o que precisou foi um acidente, que quase os matou, para se conhecerem. Provando que nem sempre o destino era delicado, mas que no fim tinha um bom propósito.

Eles se encaixavam com perfeição.

Suas almas eram irmãs, gêmeas para ser mais exato.

Quem poderia dizer o contrário? Resposta fácil, ninguém.

Afinal, ninguém era capaz de contestar os sentimentos. Letícia e Guilherme também não lutam contra e seguem a direção que o destino os colocou.

Amar era a melhor solução.

Ele soltou a venda dos olhos dela assim que pararam na frente da mesa, montada para dois, no deque da casa do lago de sua família.

— Uau. — Letícia murmurou encantada.

Luzes enfeitavam estrategicamente o deque e no centro havia uma bela mesa adornada com flores. No canto ao lado havia um sofá redondo, conhecido por namoradeira de jardim, cheio de almofadas.

— Nosso primeiro encontro foi arruinado...

— Interrompido. — Ela o corrigiu.

Guilherme sorriu e a conduziu até a mesa.

— Interrompido por um adolescente, que no caso é meu filho, imprudente — puxou a cadeira para ela. — Então, decidi que estava na hora de termos a oportunidade de um segundo encontro perfeito.

— Garantiu que Luan estava dentro de casa? — brincou.

— Mandei uma viatura para a porta dele — retrucou sorrindo. — Só por garantia.

— Guilherme! — exclamou acreditando.

— Estou brincando, talvez um policial à paisana. — Se sentou na frente dela.

— Você é terrível — acusou rindo.

— Não queria correr o risco — deu de ombros. — Mas esse é somente um dos muitos encontros que vamos ter — prometeu.

— É mesmo? — ergueu uma sobrancelha para ele.

— Sim, não vou deixar de levá-la para sair — garantiu. — Ou de tentar surpreendê-la como nesta noite.

— Realmente me surpreendeu.

— Tive muito trabalho, ficaria desapontado se não gostasse. — A provocou.

— Espero que o jantar também seja surpreendente. — Letícia disse com petulância.

— Tenha certeza disto — apontou para a entrada do deque.

Letícia se virou e viu duas mulheres, devidamente uniformizadas, se aproximando com um carrinho de comida.

— Sim, você conseguiu — afirmou a ele.

— O quê?

— Me surpreender completamente — respondeu com uma expressão animada.

— Mas nada pode ser melhor do que pizza com as mãos. — Guilherme brincou.

— Nada. — Letícia garantiu.

Eles foram servidos e ficaram sozinhos no segundo depois.

— O cheiro está tão bom. — Letícia suspirou. — Tenho até medo de comer e não ser elegante — riu.

— Os meninos estão famintos. — Guilherme afirmou orgulhoso.

— Sim — gemeu. — Deveriam nascer logo.

— Só mais alguns meses e você vai desejar tê-los de volta ao útero — provocou.

— Não me aterrorize desta forma — apontou e levou o garfo a boca. — *Hm*, isto está incrível.



Assim que terminaram o jantar, Guilherme os serviu a sobremesa e guiou Letícia até o sofá logo depois. Enquanto ela ainda comia o doce, ele retirou suas sandálias de salto para que ficasse mais confortável. Também tirou seus sapatos e se acomodou ao lado dela.

— Acho o céu esplêndido — confessou Letícia.

Guilherme olhou para o céu por um segundo e depois voltou a encarar Letícia, ela levava sua última colher de sobremesa na boca. Pegou sua taça e a colocou no chão, depois voltou ao seu lado a aconchegando em seus braços.

Juntos encararam o céu.

— Como é possível tanta beleza numa imensidão desta, aparentemente tão simples? — perguntou ela.

— Não sei, talvez eu seja um idiota, mas o céu pra mim, só é o céu. — Guilherme disse dando de ombros.

— Não sou como um idiota. — Letícia riu. — Mas talvez você seja um.

— Ainda bem que você descobriu isto só depois de me amar. — Ele disse rindo.

— Ainda bem mesmo — apontou para o céu. — Olhe só para isto! Parece tão livre — refletiu. — Esbanja uma calma liberdade que acredito que nenhum de nós, meros mortais, poderiam entender.

— Nisto eu concordo — brincou. — E essa lua? — questionou querendo ouvi-la.

— Tão cheia de si, não é mesmo? — sorriu. — E não para menos, tão bela que acredito que essas estrelas estejam ali somente para admirá-la.

— Assim como eu estou aqui, somente para admirar você. — Guilherme disse.

Letícia o olhou imediatamente, pega de surpresa por sua declaração. Seu olhar congelou na intensidade do dele, vendo a própria alma refletida.

— Você é minha Lua e eu sou seu eterno admirador — declarou.

Guilherme se inclinou sobre ela, tomando o devido cuidado com a barriga de cinco meses, e a beijou delicadamente. Seguindo a ironia do destino, se perdeu no céu da boca dela e ela se encontrou na sua.

Perdido na imensidão esplêndida, como Letícia mesmo havia se referido anteriormente, dos beijos dela. Imersos em uma profunda ternura, mergulhados em uma viagem sem volta. Suas mãos desenharam o corpo dela com possessão e o belo vestido que Letícia usava, encontrou o chão.

O toque delicado dele queimava sua pele, alastrando arrepios provocantes. Seus beijos molhados e envolventes aceleravam seu coração, lhe tirava o ar. A amou com tanto afincado que marcou cada célula de seu corpo, firme suficiente para desejar mais.

O ar frio que vinha do lago roçava seus corpos nus, aquecidos por uma paixão de outro mundo. Se amaram com reverência, em uma plena adoração por tudo aquilo que sentiam.

Comemorando o final daquela caminhada solitária.

Ambos continuariam, mas juntos.

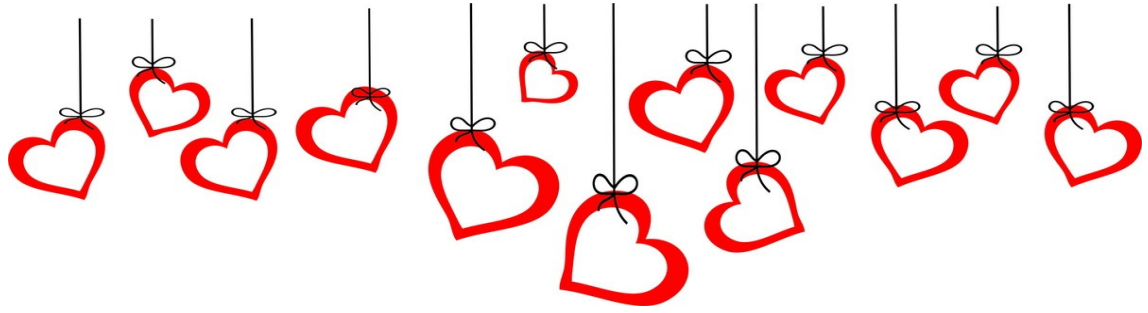
Recomeçariam de mãos dadas.

Recomeçariam com a certeza de amar.

De...

Um amor para recomeçar.

Fim.



Epílogo

Um ano depois.

Guilherme observou com calma seu irmão, Vitor, caminhar de um lado para o outro. Não dava para ignorar o fato que Vitor estava muito nervoso com o casamento. Hoje era o grande dia dele e de Sofia.

No entanto, o que ninguém esperava era que a noiva iria se atrasar tanto. Meia hora para ser mais exato.

— Converse com ele. — Leth murmurou ao seu lado.

— E o que eu vou dizer? — Guilherme perguntou olhando para o filho, Alec, adormecido em seus braços.

Os gêmeos, Alec e Matheus, vieram ao mundo em uma noite em grande estilo. Aos oito meses de gestação, estavam todos na casa de Carlos em um churrasco e Letícia começou a sentir leves dores. Claro que ela não contou nada para Guilherme até ter certeza do que estava acontecendo.

Guilherme ainda podia sentir o arrepio de pânico que sentiu quando ouviu Lurdes gritar “Vai nascer”. Não existia nada além dos gêmeos para nascer entre eles naquela noite. Seu copo de cerveja se espatifou no chão em menos de segundos quando encontrou sua mulher com olhos.

Apoiada na porta da cozinha e com as pernas levemente abertas. Guilherme olhou para os pés dela e avistou o chão molhado. A única coisa que pensou no instante era, “Que Deus o ajudasse”, pois tinha tomado mais cerveja do que poderia contar nos dedos das mãos e *dos pés*.

Correu até ela e até hoje, um ano e quatro meses depois, não sabia como conseguiu. Já que seu equilíbrio estava afetado pelo álcool. Segurou a cintura dela, mas prudentemente não a carregou, sabia que sua força também estava abalada pelos copos de uma deliciosa cerveja.

Carlos foi o primeiro a gritar que deveriam carregá-la para o carro. Não podia discordar, realmente precisavam levá-la para o carro, *mas como?* Todos os homens presentes se ofereceram e juntos chegaram à conclusão de que poderiam levá-la se trabalhassem em equipe. O que se resumiria em um bando de homens embriagados tentando carregar uma mulher em trabalho de parto.

Que não era uma boa ideia, hoje todos sabiam disto, mas na hora acharam que daria certo. Se não fosse por sua mãe, Elis, Guilherme tinha medo de saber o que poderia ter acontecido. Ela os proibiu de tocar em Letícia com uma enorme autoridade, porém, eles protestaram afirmando que conseguiriam.

Letícia se estressou logo em seguida quando uma contração atravessou seu corpo. Gritou com todas as letras enfatizadas que poderia andar. Ninguém ousou contradizê-la e Álvaro, o único homem sóbrio, a acompanhou até seu carro, onde o motorista esperava pacientemente. O pai de Letícia se recuperou tão bem que poderia ser considerado um milagre de Deus e da medicina.

Guilherme entrou com ela sem nem mesmo teimar que poderia dirigir, mal mantinha seu corpo na vertical, imagine só controlar um carro em plena madrugada.

As mulheres tomaram conta da direção dos outros carros e levou o bando de bêbados para o hospital. O que foi uma loucura completa. Quase se esqueceram de que a paciente seria Letícia, mas Guilherme nunca a esqueceria, mesmo com a mente inundada por álcool.

Doutora Jussara colocou Letícia em um soro, dando a ela o alívio de suas dores, e a Guilherme também. Apesar de todo nervosismo e amor, ele estava embriagado e se não se recuperasse a tempo, não poderia acompanhar o parto.

Então se deitou pacientemente em uma maca ao lado da dela e segurou sua mão. Nunca se esqueceria do medo nos olhos dela aquela noite, também sentiu medo, mas afirmou a ela, com toda convicção possível, que ficaria tudo bem. Os meninos iriam ficar bem. Ela iria ficar bem. E por garantia, ele ficaria bem para estar com ela o tempo todo. Não sairia do seu lado, não saiu do lado dela. Em nenhum momento.

Algumas horas depois, Letícia desistiu de tentar pelo parto normal e aceitou que a cesariana era a melhor opção, pois não teve dilatação suficiente.

Guilherme se sentou ao lado dela, ainda com a intravenosa no braço recebendo glicose, e conversou com sua mulher por todo o tempo. Segurou sua mão, beijou seu rosto e garantiu a ela que logo os meninos estariam em seus braços.

Deus os abençoou com dois meninos lindos e saudáveis. Letícia chorou de emoção e Guilherme ... bem, Guilherme chorou também, mas depois brincou culpando o resto do álcool que tinha em seu sangue.

Quando saiu para informar sua família tudo o que tinha acontecido, somente encontrou as mulheres, Luan e Álvaro, na sala de espera. Perguntou pelos parceiros de copo e Lurdes resmungou algo como “Aquele bando de

inúteis estão tomando glicose, *trastes*”.

Lembra de ter gargalhado e contado a novidade para a família. Seus filhos nasceram e logo estariam prontos para visita. No entanto, Guilherme não resistiu a ir ver seus irmãos e amigos. Encontrou todos em um quarto só, alguns sentados, outros deitados dividindo a mesma cama hospitalar. Amontoados em três camas. Tirou uma foto e espalhou para todos familiares e amigos que conhecia.

— Guilherme! — Letícia grunhiu e acertou seu braço com um tapa.

— Diga, minha Lua — sorriu sabendo que ela se derretia quando a chamava com apelidos carinhosos.

— Não estava me ouvindo! — resmungou brava e Matheus mexia ansioso em seu braço.

Matheus era a pequena cópia de Vinicius. Mesmo sem laços de sangue, Guilherme sabia que o garoto seria tão terrível quanto seu irmão.

— Eu sempre te escuto — afirmou.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— É mesmo?

— Tudo bem, nem sempre. — Se corrigiu.

Vinicius que estava sentado no mesmo sofá que eles, gargalhou alto e cochichou com Letícia.

— Acha que ele enfarta até a lua de mel?

— Você falou tão baixo que os convidados lá fora poderiam te ouvir. — Pedro apontou do outro sofá.

— Não está ajudando seu irmão. — Letícia os repreendeu. — Como diz Lurdes, *bando de trastes*.

— Ficando igualzinho a ela. — Vinicius a provocou e pegou Matheus dos braços dela.

O colocou de pé sobre o colo, segurando-o por sua pequena cintura fazendo-o pular.

— Não acha, Theus, sua mãe tá ficando igual a louca da bisa Lurdes — disse e o menino riu sem entender.

Suas mãos pequenas seguraram as bochechas do tio resmungando algumas coisas.

— Viu, ele concorda comigo. — Vinicius disse rindo.

— Ele só está dizendo que você é um tio chato. — Daniel o provocou.

Todos olhos se voltaram para a porta quando Gustavo entrou.

— Ela chegou? — Vitor perguntou aflito.

— Não.

Antes que Vitor pudesse fazer mais perguntas ou continuar sua caminhada pela sala da casa do lago, seu celular tocou. Todos ficaram em silêncio ouvindo suas respostas com o ar preso quando Vitor parecia ser ar.

Sofia queria conversar com ele, deixando todos tensos.

— Eu dirijo. — Guilherme se levantou e colocou Alec no colchão que estava no chão da sala para as crianças.

— Vou com vocês. — Vinicius se levantou entregando Matheus para Letícia.

Guilherme beijou a mulher antes dos três correrem para fora.

Não foi fácil dirigir com a pressa de Vitor, mas Guilherme tentou manter a calma. O que mais o irritou por todo o caminho era o celular de Vinicius, que tocava sem parar e o irmão não atendia.

Estreitou os olhos para ele pelo retrovisor e Vinicius fez cara de paisagem. Desconfiou de algo, mas não fazia ideia do que poderia estar acontecendo. Olhou para Vitor, mas seu irmão estava não imerso no próprio desespero que não percebeu algo diferente com Vinicius.

Uma hora depois eles estavam de volta, escoltando o carro da noiva. Vitor parecia mais calmo e o celular de Vinicius continuava apitando com mensagens. Desta vez, Vitor estava mais relaxado, mesmo sabendo que seu casamento estava mais atrasado do que o aceitável, e reparou no insistente toque do celular.

— Atende essa merda, Vinicius. — Vitor resmungou.

— Não — respondeu dando de ombros.

— Então, coloca no silencioso. — Guilherme disse.

— Não.

Guilherme e Vitor se encararam achando estranho o fato do irmão não atender. Ele não colocar no silencioso, era seu jeito de ser irritante, mas não atender? Vitor se virou no banco e encarou Vinicius.

— Conta logo — exigiu.

— Nada a contar — sorriu.

— Você está aprontando algo. — Vitor acusou.

— Nadinha — respondeu fazendo cara de inocente.

— Eu vou quebrar sua cara se não dizer! — Guilherme ameaçou. — Vai sair nas fotos com um olho roxo.

— Só gosto de deixar as pessoas desesperadas — deu de ombros.

— Ele não vai contar. — Vitor afirmou voltando para frente.

— Vamos arrancar dele. — Guilherme afirmou.

A vontade se socar o irmão continuou por mais alguns minutos, mas eles estavam muito perto da casa do lago e Guilherme não queria atrasar mais o casamento. Dirigiu em silêncio, mesmo se irritando com cada toque de mensagem ou ligação que Vinicius recebia.

O casamento começou no segundo depois que chegaram, Letícia ficou ao seu lado e juntos testemunharam a união de Vitor e Sofia.

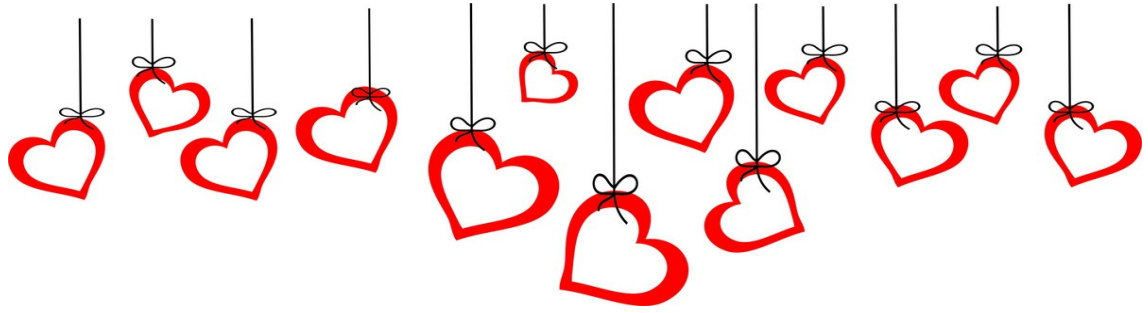
Guilherme olhou para ela com amor, logo seria a vez deles de trocarem alianças. Dá-la seu sobrenome seria uma mera formalidade para saciar sua possessividade, pois ele já havia dado a ela tudo de si.

Sua casa, sua vida, seus dias.

Sua alma.

Ela já era sua desde que seus carros se chocaram de frente, dando-lhe uma nova chance de viver *um amor para recomeçar*.

Fim



Capítulo Bônus

Por Guilherme

Caminhei de um lado para o outro tentando pensar no que dizer. Meu bom Jesus, eu não podia pensar. Só conseguia imaginar policiais fazendo strip-tease, ou seriam bombeiros?

Vou matar aquela velha Lurdes! Gritei em pensamentos.

A verdadeira culpada pela ideia de uma despedida de solteira para Letícia. Eu não desejava uma, mas o máximo que faria era sair pra tomar algumas cervejas. Porém, a mentora desse absurdo, tinha uma mente diabólica.

— Pare de andar de um lado para o outro. — Leth disse passando por mim colocando um brinco.

— Aonde vai? — perguntei segurando a vontade de roer as unhas.

Desde quando eu roía unhas? Me perguntei levemente distraído.

— Fazer a última prova do vestido — anunciou.

Beijou de leve meus lábios e quando ia se afastar, a segurei.

— Por que parece tão aflito? — perguntou tranquila.

— Porque está tão tranquila em deixar Lurdes orquestrar uma despedida de solteira pra você? — retruquei. — E você não é solteira — pontuei.

— Então é isto — riu e abraçou meu pescoço. — Do que está com medo?

— Não estou com medo — protestei imediatamente.

— Sério? — ergueu aquela sobrancelha linda que conseguia qualquer resposta de mim. — Medo de que eu beba muita tequila?

— Vai beber muita tequila? — questionei tentando não parecer desesperado.

— Ou acha que vou dançar em cima de uma mesa? — Me provocou.

— Quero ser convidado se planeja isto — brinquei e ela riu.

— Hm — fez cara de pensativa. — Dançar e tirar a roupa em cima da mesa?

— Vou caçá-la se fizer isto.

— Pode ser uma possibilidade — riu travessa.

— Letícia — digo em tom de aviso.

Ela me beija novamente e se afasta devagar.

— Não se preocupe — pegou sua bolsa e caminhou até a porta do nosso quarto.

— Sempre me preocupo, principalmente, se Lurdes está por perto — aponto.

— Também me preocuparia — riu. — Talvez ela tenha mencionado algo sobre policiais.

— O QUÊ? — gritei.

— Nada demais — deu de ombros rindo. — Só alguns homens fardados e sarados tirando as roupas.

Ela saiu me deixando plantado no meio do quarto em choque. Não era possível! Strip era demais para aceitar. Ainda mais policiais. *Que merda de fantasia era aquela?* Letícia me tinha e deveria ser suficiente. Poderia ficar fardado e tirar minhas roupas para ela quantas vezes quisesse.

Ciúmes bateu tão forte no meu peito que me fez sair como um foguete do quarto. Cheguei na sala tarde demais, corri para a porta, mas ela já tinha acelerado para longe.

Que porra é essa?

— Pai?

Virei para olhar Luan brincando com os gêmeos no chão da sala.

— Você está bem? — perguntou já rindo. — Letícia passou dizendo que provavelmente você sofreria um enfarto, mas logo se recuperaria.

— Filha da. — Me calei quando percebi os olhinhos atentos de Alec e Matheus em mim.

Luan gargalhou.

— Respira, pai, vai desmaiar.

Se ele não tivesse falado eu não teria percebido que prendia o ar. Soltei a pressão dos meus pulmões e tentei respirar devagar. Podia sentir meu rosto quente e as veias do meu pescoço e testa pulsarem sobre minha pele.

— Vou matá-la — resmunguei.

— Letícia? — perguntou me observando.

— Letícia e aquela velha — calei antes de praguejar na frente das crianças.

— Lurdes, vou enforcá-la.

— Vai ter que entrar na fila — brincou. — Carlos sempre quer fazer isto.

— Mas eu vou.

Comecei a andar de um lado para o outro novamente, tinha uma bomba dentro de mim que estava prestes a explodir. Que Deus me ajudasse, ou não iria sobrar um teto sobre minha cabeça quando aquele louco ciúmes saísse de dentro do meu peito.

Só parei de caminhar quando os gêmeos correram atrás de mim rindo, muito provavelmente achando engraçado aquela minha caminhada de raiva. Olhei para Luan e ele ainda me observava com um sorriso no rosto.

— Pare de rir ou vai entrar para fila de estrangulamento — ameacei e ele prensou os lábios em uma linha firme.

Menino esperto.

— Vou atrás dela — resmunguei.

Abaixei e beijei a testa de Alec.

— Quem? Leth ou Lurdes?

— Mamãe. — Matheus disse e repetiu umas três vezes antes que eu o beijasse na testa.

— Leth — murmurei. — Fique com eles, não demoro a voltar.

— Papai. — Alec ergueu os braços.

O peguei no colo e Matheus também queria, ter gêmeos era uma loucura. Braços firmes e fortes eram o essencial, *aja braços fortes*.

Alguns minutos depois consegui sair de casa. Dirigi lutando contra aquela vontade de roer as unhas de ansiedade. Sem contar que buzinei irritado para uns três carros, xinguei a mãe de uns cinco motoristas e quase atropeliei dois pedestres.

Meu humor causaria uma guerra se fosse possível. Ainda bem que as pessoas saíram do meu caminho, senão eu passaria por cima. Deus é testemunha que eu não queria, mas passaria.

Estacionei o carro de qualquer jeito na porta da loja de noivas e corri para entrar. Algumas atendentes arregaram os olhos para mim e minha mãe logo gritou.

— Não pode estar aqui!

— Preciso falar com Leth — protestei.

— Vá embora, Guilherme. — Cristina, mãe de Gustavo e Danilo, ordenou.

— Ele está aqui? — ouvi Letícia gritar parecendo aflita.

— Você não pode vê-la de noiva antes do casamento. — Laura disse parando na minha frente com as mãos pousadas nos quadris.

— Saia da minha frente — ordenei a elas. — Eu preciso falar com minha mulher.

— Ela está vestida! — Minha mãe exclamou.

— Não vou olhar — jurei. — Mas preciso falar com ela.

— Vai embora, Guilherme. — Letícia gritou.

— Não antes de conversamos — protestei.

As mulheres na minha frente me olharam e depois se encararam. Elas podiam ver a determinação nos meus olhos, eu não iria embora sem antes conversar com Letícia.

Sem paciência, dei a volta na pequena barreira delas e ignorei seus gritos de protestos. Parei na porta onde ouvi a voz de Letícia e fiquei de costas fazendo as mulheres suspirarem.

— Gui, não pode estar aqui. — Letícia protestou. — Não pode me ver com o vestido antes da hora.

— Estou de costas — dei dois passos para dentro. — Onde você está?

— Gui — gemeu frustrada.

— Se não vier até mim, vou me virar e ...

— Tá bom — protestou. — Dê mais uns três passos atrás.

Fiz o que ela mandou e uma funcionária da loja passou por mim, nos dando a privacidade que precisava no momento. Respirei devagar quando senti as costas dela contra a minha. Procurei por suas mãos e entrelacei nossos dedos.

— O que foi, meu amor? — perguntou tranquila. — Os meninos estão bem?

— Sim, eles estão bem — afirmei.

— Então qual é o problema, Gui?

— Não estava falando sério sobre os strips, neh? — perguntei e ouvi a risada dela.

— Está aqui por causa disto? — perguntou rindo.

— Isto não tem graça — protestei.

— Tem muita graça — pontuou e gargalhou.

— Se precisa de um policial sarado tirando a roupa para você, que seja eu!
— Isto é uma promessa? — Me provocou.
— Sempre — jurei.
— Eu não quero nenhum outro homem, amor — afirmou tranquila.
— Não estou desconfiando de você, só que. — calei não querendo parecer ridículo.

— Está quase morto de ciúmes — completou.
— Claro que estou com ciúmes, pelo amor de Deus! — exclamei. — Eu não sei quem matar primeiro! Aquela velha maldita da Lurdes ou.
— Não fale assim da minha avó. — Laura gritou de fora me interrompendo.
— Não disse nenhuma mentira — retruquei e depois abaixei a voz. — Velha maldita.

Letícia gargalhou novamente.

— Não ria — pedi.

Ela encostou a cabeça nas minhas costas completamente relaxada e tranquila.

— Não vai ter strips — afirmou para me tranquilizar. — Só vamos ter uma noite dos pijamas, comer algumas besteiras e beber algumas tequilas — contou. — Somente mulheres.

Meu corpo relaxou. Sabia que se tivesse homens em sua despedida de solteira eu seria preso por assassinato. Mataria cada um deles que chegasse perto dela, ou até mesmo de longe.

— Mais tranquilo? — perguntou rindo.

— Sim.

— Sabe que eu te amo, não é mesmo? — questionou.

— Sim, eu sei — suspirei. — Desculpe por isto.

— Por esse seu louco ciúmes? — Me provocou.

— Sim — resmunguei.

— Não precisa pedir desculpas, eu te amo do jeito que é — afirmou. — Não mudaria nada em você, minha alma gêmea.

— Eu também te amo, minha alma gêmea.

— Agora posso terminar a prova do vestido? — riu.

— Sim, vai ser a mais linda de todas as noivas — digo.

— Tudo por você — disse apertando nossos dedos. — Em menos de três dias eu vou estar caminhando na sua direção.

— Vou estar lá te esperando.

— Eu e o nosso bebê — sussurrou.

— Os meninos? — perguntei confuso.

— Eles também.

Demorei um segundo para entender o que ela estava me dizendo. Quando minha fixa caiu, fiquei em choque. Grávida. Teríamos mais um bebê. Foi aí que não me importei em fechar meus olhos com força e me virar. Agarrei sua cintura, que a um segundo atrás estava encostada em mim, e a trouxe para mais perto de mim.

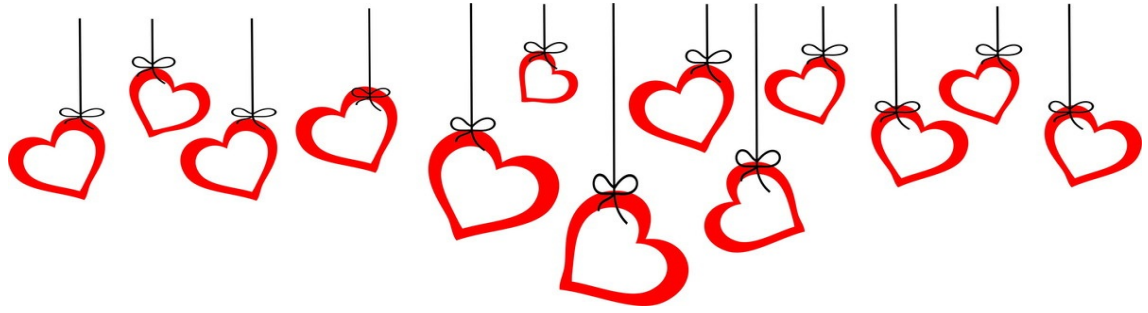
Ataquei sua boca em um beijo firme, não tinha como ser gentil e delicado. Precisava beijá-la com tudo de mim, demonstrar minha felicidade com atos, pois não era capaz de formar palavras.

Depois de dois anos, desde a última vez que a vi com uma linda barriga, ansiava repetir o momento. Tê-la grávida novamente, mais uma única vez. A realização daquele sonho fez com que todos os medos bobos e inseguranças que estava sentindo quando dirigi para cá, fossem chutados para longe.

Segurei sua nuca e aprofundei nosso beijo.

Não sei por quanto tempo a beijei, mas sei que ter outro pequeno ser para amar fez o meu mundo parar. Eu só queria abraçá-la e nunca mais soltar.

**“Desejo que você tenha a quem amar
E quando estiver bem cansado
Ainda, exista amor pra recomeçar”
(Amor para recomeçar – Frejat)**



Agradecimentos

Chegando ao fim de mais um trabalho, não me deixo esquecer de agradecer a todos, familiares e amigos, que estiveram ao meu lado. Dando-me todo o apoio necessário para realizar mais esse sonho. A cada livro, cada história, sinto-me muito realizada com a certeza de fechar mais um romance com chave de ouro.

Agradeço a Deus pela oportunidade, por me ajudar durante todo o tempo e nunca me abandonar.

Obrigada!

Table of Contents

[Querido leitor,](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo Bônus](#)

[Agradecimentos](#)